

# A PROFECIA

DAVID SELTZER



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

David Seltzer

# A profecia

Digitalização e Formatação de LeYtor

Círculo do Livro

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "The omen"

Copyright by David Seltzer

Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos

Capa original de Natanael Longo de Oliveira

Capa deste ebook de LeYtor

Licença editorial para o Círculo do Livro

por cortesia da Editora Record

É proibida a venda a quem não pertença ao Círculo

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado em oficinas próprias

4 6 8 10 9 7 5 3

*Aquele que tem entendimento  
Calcule o número da besta,  
Pois é número de homem.  
Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis.*

— O LIVRO DO APOCALIPSE, XIII, 18.

## *Prefácio*

Aconteceu numa fração de segundo. Um movimento nas galáxias, que deveria ter demorado milênios, ocorreu num piscar de olhos.

No observatório de Cape Hattie, um jovem astrônomo empertigou-se bruscamente, atordoado, estendendo a mão tarde demais para ativar a câmara que poderia ter registrado o movimento: o estilhaçar de três constelações que produziu a estrela negra e incandescente. Estilhaços voaram subitamente de Capricórnio, Câncer e Leão, encontrando-se com uma certeza magnética, fundindo-se numa brasa galáctica a pulsar. E que foi se tornando cada vez mais brilhante, enquanto as constelações estremeciam ... ou será que eram as mãos do jovem astrônomo que estavam tremendo no foco do telescópio, enquanto ele lutava para conter o seu grito de espanto e confusão?

Ele sentiu medo de estar sozinho com aquilo. Mas não estava. Das entranhas da Terra surgiu um som distante. Era o som de vozes humanas, talvez não, aumentando de intensidade no mesmo ritmo em que aumentava a potência da estrela. Em cavernas, porões, campos abertos, eles estavam reunidos, parteiros expectantes, somando mais de vinte mil. Mãos unidas, cabeças abaixadas, as vozes se erguiam, até que a vibração podia ser ouvida e sentida em toda parte. Era o som do OHM, elevando-se para os céus e descendo para as profundezas pré-bíblicas da Terra.

Era o sexto mês, o sexto dia, a sexta hora. O momento preciso, assim previsto no Novo Testamento, em que a história da Terra iria mudar. As guerras e as comoções dos últimos séculos tinham sido meros ensaios, uma avaliação do clima para determinar quando a humanidade estaria pronta para ser levada. No tempo de César, aquelas pessoas tinham aclamado enquanto os cristãos eram

devorados pelos leões. No tempo de Hitler, tinham delirado enquanto os judeus eram reduzidos a destroços carbonizados. E agora a democracia estava se deteriorando, as drogas que enfraqueciam a mente haviam se transformado num modo de viver. Nos poucos países em que ainda existia a liberdade de culto, proclamava-se abertamente que Deus estava morto. Do Laos ao Líbano, irmão se virava contra irmão, os pais contra os filhos. Ônibus escolares e mercados eram explodidos diariamente, no rumor crescente que preparava a turbulência iminente.

Os estudiosos da Bíblia também tinham visto o que estava para acontecer, com a ocorrência dos símbolos bíblicos que anunciavam o acontecimento. Sob a forma do Mercado Comum Europeu o Santo Império Romano ressurgira. Com a criação do Estado de Israel, os judeus tinham voltado à Terra Prometida. Tais fatos, somados à fome em escala mundial e à desintegração da estrutura econômica internacional, demonstravam claramente que estava ocorrendo algo mais que uma simples coincidência de eventos. Era obviamente uma *conspiração* de eventos. O Livro do Apocalipse previra tudo aquilo.

No céu, a estrela negra foi se tornando cada vez mais brilhante, enquanto o canto se tornava mais alto, o núcleo de basalto do planeta reverberando com a sua potência. No interior das ruínas da antiga cidade de Meggido, o velho Bugenhagem podia senti-lo. E chorou por isso. Seus pergaminhos e tábuas eram agora inúteis. E acima dele, no deserto de Israel, os estudantes de arqueologia trabalhando no turno da noite fizeram uma pausa, silenciosos por um momento, enquanto o chão começava a tremer.

Na sua poltrona de primeira classe do 747, que voava de Washington para Roma, Jeremy Thorn também sentiu e, num gesto corriqueiro, afivelou o cinto de segurança, preocupado com o que o aguardava lá embaixo. Mesmo que ele soubesse a razão daquela súbita turbulência, no entanto, teria sido tarde demais. Pois naquele exato momento, no porão do Ospedale Generale, em Roma, uma pedra esmagava a cabeça da criança que seria seu filho.

## Capítulo um

Em qualquer momento determinado, há sempre cem mil pessoas voando pelos céus em aviões. Era o tipo de estatística que atraía Thorn. Ao lê-la, na revista *Skyliner*, ele imediatamente dividiu a população humana entre os que estavam na terra e os que estavam no ar. Normalmente, ele se ocuparia com especulações mais sérias. Naquele vôo em particular, porém, agarrava qualquer coisa que pudesse manter seus pensamentos afastados da incerteza a que estava se dirigindo. Aquela estatística significava que, se a população em terra fosse subitamente aniquilada, ainda restariam cem mil pessoas no ar, tomando martinis e assistindo a filmes, sem saber que tudo estava perdido.

Enquanto seu avião sobrevoava os céus conturbados de Roma, ele se perguntou quantos homens e mulheres haveria naquela população no ar. Se pudessem encontrar um refúgio seguro onde pousar, será que tratariam de reconstruir uma sociedade civilizada? Provavelmente, os homens estavam em maioria, de um modo geral pertencentes à classe econômica superior. O que significava que possuíam habilidades relativamente inúteis, se voltassem a uma terra na qual já não mais existissem operários. Administradores sem ninguém para administrar, executivos sem ninguém para cumprir suas decisões. Talvez fosse uma boa ideia manter permanentemente no ar aviões carregados de mecânicos e operários, a fim de se ter a força braçal necessária para começar tudo novamente, em caso de necessidade. Não foi Mao Tsé-tung que disse algo parecido? O país com os melhores mecânicos é que melhor sobreviveria a um holocausto.

As engrenagens hidráulicas do avião gemeram subitamente. Thorn apagou o cigarro, olhando para as luzes indistintas, visíveis lá embaixo. Com tantas viagens nos últimos meses, aquela vista se

tornara familiar. Naquela noite, porém, trouxe-lhe uma terrível ansiedade. O telegrama que recebera em Washington já tinha doze horas de existência e certamente já estava acabado o que quer que tivesse acontecido. Ao contrário das duas vezes anteriores, em que a gravidez de Katherine durara apenas uns poucos meses, aquela tinha chegado até o oitavo mês. E se alguma coisa tivesse saído errado agora, ele sabia que Katherine estaria irremediavelmente perdida.

Ele e Katherine se conheciam desde a infância. Aos dezessete anos, a instabilidade dela já era patente. Os olhos de animal acuado suplicavam por alguém que a protegesse e ele se sentia à vontade no papel de protetor. Fora essa a base do relacionamento entre os dois. Nos últimos anos, no entanto, à medida que as responsabilidades dele iam se estendendo além de Katherine, ela fora ficando para trás, solitária e isolada, incapaz de assumir os deveres da esposa de um político.

O primeiro sinal da angústia de Katherine passou quase I despercebido. E Thorn manifestou desgosto ao invés de preocupação, no momento em que chegou em casa e descobriu que a esposa pegara uma tesoura e cortara seus lindos cabelos impietosamente. Depois disso passou a usar uma peruca, enquanto seus cabelos cresciam novamente. Um ano depois Thorn a encontrou no banheiro, fazendo pequenos talhos nas pontas dos dedos com uma gilete, desesperada ainda mais por não saber por que estava agindo assim. Foi então que os dois procuraram ajuda, recorrendo a um psiquiatra, que se limitava a ficar sentado, num silêncio pachorrento. Katherine largou o tratamento depois de um mês, decidindo que precisava era ter um filho.

A concepção ocorreu imediatamente e os três meses daquela primeira gravidez tinham sido os melhores de sua vida de casados. Katherine estava linda e sentia-se maravilhosamente bem, chegando a acompanhar o marido numa viagem ao Extremo Oriente. A gravidez terminou no banheiro de um avião, a água azulada levando de roldão as esperanças de Katherine, enquanto ela chorava desesperadamente.

A segunda gravidez demorou dois anos para se declarar e quase destruiu a vida sexual do casal, que anteriormente havia sido o sustentáculo do relacionamento. O especialista em fertilidade havia determinado como o melhor momento do\* ciclo menstrual de Katherine uma hora do dia em que era difícil para Thorn estar ao lado dela. Havia se sentido um tolo, mês após mês, saindo às pressas de seu escritório para desempenhar a tarefa, de maneira superficial e mecânica. O especialista chegou mesmo a sugerir que ele se masturbasse, para que o sêmen fosse colhido e depois injetado artificialmente. Mas Thorn se recusou veementemente. Se uma criança era tão importante assim, Katherine poderia adotá-la. Mas não era isso o que ela desejava. A criança tinha que ser filho deles.

Finalmente, uma célula solitária se encontrou com outras e a esperança tornou a desabrochar, durante cinco meses e meio. Desta vez, as dores tinham começado num supermercado. Obstinadamente, Katherine continuou a fazer as compras, procurando negar as dores, até que não foi mais possível. Os médicos disseram que foi uma bênção, pois o feto não era perfeito. Mas isso serviu apenas para aumentar o desespero de Katherine, que mergulhou numa depressão profunda, da qual só começou a emergir seis meses depois. Agora era a terceira gravidez e Thorn sabia que seria a última. Se algo saísse errado desta vez seria o fim da sanidade mental de Katherine.

O avião tocou na pista e soaram aplausos rápidos, uma confissão franca de que os passageiros estavam maravilhados, talvez mesmo um pouco surpresos por terem conseguido retornar a terra vivos. "Por que insistimos em voar?", perguntou-se Thorn. "Será que a vida é tão dispensável assim?" Continuou sentado, enquanto os outros passageiros pegavam as bagagens de mão e dirigiam-se para a porta. Ele teria o tratamento de uma pessoa muito importante: após uma rápida passagem pela alfândega iria direto para um carro à sua espera. Era a melhor parte de sua volta a Roma, pois ali ele era quase uma celebridade. Como assessor econômico do presidente, era o diretor da Conferência Econômica

Mundial, que tinha sido transferida de Zurique para Roma. A agenda inicial de quatro semanas já se prolongava por quase seis meses. Durante esse tempo, os *paparazzi* haviam começado a dispensar-lhe alguma atenção, espalhando-se o rumor de que, dentro de alguns anos, ele poderia vir a ser um forte candidato à presidência dos Estados Unidos.

Aos quarenta e dois anos de idade, Jeremy Thorn estava no auge de suas capacidades. Preparara cuidadosamente o caminho para o que agora parecia inevitável. Sua designação para dirigir a Conferência Econômica havia atraído a atenção pública, proporcionando-lhe um trampolim para uma vaga de embaixador, depois um posto no Gabinete e, finalmente, a eleição. O fato de o atual presidente dos Estados Unidos ter sido um antigo colega de quarto dele, na universidade, não constituía um obstáculo. Diga-se de passagem, a bem da verdade, que Jeremy Thorn chegara onde estava por seu próprio esforço.

As fábricas da família haviam prosperado consideravelmente durante a guerra, proporcionando-lhe a melhor educação que o dinheiro podia comprar e uma vida tranquila, do ponto de vista econômico. Quando o pai morreu, ele fechou as fábricas, contrariando a opinião de todos os seus conselheiros, jurando que nunca mais tornaria a contribuir para a fabricação de instrumentos de destruição. Toda guerra é fratricida. Fora Adlai Stevenson quem o dissera e era Thorn quem o citava com frequência. A fortuna de Thorn se multiplicou, nas atividades de paz. Ele evoluiu dos investimentos imobiliários para a construção, dedicando-se com entusiasmo à melhoria dos guetos urbanos e concedendo pequenos empréstimos comerciais aos capazes e necessitados. Era justamente isso o que o tornava diferente: o dom para acumular dinheiro e o senso de responsabilidade para com aqueles que nada tinham. Era impossível verificar a estimativa de que a sua fortuna pessoal beirava os cem milhões de dólares. Na verdade, o próprio Thorn não tinha a menor ideia de quanto possuía. Para contar, ele teria que parar — e Jeremy Thorn era um homem em constante movimento.

No momento em que o táxi parou diante do prédio escuro do Ospedale Generale, o Padre Spilletto olhou pela janela de seu gabinete no segundo andar. Percebeu no mesmo instante que o homem que saltava era Jeremy Thorn. Já vira aquele queixo firme e as têmporas grisalhas nas fotografias publicadas pelos jornais. O traje e o porte do homem também lhe pareciam familiares. E era ótimo que Thorn se parecesse exatamente ao que ele esperava. A escolha fora acertada.

Ajeitando a batina, o padre levantou-se, o vulto enorme **diminuindo** a escrivaninha de madeira à sua frente. Sem qualquer **expressão** determinada, encaminhou-se para a porta. Os passos **de** Thorn já soavam lá embaixo, entrando no prédio, **ressoando**, enquanto ele avançava pelo chão de ladrilhos.

— Mr. Thorn?

Lá embaixo, Thorn virou-se, os olhos esquadrinhando a escuridão acima.

— Pois não?

— Sou o Padre Spilletto. Eu lhe mandei ...

— Já sei. Recebi seu telegrama e vim o mais depressa possível.

O padre entrou numa área iluminada e começou a descer a escada. Algo na atitude dele, no silêncio que o cercava, indicava que nem tudo estava bem.

— A ... a criança nasceu? — indagou Thorn.

— Nasceu.

— E minha esposa?

— Ela está descansando.

O padre chegou à base da escada e seus olhos se encontraram com os de Thorn, procurando prepará-lo, tentando atenuar o golpe.

— Algo saiu errado ... — murmurou Thorn.

— A criança está morta.

Houve um momento de terrível silêncio, que parecia ecoar pelos corredores vazios. Thorn estava paralisado, como que atingido por um golpe físico.

— Respirou apenas por um instante e depois parou de respirar inteiramente — sussurrou o padre.

O Padre Spilletto ficou imóvel, observando, enquanto Thorn cambaleava até um banco, onde se sentou e baixou a cabeça, chorando desesperadamente. O som dos soluços ecoava pelos corredores e o padre ficou esperando pacientemente o momento conveniente para falar.

— Sua esposa está passando bem, mas não poderá ter outro filho.

— Isso irá destruí-la...

Podem adotar uma criança.

Ela queria ter seu próprio filho...

No silêncio que se seguiu, o padre adiantou-se. Suas feições eram rudes, mas serenas, e os olhos expressavam compaixão. Somente algumas gotas de suor denunciavam a tensão que o dominava.

— Você a ama profundamente — comentou ele.

Thorn assentiu, incapaz de falar.

— Deve então aceitar a vontade de Deus.

Das sombras de um corredor mergulhado na escuridão, emergiu uma freira idosa, os olhos implorando que o padre fosse falar-lhe. Os dois se reuniram, sussurrando em italiano por um momento, antes que a freira partisse e o padre voltasse para junto de Thorn. Nos olhos dele havia uma expressão estranha que fez Thorn ficar subitamente tenso.

— Deus age por caminhos misteriosos, Sr. Thorn.

O padre estendeu a mão. Thorn, levantando-se, sentiu-se compelido a segui-lo.

A sala da maternidade ficava no terceiro andar, e subiram por uma escada dos fundos, pouco usada e iluminada apenas por lâmpadas nuas. O lugar era escuro e limpo e o cheiro de bebês fez recrudescer a sensação de perda que pulsava nas entranhas de Thorn, como um martelo a bater impiedosamente. O padre aproximou-se de uma divisória de vidro e parou, esperando que Thorn viesse postar-se a seu lado. Hesitante, lentamente, Thorn aproximou-se e olhou para o que havia do outro lado. Era uma criança. Recém-nascida. Uma criança de perfeição angelical. Os cabelos pretos desgrenhados por cima dos olhos azuis, olhando para cima, encontraram-se instintivamente com os olhos de Thorn.

— É um órfão — disse o padre. — A mãe morreu, como o seu filho... na mesma hora.

Confuso, Thorn virou-se para o padre.

— Sua esposa precisa de uma criança, Sr. Thorn. E essa criança precisa de uma mãe.

Thorn sacudiu a cabeça, lentamente.

— Nós queríamos o nosso próprio filho.

— Se me permite dizer... a semelhança é muito grande...

Thorn tornou a olhar para a criança, descobrindo que era verdade. A criança tinha os olhos da mesma cor que os de Katherine, as feições lembravam as dele. O queixo era firme e tinha a fenda característica dos Thorn.

— A *signora* não precisa saber... — implorou o padre.

Diante do silêncio de Thorn o Padre Spilletto se animou. A mão de Thorn tinha começado a tremer e o padre apertou-a, infundindo-lhe confiança.

— É... é uma criança saudável? — indagou Thorn, com a voz trêmula.

— Uma criança perfeita, em todos os sentidos.

— E tem parentes?

— Absolutamente nenhum.

Ao redor deles, os corredores vazios ressoavam de silêncio uma quietude tão densa que martelava estrondosamente os ouvidos.

— Tenho plena autoridade aqui — disse o padre. — Não haverá registros. Ninguém saberá.

Thorn evitou os olhos dele, desesperado, ainda indeciso.

— Posso... ver o meu próprio filho?

— O que iria ganhar com isso? — implorou o padre.

— Dê seu amor a uma criança que está viva.

Do outro lado da divisória de vidro, a criança ergueu os braços na direção de Thorn, como se fosse um gesto de desejo.

— Pelo bem de sua esposa, *signor*, Deus irá perdoar essa pequena fraude. E pelo bem dessa criança, que jamais teria um lar...

O padre se calou, pois não mais precisava insistir. Depois de uma pausa, o Padre Spilletto acrescentou:

— Esta noite, Mr. Thorn... Deus lhe deu um filho. No céu noturno acima deles, a estrela negra atingiu o ápice, sendo subitamente destruída por um intenso raio de luz. E em seu leito de hospital Katherine Thorn julgou estar despertando naturalmente, sem saber da injeção que lhe fora aplicada alguns momentos antes. Sofrerá durante dez horas o trabalho de parto e sentira as contrações finais, mas resvalara para a inconsciência total antes de poder ver a criança. Agora, à medida que ia recuperando os sentidos, era invadida por um medo terrível. Mas lutou para acalmar-se, ao ouvir passos no corredor lá fora. A porta se abriu e ela viu o marido. E nos braços dele havia uma criança.

— Nosso filho — disse Jeremy Thorn, a voz tremendo de emoção. — Temos o nosso filho, Katherine.

Ela estendeu os braços e segurou o bebê, chorando de alegria. E observando a cena, através dos olhos embaçados pelas lágrimas, Thorn agradeceu a Deus por ter-lhe mostrado o caminho.

## *Capítulo dois*

Os Thorn pertenciam a famílias católicas, mas nenhum dos dois era religioso. Katherine de vez em quando ainda rezava e ia à igreja no Natal e na Páscoa, mais por tradição e sentimento do que pela crença no dogma católico. Jeremy Thorn era mais relapso e nunca levou a sério, ao contrário de Katherine, o fato de seu filho Damien jamais ter sido batizado. Não que eles não tivessem tentado. Logo depois do nascimento, tinham levado o bebê à igreja. Mas Damien demonstrara tamanho terror, ao entrarem na catedral, que tiveram de sair no mesmo instante. O padre os seguira até a rua, com a água benta na mão em concha, advertindo que se a criança não fosse batizada jamais poderia entrar no reino dos céus. Mas Thorn se recusara a permitir que a cerimônia continuasse, diante do estado de terror em que o bebê se encontrava. Para satisfazer Katherine, improvisaram uma cerimônia em casa. Mas Katherine não ficara totalmente satisfeita, esperando um dia voltar à igreja e providenciar para que a cerimônia de batismo de Damien fosse realizada corretamente.

Esse dia nunca chegou, pois eles se viram mergulhados num turbilhão de acontecimentos, esquecendo-se por completo do batismo. A Conferência Econômica chegou ao fim e eles se mudaram para Washington, onde Thorn reassumiu as suas funções como assessor presidencial, tornando-se rapidamente uma personalidade política, por si mesmo. A mansão deles em McLean, Virginia, tornou-se o palco de reuniões que seriam notícia nas colunas dos jornais de Nova York à Califórnia. A família Thorn logo se tornou conhecida dos leitores das revistas nacionais. Eram fotogênicos, ricos, estavam em ascensão. E, o que era mais importante, frequentemente apareciam em companhia do presidente. Era evidente que Thorn estava sendo preparado para

cargos mais altos e os especuladores políticos não se surpreenderam quando ele foi designado embaixador na corte de St. James, uma posição da maior importância, na qual poderia demonstrar, com o máximo de proveito possível, todo o seu potencial carismático.

Voltando a Londres, os Thorn fixaram residência numa mansão do século XVII, em Pereford. A vida tornou-se um sonho maravilhoso, especialmente para Katherine. Era tão perfeita, que chegava a dar medo. Em sua mansão rural ela podia permanecer praticamente isolada, sendo apenas a mãe do seu filho adorado. E, sempre que desejava, podia tornar-se subitamente a anfitriã impecável nas recepções diplomáticas oferecidas pelo marido. Agora que tinha o seu filho, Katherine era tudo, inclusive objeto de adoração para o marido. E ela desabrochava como uma orquídea, frágil, mas atraente, agradando a todos por seu viço e sua beleza.

A mansão de Pereford era elegante e estava impregnada de história da Inglaterra. Tinha uma adega onde um duque exilado se escondera, até ser encontrado e executado. Era cercada por uma floresta, onde o Rei Henrique V caçava javalis. Havia passagens secretas e alcovas ocultas. Acima de tudo, porém, a mansão tinha alegria, sempre repleta de convidados, muita conversa e risos, a todas as horas do dia.

Para os afazeres domésticos, havia um grupo que trabalhava durante o dia, além de um casal permanente, os Horton, muito britânicos, muito distintos, ela trabalhando como cozinheira e o marido como motorista. Para cuidar de Damien, quando Katherine estava ocupada com os deveres de esposa de embaixador, contrataram uma jovem inglesa meio gorducha, chamada Chessa, que era pouco mais que uma criança. Estava sempre alegre e bem disposta e logo se tornou um apêndice indispensável à família. Adorava Damien, como se fosse seu próprio filho. Passavam horas juntos, com Damien a segui-la pelo vasto gramado ou sentado junto ao pequeno lago, enquanto ela pegava girinos e libélulas, que levavam para casa dentro de vidros.

O menino estava crescendo e se transformando cada vez mais na representação que um artista poderia fazer da criança ideal. Nos três anos desde o nascimento, a promessa de perfeição física se convertera em realidade. A saúde e o vigor de Damien eram excepcionais. Parecia estar sempre sereno e contente, coisa rara numa criança. Os visitantes, porém, as vezes ficavam um pouco enervados com o olhar penetrante de Damien. Se a inteligência pode ser medida pelo grau de atenção, então ele era um gênio, porque passava horas sentado num banco de ferro, embaixo de uma macieira, contemplando as pessoas que entravam e saíam, absorvendo todos os detalhes do que acontecia ao seu redor. Horton, o motorista, de vez em quando levava-o em suas missões, desfrutando a sua companhia silenciosa, impressionado com a fascinação do menino por tudo que havia no mundo.

— Ele mais parece um homenzinho de Marte — comentou Horton um dia com a esposa. — Como se tivesse sido mandado para cá com o objetivo de estudar a raça humana.

— Tome cuidado com o que diz — falou a esposa. — A mãe tem adoração por ele e não gostaria de ouvi-lo dizer tal coisa.

— Não estou falando mal do menino, mas apenas dizendo que ele é um pouco diferente dos outros.

O único fator de inquietação em Damien era o fato de ele raramente usar a voz. Manifestava sua alegria com um sorriso, as covinhas aparecendo. O sofrimento se expressava através de lágrimas estranhamente silenciosas. Katherine mencionou o fato ao médico, que tratou de tranquilizá-la, contando a história de uma criança que não disse uma única palavra até os oito anos de idade. E só o fez então para informar que não gostava de purê de batata. A mãe, espantada, indagou por que, se ele podia falar, nunca antes dissera coisa alguma. Ao que o filho respondeu que nunca antes a mãe lhe havia servido purê de batata.

Katherine riu bastante com a história e ficou menos preocupada com relação a Damien. Afinal de contas, Albert Einstein só começou a falar com quatro anos de idade — e Damien tinha apenas três e

meio. Além de ser quieto e observador, Damien era, sob todos os aspectos, a criança perfeita, o filho adequado para o casamento perfeito de Jeremy e Katherine Thorn.

## Capítulo três

O homem chamado Haber Jennings tinha nascido sob o signo de Aquário, o produto de Urano em ascensão e entrando em conjunção com a lua crescente. Obstinado e persistente, Jennings era um *paparazzi*, uma das pragas do jornalismo mundial, tolerado apenas porque estava disposto a fazer coisas que mais ninguém aceitava. Como um gato à espreita de um rato, ele já passara horas intermináveis metido em algum buraco, à espera de uma única foto: Marcello Mastroianni sentado num vaso sanitário, fotografado com uma teleobjetiva do alto de um eucalipto; a rainha-mãe tirando os seus calos; Jackie Onassis em seu iate, vomitando. Ele morava num apartamento de sala e quarto conjugados, em Chelsea. Raramente usava meias. Mas estudava os objetos de suas fotografias com o mesmo cuidado e atenção de um Salk pesquisando a cura para a poliomielite.

Ultimamente, andava obcecado pelo embaixador americano em Londres, um alvo de primeira, por causa de sua aparência impecável. Será que o lindo casal costumava se entregar às delícias do sexo? Se tal acontecia, como seria? Jennings queria descobrir o que chamava de *natureza humana* no casal americano. Na verdade, porém, seu objetivo era provar que todos eram tão repugnantes quanto ele próprio. Será que o embaixador de vez em quando comprava uma revista obscena para se masturbar? Será que tinha amantes? Eram tais questões que o atraíam. Embora as respostas jamais pudessem ser obtidas, sempre havia alguma esperança. E era por isso que ele observava e esperava.

Naquele dia, ele iria à mansão dos Thorn em Pereford. Provavelmente não tiraria nenhuma fotografia, porque muitos outros fotógrafos estariam presentes. Mas poderia estudar a disposição da mansão, as janelas certas, as entradas e saídas

descobrir quais os criados que poderiam ser comprados, por algumas libras.

Levantando-se cedo, verificou as suas câmaras e limpou as lentes com um lenço de papel. Depois, espremeu uma espinha, usando o mesmo lenço de papel para recolher o pus. Aos trinta e oito anos de idade, ele ainda era atormentado por espinhas, sendo esse um dos fatores — e não dos menos importantes — para que passasse a vida com uma máquina fotográfica diante do rosto. O corpo era esguio, mas sem musculatura. A única coisa que realmente o definia eram as roupas permanentemente amarrotadas, empilhadas ao pé da cama.

Antes de sair, Jennings arrumou o quarto escuro e vasculhou algumas pilhas de papel, à procura do convite impresso. Era uma festa de aniversário, o quarto aniversário do filho dos Thorn. De todos os guetos de Londres, ônibus carregados de crianças aleijadas e órfãs já estavam a caminho de Pereford.

Atravessando os campos ingleses a caminho da mansão dos Thorn, Jennings acendeu um cigarro para libertar sua mente. Depois de algum tempo, a estrada é que parecia estar se movendo por baixo dele, com o carro parado. Ele se abstraiu da realidade e pôs-se a explorar os recessos escuros de sua mente. As suas fantasias eram imóveis, assim como as fotografias que tirava. O assunto era, invariavelmente, ele próprio, sempre imóvel em meio a um gesto espetacular, como atravessar uma banquisa de gelo num trenó puxado por cães ou prestes a passar óleo de bronzear no corpo espetacular de Sophia Loren.

A um quilômetro da mansão dos Thorn, já havia guardas na estrada, orientando o tráfego e verificando as credenciais. Num estado de estupor, Jennings ficou olhando fixamente para a frente, enquanto verificavam o seu convite meticulosamente, certificando-se de que era autêntico. Ele estava acostumado àquele tipo de tratamento e sabia que, para evitá-lo, precisava apenas aparecer de modo apresentável. Mas a aparência desleixada fazia parte da

munição dele. Podia assim observar melhor as pessoas, porque todos preferiam fingir que ele não estava presente.

Finalmente introduzido além dos imensos portões de ferro, Jennings piscou os olhos, atordoado, procurando dissipar as ilusões que lhe povoavam a mente. Levou algum tempo para compreender que aquela ilusão era real. A propriedade inteira fora transformada num suntuoso parque de diversões. Os gramados pululavam de cor e vida, crianças correndo entre tendas de circo e carrosséis, vendedores por toda parte, apregoando algodão doce e maçãs carameladas, suas vozes se perdendo em meio à valsa de órgão que marcava o ritmo das crianças subindo e descendo em cisnes e cavalos cor-de-rosa. Havia uma cartomante, dentro de uma tenda, diante da qual se formara uma fila com algumas das maiores personalidades de Londres. Pôneis Shetland corriam em liberdade por toda parte e um filhote de elefante, no qual tinham pintado bolinhas vermelhas, aceitava amendoins, de uma horda de crianças que gritavam freneticamente. Fotógrafos corriam por toda parte, numa atividade nervosa, dominados pela ansiedade. Mas Jennings concluiu que nada havia ali para ele fotografar. Aquilo era apenas a fachada, o muro de tijolos que todos os demais aceitavam como sendo a realidade.

— Qual é o problema, companheiro? O filme acabou?

Era Hobie quem lhe falava, um fotógrafo do *News Herald*, enquanto febrilmente tratava de recarregar sua máquina, ao lado da barraca de cachorro-quente, da qual Jennings se aproximou calmamente, pegando um e pondo-se a comer.

— Estou esperando pela canonização dele — respondeu Jennings, com uma repulsa óbvia.

— Como assim?

— Ainda não sei se viemos à festa do herdeiro dos milhões dos Thorn ou do próprio Jesus Cristo.

— É um tolo em perder a oportunidade, cara. Não é sempre que se encontra um lugar assim.

— Por que me dar ao trabalho? O que eu precisar, posso comprar de você.

— Mas não quer ter fotos exclusivas?

— Só de outro tipo.

— Pois então deseje-lhe boa sorte. Esta é a família mais reservada deste lado de Mônaco.

A foto exclusiva! Era esse o sonho de Jennings. O ingresso num mundo à parte. *É* claro que havia emoção e excitação em tirar fotografias diferentes a que todos tinham acesso. Só que não conferiam *status*, não impunham respeito. Se ele conseguisse se enfrontar na família... Só assim é que poderia tirar as fotografias que tanto desejava.

— Ei, babá! Babá! — gritou Hobie, já distante. — Olhe para este lado!

E todas as atenções se concentraram no imenso bolo de aniversário, que saía do interior da casa, numa plataforma sobre rodas.

A babá da criança, Chessa, usava uma roupa de palhaço, o rosto embranquecido por pó-de-arroz, com um sorriso de lábios extravagantemente vermelhos. Enquanto os fotógrafos se concentravam ao redor dela, a babá ficava deliciada com a atenção, abraçando e beijando o menino, manchando-o com a sua maquilagem.

— Será que ele vai conseguir apagar todas as velas?

— gritaram os fotógrafos. — Vamos fazer uma tentativa!

Os olhos de Jennings se deslocaram lentamente pela multidão e foram se fixar no rosto de Katherine Thorn, parada a alguma distância, a boca ligeiramente contorcida, numa expressão vaga de desaprovação. Por uma fração de segundo, a máscara se havia dissipado no rosto dela. Instintivamente, Jennings levantou sua câmara e bateu uma foto. Junto ao bolo de aniversário, houve um rugido de aplausos. Katherine começou a avançar, lentamente.

— Vamos saber o futuro dele! — gritou um repórter.

— Levem-no até a cartomante!

E a multidão começou a se deslocar, impelindo a babá e a criança através do gramado.

— Eu o levo — disse Katherine, adiantando-se subitamente, no meio do caminho.

— Eu posso levá-lo, madame — respondeu a babá, jovialmente.

— Eu farei isso — insistiu Katherine, sorrindo.

E no momento em que os olhos delas se encontraram, a babá soltou a mão do menino. Aquele instante passou despercebido de todos, pois a multidão avançava sempre, dominada pelo barulho e por seu próprio impulso. Mas Jennings estava observando, através do visor de sua máquina. A multidão passou e a babá ficou para trás, emoldurada pela imensa mansão, às suas costas, o traje de palhaço acentuando ainda mais o ar de solidão e abandono. Jennings tirou mais duas fotografias, antes que a moça se virasse e começasse a voltar para a casa, caminhando bem devagar.

Diante da tenda da cartomante, Katherine avisou aos repórteres que ficassem esperando ali fora. Depois entrou com Damien, deixando escapar um suspiro de alívio, ao se ver subitamente naquele ambiente escuro e tranquilo.

— Olá, garoto.

As palavras saíam de baixo de um capuz. Era como uma aparição estranha, sentada por trás de uma mesinha verde, a voz arrastada para soar como a de uma feiticeira, o rosto maquilado em verde. Damien baixou os olhos, tenso, aconchegando-se à mãe.

— Ora, Damien, não precisa ter medo — disse Katherine, rindo.

— Essa é uma feiticeira boa. Você não é uma feiticeira boa?

— Claro que sou — disse a cartomante, rindo. — Não vou machucá-lo, menino.

— Ela vai ler a sua sorte, Damien.

Mas o menino ainda hesitava, agarrando-se à mãe. A cartomante levantou a máscara de borracha, deixando à mostra o rosto vulgar e sorridente de uma moça comum.

— Olhe, menino. Sou uma pessoa como outra qualquer. Não vai doer nada.

Relaxando, Damien estendeu a mão. Katherine sentou-se com ele no colo, diante da mesinha sobre a qual estavam espalhadas as cartas.

— Ah, mas que mãozinha linda e macia — disse a cartomante.  
— Estou vendo que vou ler uma sorte muito boa.

Ela ficou imóvel abruptamente, olhando para a mão de Damien, com uma expressão de perplexidade.

— Vamos experimentar a outra mão, menino.

Damien estendeu a outra mão e a cartomante ficou olhando para as duas, visivelmente perturbada.

— Isso faz parte da rotina? — perguntou Katherine.

— Eu nunca tinha visto uma coisa assim antes — murmurou a cartomante. — Há três anos que venho trabalhando em festas de crianças e nunca tinha encontrado algo assim...

— Não tinha encontrado o quê?

— Dê uma olhada. Ele não tem as linhas da personalidade. Só tem sulcos.

— Como?

Katherine olhou para as mãos de Damien e depois comentou:

— Elas me parecem iguais às outras.

— Ele já esteve num incêndio?

— É claro que não!

— Olhe para a sua própria mão, madame. Veja os traços. São diferentes em cada pessoa. Constituem as marcas da nossa identidade.

Houve um momento de silêncio constrangido. O menino olhava para as próprias mãos, procurando descobrir o que estava errado nelas.

— Veja agora como as pontas dos dedos dele são lisas e macias — disse a cartomante. — Creio que ele não tem impressões digitais.

Katherine observou atentamente e descobriu que era verdade. A cartomante soltou uma risada.

— Se ele algum dia assaltar um banco, não vão descobrir quem foi.

Ela riu mais alto ainda, enquanto Katherine olhava para as mãos do filho, num silêncio constrangido.

— Mas pode ler a sorte dele, por favor? Foi para isso que viemos aqui.

A voz de Katherine estava estranhamente inquieta.

— Claro, claro.

Mas no momento em que a cartomante estendeu a mão para pegar a do menino, soou um grito lá fora. Era Chessa, a babá. E ela estava gritando de longe.

— Damien! Damien! Venha ver! Tenho uma surpresa para você!

A cartomante parou no meio de seu movimento, sentindo, assim como Katherine, que havia um tom de desespero nos gritos da babá.

— Damien! Saia daí e veja o que vou fazer por você!

Saindo da tenda com Damien nos braços, Katherine parou, levantando os olhos na direção da casa. Chessa estava em cima do telhado, segurando uma corda grossa e levantando-a alegremente, para mostrar o laço em seu pescoço.

A multidão começou a se virar, todos sorrindo, numa expectativa confusa. A moça com o traje de palhaço adiantou-se até a beira do telhado e estendeu as mãos unidas para a frente, como se fosse mergulhar numa piscina.

— Olhe só, Damien! — gritou ela. — Tudo isso é por você!

E ela pulou do telhado, o corpo mergulhando velozmente, para ser detido um instante depois pela corda amarrada em seu pescoço. O corpo ficou suspenso no ar. Inerte. Silencioso. Morto.

No gramado, todos estavam também em silêncio, aturdidos, olhando o corpo pequeno da babá, que oscilava gentilmente no ar, ao ritmo da valsa do carrossel. Foi então que soou um grito lancinante. Era Katherine. Foram necessárias quatro pessoas para acalmá-la e levá-la para o interior da casa.

Sozinho em seu quarto, Damien olhou para o gramado lá embaixo, onde só restavam alguns vendedores e os homens que tinham vindo desmontar e retirar os equipamentos. Depois, ele levantou os olhos para contemplar o guarda que subia por uma escada de mão, com uma expressão sombria, indo cortar a corda em que estava dependurado o corpo de Chessa. Subitamente, a corda escapou das mãos dele e o corpo caiu de cabeça no pátio de lajotas. E ali ficou, uma massa informe, os olhos arregalados a fitarem o céu, a boca pintada num sorriso extravagante.

Os dias que antecederam o enterro de Chessa foram sombrios. O céu acima de Pereford ficou cinzento, ouvindo-se a todo momento trovoadas distantes. Katherine passou a maior parte do tempo sentada na sala de estar, sozinha, no escuro, o olhar perdido no vazio. A autópsia no corpo indicara que havia uma grande quantidade de Benadryl, uma droga antialérgica, na corrente sanguínea de Chessa, por ocasião de sua morte. Mas isso tinha servido apenas para aumentar a confusão e a especulação sobre os motivos que a tinham levado a matar-se. Para evitar os repórteres, que tentariam enfeitar a história, Thorn decidiu ficar em casa, dispensando toda a atenção possível à esposa. Ele temia que Katherine, com o choque, estivesse retornando ao mesmo estado por que passara alguns anos antes.

— Você está dando importância demais ao que aconteceu — disse ele uma noite, entrando na sala de estar, onde estava

Katherine. — Afinal de contas, é preciso não esquecer que ela não era da nossa família.

— Era, sim — respondeu Katherine, a voz baixa, desolada. — Ela me disse que queria ficar conosco para sempre.

Thorn sacudiu a cabeça, confuso. Não conseguia entender o que tinha acontecido.

— Ela deve ter mudado de ideia, Katherine.

Ele não pretendia parecer tão frio e indiferente. Sentiu que suas palavras soavam ásperas demais. Percebeu que os olhos de Katherine procuravam os dele.

— Desculpe, Katherine. Mas é que eu detesto vê-la neste estado.

— A culpa foi minha, Jeremy.

— Sua?

— Aconteceu uma coisa na festa...

Thorn atravessou a sala e sentou-se ao lado da esposa, a expressão preocupada.

— Ela estava recebendo muita atenção — continuou Katherine. — Acho que fiquei com ciúme. Tirei Damien dela, porque não queria partilhar com ninguém o foco das atenções.

— Acho que está sendo dura demais com você mesma, Katherine. A pobre moça estava transtornada.

— Eu também devo estar, se ser o foco das atenções significa tanto para mim...

Ela calou-se. Não havia mais nada a dizer. Katherine deixou-se envolver pelos braços do marido, que a manteve assim até que ela dormisse. Era a espécie de sono que ele já vira antes, na época em que Katherine tomava Librium. Será que o choque pela morte de Chessa levava Katherine a recorrer novamente aos tranquilizantes? Thorn ficou sentado na sala durante quase uma hora, antes de levantar a esposa nos braços e levá-la para o quarto.

Na manhã seguinte, Katherine compareceu ao enterro de Chessa, levando Damien. Foi uma cerimônia íntima, num pequeno cemitério nos arredores da cidade, assistida apenas pela família da moça, por Katherine e Damien e por um padre calvo, que leu alguns trechos da Bíblia, ao mesmo tempo em que segurava um jornal dobrado por cima da cabeça, para proteger-se da chuvinha fina e persistente. Receando a publicidade que cercaria o comparecimento deles, Thorn se recusara a ir, pedindo a Katherine que também se abstinhasse de comparecer. Mas era visível a necessidade de Katherine. Ela adorava a pobre moça e tinha que acompanhá-la de qualquer maneira ao local em que Chessa teria o repouso final.

Fora do cemitério, concentrara-se um grupo de repórteres. Dois fuzileiros navais dos Estados Unidos impediam a entrada deles, enviados no último minuto por Thorn, do destacamento à sua disposição, na embaixada. Haber Jennings também estava presente, metido numa capa de chuva preta, de botas, empoleirado numa árvore, acompanhando o enterro através de uma lente teleobjetiva. Não era uma lente comum, mas algo monstruoso, montado num tripé, com a qual certamente se poderia fotografar duas moscas copulando na superfície da Lua. Com extrema precisão, o visor da teleobjetiva foi se deslocando de um rosto para outro: a família soluçando, Katherine em estado de choque, a criança ao lado dela bastante inquieta, os olhos vagueando pelo ambiente desolado.

Foi o menino quem mais atraiu a atenção de Jennings. Ele ficou esperando pacientemente pelo momento preciso para bater a fotografia. E esse momento não demorou a chegar. Um súbito lampejo apareceu nos olhos de Damien, a expressão mudou. Era como se o menino tivesse se assustado de repente, logo voltando a se acalmar. Com os olhos fixos num ponto distante, do outro lado do cemitério, o menino relaxou, como que aconchegado e satisfeito, sob a chuva miúda e fria. Desviando o visor da teleobjetiva, Jennings esquadrinhou o cemitério. Mas nada viu, além das lápides. Foi então que algo se moveu. Um objeto escuro e indistinto foi entrando em foco, à medida que Jennings ajustava a lente. Era um

animal. Um cachorro. Grande e preto, o focinho pontudo, os olhos estreitos, a mandíbula inferior saliente, deixando à mostra os dentes, ressaltando contra o pêlo negro. Despercebido por todos, o cão ficou sentado ali, imóvel como uma estátua, olhando fixamente para a frente. Jennings se lamentou por ter trazido apenas filmes em preto e branco, pois os olhos amarelados do cachorro dariam um toque fantasmagórico à cena. Ele aumentou a exposição, a fim de destacar mais ainda os dentes brancos do animal, batendo a fotografia e logo focalizando novamente o menino, a quem fotografou com a mesma exposição.

A manhã bem que o tinha recompensado de todo o esforço. Ao arrumar seus equipamentos, Jennings sentia-se extremamente satisfeito. Mas, por algum motivo, ele estava também inquieto. No alto de uma colina, olhou para trás, vendo o caixão ser baixado à sepultura. O menino e o cachorro estavam distantes um do outro, mas a comunhão entre os dois era patente.

O dia seguinte trouxe um novo temporal e também a chegada de Mrs. Baylock. Ela era irlandesa e violenta, sacudindo os portões da mansão de Pereford e anunciando-se como a nova babá. O guarda bem que tentou detê-la, mas ela seguiu em frente, sem lhe dar a menor importância. Sua atitude era impetuosa, ao mesmo tempo intimidando e atraindo.

— Sei que estão passando por um momento difícil — disse ela aos Thorn, enquanto tirava o casaco, no vestíbulo.

— Por isso, não vou atormentá-los em sua dor. Mas, aqui entre nós, quem quer que contrate uma garota esquelética como aquela para babá está pedindo encrenca.

Os seus movimentos eram tão vigorosos que produziam deslocamento do ar, à sua passagem. Thorn e Katherine, confusos, aturdidos, foram silenciados pela segurança das palavras e atitudes da nova babá.

— Querem saber como se pode reconhecer uma boa babá? — disse ela, rindo. — Pelo tamanho dos seios. Essas garotinhas com seios minúsculos aparecem e desaparecem em uma semana. Mas

as que são como eu, com imensos seios caídos, chegam para ficar. Podem ir dar uma olhada em Hyde Park e verão como isso é verdade.

Ela fez uma pausa rápida, apenas para pegar a mala,

— Muito bem. Onde está o menino?

— Vou levá-la até lá — disse Katherine, apontando para a escada.

— Por que não me deixa a sós com o menino? Assim, nós dois poderemos travar conhecimento à nossa própria maneira.

— Ele é um pouco inibido com as pessoas que não conhece.

— Posso assegurar que isso não vai acontecer comigo.

— Acho que não...

— Bobagem. Vamos ver o que acontece.

Um momento depois, ela estava subindo a escada sozinha, o traseiro imenso logo desaparecendo. No silêncio súbito que ela deixou com a sua ausência, os Thorn se entreolharam, um tanto aturdidos. Thorn sacudiu a cabeça, numa aprovação indecisa.

— Gosto dela — disse ele.

— Também tive uma boa impressão, Jeremy.

— Onde foi que a descobriu?

— Onde *eu* a descobri?

— Isso mesmo.

Não fui eu que a contratei. Pensei que você é que tivesse providenciado, Jeremy.

Depois de uma breve pausa, Thorn gritou para o alto da escada:

Mrs. Baylock!

Pois não?

Ela já estava no patamar do segundo andar, o rosto espiando lá de cima.

Desculpe, mas... mas estamos um pouco confusos.

Com o quê?

Não sabemos como chegou aqui.

Vim de táxi. E dispensei-o.

Não é isso. Quem a chamou?

A agência.

Agência?

— Viram nos jornais que tinham perdido a primeira babá e decidiram mandar outra.

Parecia uma atitude bastante oportunista. Mas conhecendo a acirrada concorrência por empregos em Londres, Thorn achou que fazia sentido.

— Eles não perdem tempo — comentou Thorn.

— Posso telefonar para a agência e confirmar? — perguntou Katherine.

— Claro que pode — respondeu a mulher. — Quer que eu fique esperando lá fora, debaixo da chuva, enquanto telefona?

— Não, não... — murmurou Thorn rapidamente.

— Será que eu tenho cara de uma perigosa agente estrangeira? — indagou Mrs. Baylock.

— Acho que não — murmurou Thorn, soltando uma risadinha.

— Não tenha tanta certeza assim — disse a nova babá, rindo também. — Talvez minha cinta esteja repleta de gravadores. Por que não manda um jovem fuzileiro naval vir revistar-me?

Todos riram, Mrs. Baylock mais do que os Thorn.

— Pode ir procurar o menino — disse Thorn. — Verificaremos com a agência mais tarde.

Os Thorn foram para a sala de estar, de onde Katherine telefonou para a agência, confirmando as credenciais de Mrs. Baylock. Tinha excelentes recomendações. A única confusão era o fato de a ficha dela indicar que estava empregada em Roma. Mas era possível que a situação tivesse se alterado, sem que fosse registrado na ficha. Eles iriam esclarecer o assunto com o gerente da agência, que sem dúvida enviara Mrs. Baylock para os Thorn, assim que ele voltasse de suas férias de quatro semanas. Katherine desligou e ficou olhando para o marido. Depois de um instante, ambos deram de ombros, parecendo satisfeitos com a situação. Mrs. Baylock era um tanto esquisita, mas parecia vigorosa e cheia de vida. Mais do que isso: era justamente o que eles estavam precisando.

Lá em cima, o sorriso de Mrs. Baylock se desvanecera e ela contemplava, através dos olhos enevoados, a criança adormecida em sua cama. Aparentemente, ele estivera com o queixo apoiado no peitoril da janela, observando a chuva. E adormecera nessa posição, com a mão ainda segurando o vidro. E enquanto observava Damien, o queixo da mulher começou a tremer, como se ela estivesse diante de um objeto de incomparável beleza. O menino ouviu a respiração ofegante dela e seus olhos se abriram lentamente, encontrando-se com os olhos de sua nova babá. Subitamente ficou tenso e empertigou-se, recuando e comprimindo-se contra a janela.

Não precisa ter medo, meu pequeno — sussurrou a mulher, a voz tremula. — Estou aqui para protegê-lo.

Lá fora, soou subitamente o estrondo de uma trovoadas. Era o início de uma chuva de duas semanas.

## *Capítulo quatro*

Em julho, a região rural da Inglaterra ficou toda florida. A estação chuvosa extraordinariamente prolongada fez com que os tributários do Tâmsa transbordassem, fazendo desabrochar sementes há muito adormecidas. A propriedade dos Thorn em Pereford também reagiu, tornando-se luxuriante e verde. As áreas cobertas de bosques, além dos jardins, ficaram densas, abrigando uma grande abundância de vida animal. Horton, receando que os coelhos da floresta saíssem de seus refúgios e viessem se alimentar das tulipas, tratou de preparar armadilhas. No meio da noite, podiam-se ouvir os chiados lancinantes dos coelhos apanhados. Horton não continuou a colocar as armadilhas por muito tempo — e não apenas porque Katherine lhe ordenara que parasse, mas também porque começou a ficar com medo de entrar na floresta para recolher os corpos dos coelhos presos. Disse que tinha a sensação de haver “olhos” fixados nele, como se estivesse sendo observado de trás das moitas. Quando confessou isso à esposa, ela desatou a rir, comentando que era provavelmente o fantasma do Rei Henrique V. Mas Horton não achou a menor graça e nunca mais quis entrar na floresta.

Por isso, ficou preocupado quando a nova babá, Mrs. Baylock, começou a levar Damien para a floresta, encontrando lá só Deus sabe o quê para diverti-lo, horas a fio. Horton notou também, ao ajudar a esposa na lavanderia, que as roupas do menino estavam sempre cheias de pêlos escuros, como se ele tivesse brincado com algum animal. Mas ele não estabeleceu qualquer relação entre os pêlos de animal e os passeios na floresta de Pereford, considerando apenas como mais um dos fatos perturbadores que estavam acontecendo na mansão dos Thorn — e que não eram poucos.

Katherine estava passando cada vez menos tempo em companhia do filho, substituída pela nova e exuberante babá. Era verdade que Mrs. Baylock era uma governanta devotada e que o menino passara a amá-la. Mas era inquietante, até mesmo antinatural, ver o menino preferir a companhia da babá à da própria mãe. Toda a criadagem notara o fato e o comentara, revoltada porque a patroa fora substituída no afeto de Damien por uma empregada. Todos queriam que Mrs. Baylock fosse embora. Em vez disso, porém, a cada dia a posição dela se tornava mais sólida, a cada dia era maior a influência que exercia sobre os patrões.

A própria Katherine sentia-se desolada. Mas também sentia-se impotente, não querendo permitir que seu ciúme novamente interferisse no afeto de alguém por Damien. Ela sentia-se responsável por ter privado Damien de uma companheira querida e não podia admitir que isso tornasse a acontecer. Depois da segunda semana, quando Mrs. Baylock pediu para mudar para o quarto diretamente em frente ao de Damien, Katherine prontamente consentiu. Talvez, entre os ricos, sempre acontecesse assim. A própria Katherine fora criada em círculos mais modestos, onde era função da mãe — e apenas dela — ser a companheira e protetora do filho. Mas tinha agora uma vida diferente. Era a senhora de uma mansão e talvez estivesse na hora de começar a comportar-se como tal.

A liberdade recém-descoberta de Katherine foi investida nas coisas certas, aprovadas entusiasticamente pelo marido. As manhãs eram absorvidas por obras de caridade, as tardes eram dedicadas a reuniões sociais de caráter político. A esposa de Thorn não era mais uma flor frágil, uma excêntrica em questões sociais. Transformara-se numa verdadeira leoa, imbuída de uma energia e de uma autoconfiança como Thorn nunca vira antes. Aquela era a esposa com que ele sempre sonhara. Embora aquela mudança de personalidade fosse abrupta e um tanto inquietante, Thorn não levantou a menor objeção. Até mesmo o ato de amor entre eles mudou, tornando-se mais excitante, mais apaixonado. Thorn não

percebeu que possivelmente era uma manifestação de desespero, ao invés de desejo.

O trabalho de Thorn também o absorvia. Seu cargo em Londres colocava-o numa posição-chave para lidar com a crise do petróleo. O presidente baseava-se cada vez mais nas informações que ele mandava, de encontros informais com os xeques do petróleo da Arábia Saudita. Thorn planejou uma viagem à Arábia Saudita nas semanas seguintes. Iria sozinho, já que os árabes encaravam a presença da esposa numa viagem de negócios como um sinal de fraqueza do homem.

— Não estou compreendendo — disse Katherine, quando o marido a informou da viagem.

— É um problema cultural — explicou Thorn. — Vou ao país deles e tenho que respeitar-lhes os costumes.

— E eles também não devem ter respeito por você?

— Mas claro que sim!

— Pois eu também sou problema cultural!

— Katherine...

— Tenho visto esses xeques. E tenho visto as mulheres que eles compram. Onde quer que vão, são seguidos por prostitutas. É isso o que eles estão querendo que você faça também.

— Não tenho a menor ideia, Katherine.

Estavam no quarto e já era tarde. Não era o momento apropriado para começar uma discussão.

— O que está querendo dizer com isso, Jeremy?

— É uma viagem importante.

— Por isso, se eles quiserem que você deite com uma prostituta...

— Se eles quiserem que eu deite com o eunuco deles, então eu deitarei com o eunuco deles! Tem alguma ideia do que está em jogo nessa minha viagem?

Era um impasse. Lentamente, Katherine recuperou a voz.

— E onde eu fico nisso tudo, Jeremy?

— Você está aqui. E o que está fazendo é igualmente importante.

— Não me trate com condescendência!

— Estou tentando fazê-la compreender...

— Que você pode salvar o mundo fazendo exatamente o que eles disserem.

— É uma maneira de situar as coisas.

Katherine fitou-o de uma maneira como nunca fizera antes. Um olhar implacável. De ódio. Thorn sentiu-se tonto diante daquele olhar.

— Acho que todos nos prostituímos, Jeremy. Você para eles e eu para você. Assim sendo, vamos para a cama.

Thorn passou bastante tempo no banheiro, esperando que ela já estivesse dormindo quando ele finalmente saísse. Mas Katherine não tinha dormido. Estava bem acordada, à espera dele. Thorn sentiu no ar o cheiro de perfume. Sentou-se na beira da cama e fitou-a demoradamente. Ela retribuiu o sorriso.

— Desculpe, Jeremy. Eu compreendo...

Ela pegou o rosto dele entre as mãos e puxou-o para junto de si, prendendo-o em seguida num abraço apertado. A respiração dela se tornou ofegante. Jeremy começou a amá-la. Mas Katherine não estava se mexendo por baixo dele.

— Não pare — murmurou ela. — Apenas continue a me amar. Não se afaste.

E eles se amaram de uma maneira como jamais tinham feito antes. Katherine não se mexeu, mas também recusou-se a soltá-lo, insistindo apenas com a voz para que ele chegasse ao final. Quando terminou, Katherine soltou-o. Thorn estendeu-se ao lado dela, com uma expressão magoada e confusa.

— Vá salvar o mundo agora — sussurrou ela. — Vá fazer o que eles mandarem.

Thorn não dormiu naquela noite. Ficou sentado diante das janelas francesas do quarto, contemplando a noite enluarada. Podia ver a floresta dali. Estava inteiramente imóvel como se fosse uma entidade única adormecida.

Mas a floresta não estava dormindo. Thorn sentiu de repente que também estava sendo olhado. Pegou o binóculo que usavam para observar passarinhos e saiu para a varanda. A princípio, viu apenas a escuridão. E depois avistou os olhos, fixados nele. Pareciam duas brasas escuras, brilhando, refletindo a luz da lua, olhos muito juntos, amarelados, fixos na casa. Thorn estremeceu e baixou o binóculo, voltando para o quarto. Ali permaneceu por um momento, paralisado. Depois, forçou-se a entrar em movimento. Desceu silenciosamente a escada, descalço, saiu pela porta da frente. O silêncio era total, nem mesmo se ouvia o barulho dos grilos. Thorn ficou novamente paralisado, por um momento. Recomeçou então a se mover, como se algo o atraísse até a beira da floresta, onde tornou a parar olhando atentamente.

Não havia absolutamente nada. Nenhum ruído. Os dois olhos incandescentes tinham desaparecido. No momento em que ele se virou, o pé descalço tropeçou em algo macio e úmido. Pulou para o lado. Era um coelho morto, ainda quente, o sangue manchando a relva no lugar em que deveria estar a cabeça.

Na manhã seguinte, Thorn levantou-se cedo e indagou de Horton se continuava a colocar as armadilhas para coelhos. Horton disse que não. Thorn levou-o ao lugar em que estava o coelho morto, agora coberto de moscas. Horton afugentou as moscas e ajoelhou-se para examinar o animal.

— O que acha, Horton? Será que temos algum animal predador por aqui?

— Não posso dizer com certeza, senhor. Mas duvido muito.

Ele levantou a carcaça enrijecida, com uma expressão de repulsa.

— Os animais predadores sempre deixam a cabeça, jamais a levam, senhor. O que quer que tenha matado este coelho, fê-lo para se divertir.

Thorn determinou a Horton que enterrasse o coelho e não contasse o incidente a ninguém. No momento em que se afastavam, Horton parou bruscamente.

— Não gosto muito dessa floresta, senhor. E não gosto que Mrs. Baylock leve o seu filho para lá.

— Pois diga a ela para não levar. Há muito espaço para Damien brincar no gramado.

Naquela tarde Horton fez o que lhe tinha sido determinado. E isso trouxe para Thorn a primeira indicação de que havia alguma coisa errada em sua casa. De noite, Mrs. Baylock procurou-o na sala de estar e manifestou sua irritação por ter recebido ordens por intermédio de outro empregado.

— Não é que eu não esteja querendo acatar ordens — disse ela, indignada. — Mas é que prefiro recebê-las diretamente.

— Não vejo que diferença isso pode fazer — respondeu Thorn, surpreso com o brilho de raiva nos olhos da mulher.

— É simplesmente a diferença entre uma casa grande e uma casa pequena, Mr. Thorn. Fico com a impressão de que não há ninguém no comando aqui.

Ela virou-se bruscamente e se retirou. Thorn ficou sozinho, imaginando o que ela teria querido insinuar. No que se referia à criadagem, Katherine é quem dava as ordens. A verdade, porém, é que ele passava a maior parte do dia fora de casa. Talvez Mrs. Baylock estivesse tentando dizer-lhe que as coisas não eram o que pareciam. Que Katherine não estava realmente no controle da casa.

Em seu minúsculo apartamento, num sexto andar de Chelsea, Haber Jennings estava acordado, olhando para a crescente galeria

de fotografias da família Thorn, que adornavam as paredes de seu quarto escuro. Lá estavam os retratos escuros tirados no enterro, o *close* do cachorro entre as lápides, o *close* do menino. Lá estavam as fotografias da festa de aniversário: Katherine observando a babá, a babá sozinha, em seu traje de palhaço. Era essa última foto a que mais o atraía. Por cima da cabeça da babá havia uma espécie de mancha, uma imperfeição fotográfica que, de certa forma, contribuía para aumentar a impressão de presságio da cena. Era uma mancha de emulsão defeituosa, um nevoeiro vago que pairava acima da babá, formando um halo em torno da cabeça e do pescoço. Normalmente, Jennings teria se descartado de uma fotografia defeituosa. Aquela, porém, merecia ser guardada. O que acontecera logo depois emprestava à mancha uma qualidade simbólica. O nevoeiro informe parecia a sombra da morte. A fotografia final era a do corpo pendurado na ponta de uma corda suspensa no ar, uma realidade terrível que dava o toque fantasmagórico à montagem. No conjunto, a galeria Thorn era um estudo fotográfico do macabro. Jennings estava imensamente satisfeito com seu trabalho. Ele se concentrara nas mesmas pessoas que enfeitavam as páginas de *Good Housekeeping* e nelas descobrira algo extraordinário, algo diferente, que ninguém jamais percebera antes. Já começara também a pesquisar, usando um contato que tinha na América, para descobrir mais informações a respeito dos Thorn.

Soube assim que Katherine era filha de imigrantes russos e que seu pai cometera suicídio. Segundo um número bem antigo do *Minneapolis Times*, o homem saltara do alto de um edifício de escritórios no centro da cidade. Katherine nascera um mês depois e, decorrido um ano, a mãe casara-se outra vez, mudando-se para New Hampshire com o novo marido, que dera seu nome à menina. Nas poucas entrevistas que Katherine concedera, ao longo dos anos, não havia qualquer menção ao pai verdadeiro. Jennings calculava que ela talvez não soubesse da verdade. Não era nada importante, mas, de certa forma, dava a Jennings uma vantagem.

Era apenas uma indiscrição, mas servia para criar a ilusão de que ele estava por dentro.

A única fotografia que estava faltando era a do próprio embaixador, e Jennings esperava que pudesse corrigir essa deficiência no dia seguinte. Haveria um casamento importante na Igreja de Todos os Santos, ao qual a família Thorn deveria comparecer. Não era o tipo de ambiente que Jennings apreciava, mas ele tivera sorte até agora e esperava que assim continuasse. Talvez houvesse algum acontecimento imprevisto na igreja, digno de ser fotografado.

No dia anterior ao casamento, um sábado, Thorn decidiu não ir à embaixada e levou Katherine para um passeio pelo campo, de automóvel. Ficara profundamente perturbado com a discussão entre eles e o estranho ato de amor que se seguira. Queria ficar a sós com Katherine, para tentar esclarecer o que estava errado. E tudo indicava que adotara o caminho certo, pois Katherine pareceu relaxar, pela primeira vez em meses, saboreando o passeio de automóvel, o prazer simples de segurar a mão dele. Ao meio-dia, chegaram a Stratford-Upon-Avon e assistiram a uma apresentação especial de *King Lear*. Katherine ficou extasiada, a peça conseguiu arrancar-lhe lágrimas. O monólogo de Lear, após a morte da filha, "Por que um cão, um rato pode respirar... e a você não resta o menor sopro... ", afetou-a profundamente e ela soluçou abertamente. No silêncio do teatro, muito depois de terminada a peça, os dois ainda estavam sentados com Thorn a consolá-la.

Voltaram para o carro e continuaram o passeio. Katherine apertava a mão do marido. A súbita explosão de emoções criara uma intimidade que há muito tempo estava ausente no relacionamento. Ela estava vulnerável agora. Quando pararam outra vez, junto a um córrego, Katherine pôs-se a chorar novamente. Ela falou de seus temores, do medo que sentia de perder Damien. Disse que não conseguiria suportar, se alguma coisa acontecesse ao filho.

— Você não vai perdê-lo, Kathy — assegurou Thorn, suavemente. — A vida não pode ser tão cruel assim.

Era a primeira vez que ele a chamava de Kathy em muito tempo. E, de certa forma, isso acentuou a distância que os separara nos últimos meses. Ficaram sentados na relva, sob um frondoso carvalho. A voz de Katherine, que contemplava o córrego, saiu como um sussurro:

— Tenho tanto medo...

— Não há nada para temer.

— Mesmo assim, eu tenho medo...

Um besouro se arrastava ao lado dela. Katherine ficou observando-o avançar por entre a relva.

— O que há para ter medo, Katherine?

— O que não há para se ter medo?

Thorn ficou calado, esperando que ela continuasse.

— Tenho medo do que é bom, pois irá acabar... Tenho medo do que é ruim, pois sou fraca demais para enfrentar. Tenho medo do seu sucesso e receio o seu fracasso. E tenho medo de não ter nada a ver com qualquer dos dois. Tenho medo de que você se torne o presidente dos Estados Unidos, Jeremy... e descubra que está preso a uma esposa que não está à altura...

— Você tem se saído muito bem.

— Mas tenho detestado tudo o que faço.

Era uma confissão muito simples, mas até então ela não a fizera. E isso serviu para purificar a ambos.

— Não ficou chocado, Jeremy?

— Um pouco.

— Quer saber o que desejo para nós, mais do que qualquer outra coisa?

Thorn sacudiu a cabeça.

— Gostaria que voltássemos para casa.

Thorn estendeu-se na relva, olhando para as folhas do carvalho imenso.

— Mais do que qualquer outra coisa, Jeremy. Quero ir para onde é seguro. Quero voltar para o lugar a que pertença.

Seguiu-se um longo silêncio. Katherine estendeu-se também sobre a relva, aninhada no braço do marido.

— É seguro aqui... — murmurou ela. — Em seus braços.. .

— Hum, hum,,. .

Ela fechou os olhos, os lábios se contraindo num sorriso de ansiedade.

— É como Nova Jersey, não é mesmo? E a nossa fazenda não fica logo depois daquela colina, a fazenda para a qual nos retiramos, a fim de vivermos sossegados?

— É uma colina imensa, Kathy.

— Eu sei... Nunca chegaremos lá...

Uma brisa suave começou a soprar, farfalhando as folhas em torno deles. Ficaram observando em silêncio, enquanto raios de sol iluminavam seus rostos.

— Talvez Damien consiga... — murmurou Thorn.

— Talvez ele se torne um jovem fazendeiro...

— Não creio. Ele vai ser como você, Jeremy.

Thorn não disse nada, os olhos fixados nas folhas.

— Ele é igualzinho a você, Jeremy. Como se eu nada tivesse a ver com ele...

Thorn soergueu-se, apoiado num braço, contemplando a expressão triste da esposa.

— Por que diz isso?

Ela deu de ombros, sem saber como explicar.

— Ele é tão independente... Parece não precisar de ninguém.

— Ele apenas dá essa impressão.

— Damien não é ligado a mim, como todas as crianças normalmente são ligadas à mãe. Você era muito ligado à sua mãe?

— Era.

— E é também afeiçoado à sua esposa?

Os olhos de Thorn se encontraram com os dela, a mão se ergueu para acariciar-lhe o rosto. Katherine beijou a mão dele.

— Eu gostaria de jamais ter que ir embora deste lugar... — sussurrou ela. — Gostaria de ficar aqui para sempre, deste jeito...

Ergueu o rosto lentamente, até que seus lábios se encontrassem com os de Thorn. Depois de um longo silêncio, Thorn murmurou:

— Sabe, Kathy, quando eu a conheci, pensei que jamais tinha visto uma mulher tão bonita...

Ela sorriu e sacudiu a cabeça lentamente.

— E ainda penso a mesma coisa, Kathy.

— Eu o amo, Jeremy.

— Eu também a amo.

A boca de Katherine se contraiu. Um vestígio de umidade surgiu nos cantos dos olhos fechados.

— Eu quase que gostaria que você nunca mais tornasse a me falar, Jeremy... Assim, eu poderia me recordar de você a dizer sempre essas palavras...

E quando ela tornou a abrir os olhos, já estava escuro.

Naquela noite, ao voltarem para Pereford, encontraram todos já dormindo. Acenderam um bom fogo na lareira, serviram-se de vinho e ficaram sentados num sofá de couro, abraçados.

— Será que poderemos fazer isto na Casa Branca, Jeremy?

— É um longo caminho até lá.

— Mas poderemos fazer a mesma coisa lá?

— Não vejo por que não.

— E poderemos ser repulsivos no quarto de Lincoln?

— Repulsivos?

— Carnais.

— No quarto de Lincoln?

— Bem na cama dele?

— Se Lincoln não se incomodar, creio que não haverá problema algum.

— Se ele quiser, pode participar também.

Thorn soltou uma risadinha e apertou-a mais ainda.

— Mas vamos ter que tomar alguma providência com relação aos turistas, Jeremy. Eles passam pelo quarto de Lincoln três vezes por dia.

— Trancaremos a porta.

— Tenho outra ideia melhor. Vamos cobrar uma taxa extra.

Thorn tornou a rir, deliciado com a boa disposição da esposa.

— Que espetáculo maravilhoso! — sussurrou Katherine, cada vez mais entusiasmada. — Ver o presidente co- pulando com a esposa!

— Kathy!

— Kathy e Jerry, copulando lindamente. E o velho Lincoln se revirando em seu túmulo!

— Mas que diabo deu em você, Kathy?

— Você...

Thorn estava um tanto perplexo.

— É você mesma quem está dizendo tais coisas, Kathy?

— A verdadeira eu.

— A verdadeira você?

— Não acha repulsivo?

Ela riu de si mesma e Thorn riu também. Aquele dia e aquela noite tinham transcorrido da maneira como ela sempre sonhara.

A manhã seguinte despontou radiosa. Às nove horas, Thorn já estava vestido para o casamento e desceu a escada alegremente.

— Kathy? — gritou ele, lá de baixo.

— Ainda não estou pronta.

— Vamos chegar atrasados.

— Tem toda a razão.

— Eles podem ficar esperando por nós. Vamos fazer um esforço para não nos atrasarmos.

— Estou fazendo todo o esforço possível.

— Damien já está vestido?

— Espero que sim.

— Não quero chegar atrasado.

— Peça a Mrs. Horton para nos preparar algumas torradas.

— Não quero comer nenhuma torrada.

— Mas eu quero.

— Está bem, está bem. Mas trate de apressar-se.

Lá fora, Horton já estacionara a limusine diante da porta. Thorn fez-lhe um sinal, avisando que já iam partir, seguindo depois para a cozinha.

Katherine saiu de seu quarto, ainda amarrando a faixa no vestido branco. Seguiu para o quarto de Damien, chamando :

— Vamos indo, Damien. Já estamos prontos.

Ela parou na porta do quarto, pois Damien não estava lá dentro. Ouviu o barulho de água escorrendo na banheira e seguiu imediatamente para o banheiro. E ficou aturdida. Damien ainda

estava na banheira, com Mrs. Baylock a dar-lhe banho, enquanto ele brincava.

— Mas eu lhe disse que o vestisse e aprontasse, Mrs. Baylock!

— Se não se importa, madame, acho que ele prefere ir ao parque.

— Mas eu lhe disse que íamos levá-lo à igreja!

— A igreja não é lugar para um menino num dia tão bonito, madame.

A mulher estava sorrindo, aparentemente achando que não fazia a menor diferença. Katherine conseguiu se controlar a custo.

— Pois sinto muito. É importante que ele vá à igreja conosco.

— Ele é muito pequeno para ir à igreja, madame. Tenho certeza de que vai causar confusão.

Havia algo no tom e na atitude dela, talvez o jeito calmo e inocente com que a desafiava abertamente, que deixou Katherine furiosa.

— Parece que não está compreendendo, Mrs. Baylock. Quero que ele vá conosco à igreja.

Mrs. Baylock ficou subitamente tensa, aparentemente ofendida com o tom de voz incisivo de Katherine. O menino também sentiu alguma coisa, chegando-se mais para perto da babá.

— Ele já foi à igreja antes? — indagou Mrs. Baylock.

— Não vejo o que isso tem a ver...

— Kathy! — gritou Thorn lá de baixo.

— Já estou indo!

Ela olhou severamente para Mrs. Baylock. A mulher sustentou-lhe o olhar, calmamente.

— Trate de vesti-lo imediatamente! — disse Katherine.

— Espero que me desculpe por dizer o que penso, mas espera realmente que um menino de quatro anos possa compreender as

baboseiras de um casamento católico?

Katherine respirou fundo.

— Sou católica, Mrs. Baylock. E meu marido também o é.

— Alguém tinha mesmo que ser ...

Katherine ficou aturdida, furiosa com o desafio aberto. Mas controlou-se e disse firmemente:

— Quero meu filho vestido e no carro, dentro de cinco minutos. Ou então pode começar a procurar outro emprego.

— Talvez seja a melhor coisa a fazer.

— Como quiser.

— Vou pensar no assunto.

— O problema é seu.

Houve um momento de silêncio extremamente tenso. Depois, Katherine virou-se para sair do banheiro.

— Sobre a ida à igreja, madame...

— O que mais tem a dizer?

— Vai se arrepender de tê-lo levado.

Katherine saiu do banheiro. Cinco minutos depois, Damien desceu, vestido e pronto para entrar no carro.

O percurso levou-os a Shepperton, onde estava sendo construída uma nova auto-estrada. Ficaram parados num engarrafamento, o que contribuiu para aumentar o silêncio tenso na limusine. Notando a expressão contrafeita da esposa, Thorn indagou:

— Algo errado?

— Não.

— Você parece zangada.

— Desculpe.

— O que aconteceu?

— Nada de mais.

— Mas conte-me tudo. Serve para desabafar.

— Foi Mrs. Baylock — murmurou Katherine, suspirando.

— O que houve com ela?

— Tivemos uma pequena discussão.

— Sobre o quê?

— Ela queria levar Damien para o parque.

— E o que há de errado nisso?

— Em vez da igreja.

— Não posso dizer que eu discorde.

— Ela fez todo o possível para impedir que ele fosse à igreja.

— Provavelmente se sente solitária sem a companhia de Damien.

— Não sei se isso é bom para ele.

Thorn deu de ombros, olhando para os homens que trabalhavam ao lado da estrada, enquanto o carro avançava lentamente.

— Não podemos dar uma volta e nos livrarmos deste engarrafamento, Horton?

— Não dá, senhor. E, se não se importa, eu gostaria de dar minha opinião a respeito de Mrs. Baylock.

Thorn e Katherine se entreolharam, surpresos com o pedido de Horton.

— Pode falar — disse Thorn, finalmente.

— Acho que não seria bom falar na presença do menino.

Katherine olhou para Damien, que estava brincando com os cordões dos sapatos novos, aparentemente alheio à conversa.

— Não há problema — disse ela. '

— Acho que ela é uma má influência para o menino — disse Horton. — Não tem o menor respeito pelos regulamentos da casa.

— Que regulamentos? — indagou Thorn.

— Prefiro não entrar em detalhes, senhor.

— Diga tudo, por favor.

— Os empregados da casa sempre fazem refeições juntos e se revezam na lavagem dos pratos.

Thorn olhou para Katherine. Evidentemente, não era nada sério.

— Ela jamais come conosco — continuou Horton. — Ao que parece, desce depois que terminamos e come sozinha.

— Estou entendendo — disse Thorn, simulando toda a atenção.

— E deixa os pratos na pia, para serem lavados pela empregada que chega pela manhã.

— Podemos pedir a ela que pare de fazer isso.

— E também se espera que, depois de apagadas as luzes, fiquem todos dentro da casa — continuou Horton. — Mas já a vi sair diversas vezes, de madrugada, seguindo para a floresta. Quando ainda está escuro, e caminha silenciosamente, para que ninguém possa ouvi-la.

Os Thorn começaram a ficar perplexos.

— Parece estranho ... — murmurou Thorn.

— A outra coisa é um tanto grosseira e peço que me desculpem por contar. Mas notamos que ela não usa papel higiênico. O rolo ainda não foi mudado no banheiro dela, desde a sua chegada.

No assento de trás, os Thorn se entreolharam. A história estava ficando cada vez mais bizarra.

— Somei dois e dois e cheguei à conclusão de que ela vai fazer suas necessidades na floresta — acrescentou Horton. — E, se querem saber a minha opinião, acho que é um comportamento grosseiro.

Seguiu-se um momento de silêncio. Os Thorn estavam confusos.

— E há mais uma coisa que está errada, senhor.

— E o que é, Horton?

— Ela volta e meia usa o telefone para falar com alguém em Roma.

Terminado o que tinha que dizer, Horton voltou a concentrar-se no caminho. Encontrou uma brecha no engarrafamento e avançou rapidamente. Enquanto a paisagem se deslocava pelas janelas do carro, Thorn e Katherine ficaram pensando na história, em silêncio. Os olhos deles finalmente se encontraram.

— Ela hoje me desafiou abertamente — disse Katherine.

— Quer despedi-la?

— Não sei. O que você acha?

Thorn deu de ombros.

— Damien parece gostar dela.

— Eu sei.

— E isso vale alguma coisa.

— Tem razão — disse Katherine, suspirando. — Acho que é mesmo importante.

— Mas podemos mandá-la embora, se você quiser.

Katherine ficou calada por algum tempo, olhando pela janela.

— Acho que talvez ela própria tome a iniciativa de ir embora.

Sentado entre os dois, Damien olhava para o chão do carro, sem mexer os olhos, enquanto seguiam rapidamente para a cidade.

A Igreja de Todos os Santos era um prédio imenso. Arquitetura do século XVII misturando-se com arquitetura dos séculos XVIII, XIX e XX, num fluxo contínuo de construções. As maciças portas da frente estavam sempre abertas, o interior permanentemente iluminado, dia e noite. Naquele dia, a escadaria estava enfeitada de

flores e lacaios de fraque formavam uma guarda de honra. O casamento atraía uma multidão de curiosos, alguns deles carregavam cartazes com chavões do Partido Comunista, desertores de comício em Piccadilly que tinham preferido vir assistir ao casamento. O grande atrativo para pessoas de todas as condições, situações e diferentes credos políticos era a presença de celebridades. A multidão estava começando a se agitar e os guardas de segurança tinham alguma dificuldade para mantê-la a distância. Isso dificultava o acesso e os carros que chegavam tinham de entrar em fila única, esperando pacientemente até o momento de chegar diante da escadaria, antes de os passageiros poderem saltar.

A limusine dos Thorn foi uma das últimas a chegar e entrou na fila quase no final do quarteirão. Havia menos guardas de segurança ali e a multidão cercou o carro, olhando para os passageiros. À medida que foram avançando, a multidão se tornou mais densa. Damien, que estivera cochilando, acordou, espantado e confuso com os rostos que o fitavam. Katherine puxou-o para mais perto de si, olhando para a frente, inquieta. Mas as pessoas ao redor deles foram se multiplicando e começaram a se comprimir contra o carro. O rosto grotesco de um hidrocéfalo surgiu na janela ao lado de Katherine e começou a bater no vidro, como se quisesse entrar.

Ela virou-se para olhar e subitamente encolheu-se de medo, pois o homem tinha começado a rir, uma baba escorrendo dos cantos da boca.

— Deus do céu! — balbuciou Katherine. — O que está acontecendo?

— Está tudo engarrafado em quase todo o quarteirão — explicou Horton.

— Não pode dar a volta?

— Há outros automóveis colados ao nosso, na frente e atrás.

O hidrocéfalo continuava a bater na janela. Katherine fechou os olhos, tentando ignorar o barulho. Mas outras pessoas, divertidas, começaram a bater também, em todas as janelas.

— Está cheio de comunistas lá na frente — disse Horton.

— Não podemos sair daqui? — suplicou Katherine.

Os olhos de Damien, ao lado dela, começaram a registrar uma expressão de medo, contagiado pelo alarma da mãe.

— Está tudo bem... está tudo bem... — disse Thorn, suavemente, procurando tranquilizar Katherine e o menino.

— Essas pessoas não podem machucar-nos. Querem apenas ver quem está dentro do carro.

Mas os olhos do menino estavam ficando cada vez mais arregalados. E não estavam fixados nas pessoas que cercavam o carro, mas num ponto muito acima delas: no alto da torre da igreja,

— Não precisa ter medo, Damien — disse Thorn. — Estamos apenas indo a um casamento.

Mas o medo do menino foi ficando cada vez maior, o rosto dominado por uma tensão crescente, à medida que se aproximavam da igreja.

— Damien ...

Thorn olhou para Katherine, orientando os olhos dela na direção do menino. O rosto dele parecia de pedra, o corpo tenso. A multidão subitamente desapareceu e a igreja surgiu à frente deles.

— Está tudo bem, Damien — sussurrou Katherine. — As pessoas já foram embora . . .

Mas os olhos do menino estavam fixos na igreja, cada vez mais arregalados.

— O que há com ele? — indagou Thorn.

— Não sei.

— O que está havendo, Damien?

— Ele está apavorado.

Katherine estendeu a mão e o menino agarrou-a, fitando-a nos olhos, desesperado.

— É uma igreja, querido — disse Katherine.

O menino virou-se, os lábios ressequidos. O pânico brotava de dentro dele. A respiração era ofegante, o rosto estava pálido.

— Deus do céu! — balbuciou Katherine.

— Ele está doente?

— Parece ser de gelo! Está frio como gelo!

A limusine parou subitamente diante da igreja e a porta se abriu. A mão do laçao, estendendo-se na direção de Damien, provocou um acesso de pânico no menino. Agarrando o vestido de Katherine, ele começou a puxar com toda a força, choramingando de medo.

— Damien! — gritou Katherine. — Damien!

Tentou arrancar as mãos do menino de seu vestido.

E quanto mais tentava, mais desesperadamente Damien se agarrava ao vestido.

— Jeremy! — gritou Katherine.

— Damien! — gritou Thorn.

— Ele está rasgando meu vestido!

Thorn segurou o menino e puxou-o com força. Damien se agarrava à mãe com um desespero crescente. Arranhou o rosto de Katherine, puxou-lhe os cabelos, procurando continuar dentro do carro.

— Oh, meu Deus! — gritou Katherine. — Socorro!

— Damien! — berrou Thorn, procurando inutilmente afastar o menino. — Damien! Largue!

Damien gritava de terror e a multidão novamente cercou o carro contemplando a luta desesperada. Tentando ajudar, Horton

saiu do carro e agarrou Damien, procurando puxá-lo pela porta aberta. Mas o menino se transformara num animal, gritando estridentemente, os dedos se enterrando no rosto e na cabeça de Katherine, arrancando-lhe um punhado de cabelos.

— Tirem-no daqui! — berrou ela.

Aterrorizada também Katherine começou a bater no menino, tentando afastar-lhe os dedos, que se enterravam no olho dela. Num movimento brusco, Thorn conseguiu arrancar Damien de cima da esposa. E abraçou-o com toda a força, prendendo-o a seu lado.

— Vamos embora! — balbuciou ele para Horton. — Saia daqui imediatamente!

Enquanto o menino se debatia freneticamente, Horton correu para o volante, fechando as portas. A limusine arrancou bruscamente, afastando-se do meio-fio.

— Oh, Deus! — balbuciou Katherine, soluçando. — Oh. . •  
meu... Deus...

À medida que a limusine ia aumentando a velocidade, afastando-se da igreja, Damien aos poucos foi parando de se debater, a cabeça caindo para trás, completamente exausto. Horton entrou derrapando na estrada. Momentos depois, reinava silêncio absoluto no interior do carro. Damien estava com os olhos vidrados, o rosto molhado de suor. Ao lado dele, Katherine estava em estado de choque, os cabelos puxados e arrancados, um olho inchado, quase fechado. Seguiram para casa em silêncio. Ninguém se atreveu a falar.

Chegando a Pereford, levaram Damien para o quarto dele e sentaram-se todos, calados. O menino ficou olhando pela janela. Sua testa estava fria. Assim, não havia necessidade de chamar um médico. Mas Damien não queria olhar para eles, apreensivo pelo que fizera.

— Podem deixar que eu tomo conta dele — disse Mrs. Baylock calmamente, entrando no quarto.

Quando Damien virou-se e a viu, sua reação foi de alívio.

— Ele levou um susto — murmurou Katherine, debilmente.

— Ele não gosta de igrejas — disse a babá — e queria ir para o parque.

— Ele ficou... descontrolado — disse Thorn.

— É que estava zangado — explicou Mrs. Baylock.

Ela adiantou-se, levantando os braços. Damien aconchegou-se entre os seus braços. Como um filho na mãe. Os Thorn ficaram observando em silêncio. E depois saíram do quarto, lentamente.

— Há algo errado — disse Horton para a esposa.

A noite já caíra e os dois estavam na cozinha. Ela ficou ouvindo em silêncio, enquanto o marido relatava os acontecimentos do dia.

— Há alguma coisa errada com Mrs. Baylock — continuou ele.  
— E há alguma coisa errada com aquele menino. E também com esta casa.

— Você está exagerando as coisas.

— Se tivesse visto o que aconteceu, poderia compreender.

— Ora, foi apenas um acesso de raiva de uma criança.

— Foi o acesso de um animal.

— Ele é um menino mimado e mais nada.

— Desde quando?

Ela sacudiu a cabeça, como que a afastar tais pensamentos. Depois, pegou um monte de legumes na geladeira e começou a cortá-los em pedacinhos.

— Já olhou nos olhos dele? — insistiu Horton. — É a mesma coisa que olhar nos olhos de um animal. São olhos que apenas espreitam a gente. Esperando. Sabem alguma coisa que a gente não sabe. Já estiveram em algum lugar em que nunca estivemos.

— Você e suas crendices.

— Espere só para ver, mulher. Tenho certeza de que algo terrível vai acontecer.

— Está sempre acontecendo algo ruim, em toda parte.

— Não gosto nada do que está acontecendo por aqui. Seria melhor irmos embora.

Nesse exato momento, os Thorn estavam no terraço. Já era bem tarde e Damien estava dormindo. A casa estava silenciosa e toda apagada. Ouvia-se música clássica na vitrola. Eles estavam sentados em silêncio, contemplando a noite escura. O rosto de Katherine estava bastante machucado e inchado. De vez em quando, ela molhava o olho ferido com um pano, que mergulhava numa tigela de água morna à sua frente. Não se haviam dito uma única palavra desde os acontecimentos daquela tarde e agora simplesmente partilhavam a presença um do outro. E o medo que os invadira era igual ao já anteriormente experimentado por outros pais: a descoberta súbita de que havia algo errado com o filho. E o medo se cristalizara em silêncio. Mas não tomaria forma enquanto não fosse formulado.

Katherine experimentou a água da tigela com a mão. Verificando que já estava fria, ela torceu o pano e colocou-o na mesinha ao lado. O movimento atraiu a atenção de Thorn, que se pôs a fitá-la, esperando até que ela também o fitasse.

— Tem certeza de que não precisa de um médico, Kathy?

Ela sacudiu a cabeça.

— Foram apenas alguns arranhões.

— O médico seria... para Damien.

— E o que iríamos dizer ao médico, Jeremy?

— Não teríamos que dizer-lhe nada. Apenas pediríamos que examinasse Damien.

— Damien fez um exame médico completo no mês passado. Não há nada de errado com ele. Nunca esteve doente um único dia em toda a sua vida.

Thorn sacudiu a cabeça, pensativo.

— É mesmo... Ele nunca esteve doente...

A voz dele parecia estranha.

— Nunca.

— E não acha isso estranho?

— Você acha?

— Acho.

O tom de voz de Thorn era muito estranho e Katherine virou-se para encará-lo. Os olhos deles se encontraram e ela ficou esperando que o marido continuasse.

— Damien não teve sarampo nem caxumba... nem mesmo catapora... nem ao menos o nariz escorrendo, uma tosse, um simples resfriado...

— E daí? — indagou Katherine, na defensiva.

— É que... parece um tanto estranho...

— Pois eu não vejo nada de estranho nisso.

— Mas eu vejo.

— Ele descende de gente saudável.

Thorn parou de falar, sentindo um nó no estômago. O segredo ainda estava lá. Nunca o deixara, em todos aqueles anos. Mas ele se sentia justificado pelo que fizera. Talvez tivesse um sentimento de culpa por ter enganado a esposa, mas isso desapareceria diante de toda a felicidade que Damien trouxera. Quando tudo corria bem, era fácil reprimir o segredo, deixá-lo adormecido no fundo de seu coração. Mas agora as coisas haviam mudado e o segredo assumia uma importância terrível, ameaçando obstruir-lhe a garganta.

— Se a sua família ou a minha tivesse algum caso de... psicose, distúrbio mental... neste caso, eu ficaria realmente preocupada com o que aconteceu hoje.

Thorn fitou-a por um momento, depois desviou os olhos.

— Estive pensando no que aconteceu, Jeremy, e cheguei à conclusão de que não foi nada grave. Ele é um ótimo menino,

saudável. E tem ancestrais perfeitos, tanto pelo seu lado como pelo meu.

Incapaz de fitá-la, Thorn limitou-se a assentir.

— Ele levou um tremendo susto e mais nada, Jeremy. Apenas um... mau momento. E, afinal de contas, toda criança tem direito de vez em quando a ter um acesso.

Thorn tornou a assentir. Exausto, esfregou a testa. Ansiava em contar tudo à esposa, expor o problema. Mas agora era tarde demais. A fraude fora demasiadamente longe. Ela iria odiá-lo. Podia até odiar o menino. Era tarde demais. Katherine jamais deveria saber.

— Estive pensando também a respeito de Mrs. Baylock, Jeremy.

— E qual foi a conclusão a que chegou?

— Acho que devemos mantê-la.

— Ela me pareceu muito solícita hoje.

— Damien anda nervoso demais. Talvez tenha sido porque nos ouviu falando a respeito dela no carro.

— É possível.

Fazia sentido. Talvez fosse aquilo a causa do terror que o menino experimentara diante da igreja. Haviam pensado que Damien não estava escutando, mas tal não acontecera. E a ideia de perder a babá querida deixara o menino aterrorizado.

— É bem possível — repetiu Thorn, com a voz impregnada de esperança.

— Estou pensando em dar outras atribuições a Mrs. Baylock, Jeremy. Encontrar um jeito para que ela passe algum tempo fora de casa. Talvez a encarregue de fazer as compras da tarde, para que eu possa passar mais algum tempo em companhia de Damien.

— Quem faz as compras atualmente?

— Mrs. Horton.

— E ela irá se importar de abrir mão?

— Não sei. Mas quero passar mais tempo com Damien.

— Acho que é uma boa ideia.

Ficaram em silêncio novamente. Katherine afastou os olhos. Depois de algum tempo, Thorn repetiu:

— Acho que é uma boa ideia.

Por um instante, ele sentiu que tudo ia ficar novamente certo. E foi então que percebeu que Katherine estava chorando. Ficou abalado, a observar, incapaz de confortá-la.

— Você acertou, Kathy. Damien nos ouviu falar em despedi-la. E foi por isso que ficou daquele jeito.

— Rezo para que tenha sido apenas isso — balbuciou Katherine, com a voz trêmula.

— Claro que foi, querida.

Katherine assentiu, em silêncio. Quando as lágrimas finalmente cessaram, ela levantou-se, olhando para a casa às escuras.

— A melhor coisa que se pode fazer com um dia péssimo é terminá-lo — murmurou ela. — Vou me deitar, Jeremy.

— Ficarei sentado aqui mais um pouco. Subirei dentro de alguns minutos.

Os passos de Katherine foram sumindo. Thorn ficou sozinho com seus pensamentos.

Ele olhou para a floresta, mas o que viu foi o hospital em Roma. E viu-se parado diante de uma janela, concordando em aceitar a criança. Por que não fizera mais perguntas a respeito da mãe do menino? Quem era ela? De onde teria vindo? Quem era o pai e por que ele não estava presente? Ao longo dos anos, fizera algumas suposições, que tinham servido para acalmar suas apreensões. A verdadeira mãe de Damien era provavelmente uma camponesa, católica, o que explicava o fato de ter o filho num hospital católico. Era um hospital caro e ela não teria ido para lá se não fosse por isso. Provavelmente era órfã também. O menino nascera de uma união ilegítima, sendo esse o motivo para a ausência do pai. O que

mais haveria para saber? O que mais poderia ter alguma importância? O menino era lindo e esperto, descrito como “perfeito em todos os sentidos”.

Thorn não estava acostumado a duvidar de si mesmo, a se acusar. Sua mente esforçou-se em procurar todas as garantias de que fizera o que era mais acertado. Estava confuso e desesperado na ocasião, presa fácil de qualquer sugestão. Poderia ter-se enganado? Haveria mais alguma coisa que deveria saber?

As respostas a essas perguntas jamais seriam conhecidas por Thorn. Poucas pessoas sabiam da verdade e estavam agora dispersas pelo mundo inteiro. Somente a Irmã Teresa, o Padre Spilletto e o Padre Tassone é que sabiam. Na escuridão daquela noite distante, eles haviam trabalhado em silêncio, febrilmente, na tensão e na honra de terem sido os escolhidos. Em toda a história da Terra, só fora tentado duas vezes. E eles sabiam que, desta vez, não poderia falhar. E tudo estava nas mãos deles, dos três. Havia agido eficientemente, sem que ninguém soubesse. Depois do nascimento, a Irmã Teresa é que se encarregara de preparar o impostor, depilando-lhe os braços e a testa, enxugando-o meticulosamente, para que estivesse pronto para ser mostrado, quando Thorn aparecesse. Os cabelos na cabeça eram grossos, como eles haviam esperado. A Irmã Teresa usara um secador para afofá-lo, depois de verificar o couro cabeludo, para certificar-se de que a marca de nascença ali estava. Thorn nunca veria a Irmã Teresa. Como também não veria o pequeno Padre Tassone, que naquele mesmo momento estava trabalhando no porão, encerrando dois corpos em caixões, para serem imediatamente removidos. O primeiro corpo era do filho de Thorn, silenciado antes que pudesse emitir seu primeiro grito. O segundo corpo era o do animal, a mãe substituta da criança que sobrevivera. Lá fora, um caminhão estava esperando, para levar os corpos para o Cimitero di SantAngelo, onde coveiros silenciosos aguardavam junto do santuário.

O plano nascera de uma comunhão diabólica. Spilletto é que estava no comando, tendo escolhido os seus cúmplices com extremo cuidado. Ficara bastante satisfeito com a Irmã Teresa. No

final, porém, tornara-se preocupado com Tassone. O pequeno padre era dedicado, mas sua crença derivava do medo. E no último dia ele demonstrara uma instabilidade que deixara Spilletto pensativo. Tassone se mostrara ansioso em colaborar, é verdade, mas sua ansiedade era egoística, um desespero em provar que era digno da missão.

Ele perdera de vista o significado do que estavam fazendo, preocupando-se em vez disso com a importância de seu próprio papel. Seu egocentrismo levava à ansiedade e Spilletto quase chegara ao ponto de dispensá-lo. Se um deles falhasse, todos os três seriam responsabilizados. E muito mais importante: não poderia ser tentado novamente, por outros mil anos.

Mas Tassone acabou realizando o seu trabalho com dedicação e eficiência, mesmo enfrentando uma crise que nenhum deles previra. A criança ainda não estava morta e fez um barulho dentro do caixão, no momento em que estava sendo posta no caminhão. Tassone pegou rapidamente o caixão e voltou com ele para o porão do hospital, assegurando pessoalmente que a criança nunca mais soltaria nenhum grito. Isso o deixou abalado. Profundamente. Mas ele o fez e isso era tudo o que importava.

Naquela noite, no hospital, ao redor deles, tudo parecia estar normal. Os médicos e enfermeiras executavam suas tarefas de rotina, sem terem a menor ideia do que estava acontecendo ali. Tudo havia sido feito com discrição e eficiência. Ninguém, especialmente Thorn, poderia ter qualquer pista do que acontecera.

Sentado agora no terraço, olhando para a noite escura, Thorn descobriu subitamente que a floresta de Pereford não mais parecia encerrar um presságio terrível. Ele já não tinha a sensação de que havia alguma coisa a observá-lo da floresta. Estava tudo quieto agora, os grilos e os sapos empenhados em sua sinfonia noturna. E era relaxante, tranquilizante, descobrir que a vida ao seu redor estava normal. Os olhos de Thorn se deslocaram para a casa, subiram para a janela de Damien. Estava iluminada, por uma lâmpada fraca que ficava acesa durante a noite. Thorn pensou no

rosto do menino, na serenidade do sono. Seria a imagem apropriada para encerrar aquele dia pavoroso. Levantou-se, apagando a luz do terraço e entrando na casa às escuras.

Estava muito escuro lá dentro e tudo era envolvido pelo silêncio. Thorn caminhou lentamente para a escada. Procurou um interruptor. Como não o encontrasse, subiu no escuro mesmo, silenciosamente. Chegou ao patamar. Nunca vira a casa tão escura assim. Compreendeu que devia 'ter ficado lá fora, imerso em seus pensamentos, por um tempo considerável. Podia ouvir a respiração regular de pessoas dormindo. Avançou silenciosamente pelo corredor, tateando a parede. Sua mão encontrou um interruptor. Empurrou-o, mas a luz não acendeu. Continuou em frente, virando no corredor. À sua frente, podia ver o quarto de Damien, uma luz fraca se escoando por baixo da porta. Parou subitamente, julgando ter ouvido um barulho. Era uma espécie de vibração, um rumor baixo, que desapareceu antes que pudesse identificá-lo, substituído pelo silêncio no corredor. Thorn já ia avançar novamente quando o som voltou, mais alto desta vez, fazendo com que o coração dele disparasse. Thorn olhou para baixo e deparou com aqueles olhos. Ofegante, encostou-se à parede, enquanto o rugido ia crescendo de intensidade e um cão se materializava na escuridão, montando guarda diante do quarto do menino. Aterrorizado, quase sem respirar, paralisado, Thorn ficou soltando ruídos guturais. Sua voz fez com que o animal se encolhesse, como se estivesse pronto para dar o bote.

— Quietos, quietos — disse Mrs. Baylock, saindo de seu quarto. — Este é o dono da casa.

O cão parou de rosar, acalmou-se, o drama subitamente terminado. Mrs. Baylock apertou um interruptor e o corredor se iluminou no mesmo instante, mostrando Thorn, ofegante, a fitar o animal...

— Mas... mas o que é isso?

— Isso o quê, senhor?

— Esse cão!

— Acho que é um pastor. Não é bonito, senhor? Nós o encontramos na floresta.

O cão estava agora deitado aos pés dela, indiferente a tudo.

— Mas quem lhe deu permissão...

— Achei que seria bom termos um cão de guarda. E o menino o adorou.

Thorn ainda estava abalado, trêmulo, encostado na parede. Mrs. Baylock estava achando graça da situação e não disfarçou.

— O cachorro lhe deu um tremendo susto, hem?

— Deu, sim.

— Está vendo como é um bom cão de guarda? Acredite em mim, senhor. Será ótimo tê-lo por aqui, quando se for.

— Quando eu me for?

— Em sua viagem. Não vai para a Arábia Saudita?

— Como sabe que vou à Arábia Saudita?

Ela deu de ombros.

— Eu não sabia que era um segredo.

— Não falei com ninguém aqui sobre a minha viagem.

— Foi Mrs. Horton quem me contou.

Thorn sacudiu a cabeça, os olhos se fixando novamente no cão.

— O cão não vai causar nenhum problema — assegurou Mrs. Baylock. — Vamos lhe dar restos de comida. , .

— Não quero esse animal aqui!

A mulher fitou-o, espantada.

— Não gosta de cães, senhor?

— Quando quiser um, eu o escolherei pessoalmente.

— O menino o adorou, senhor. E creio que precisa dele.

— Eu é que decidirei quando ele vai precisar de um cão.

— As crianças sempre precisam de um animal de estimação, senhor. Em qualquer idade.

Ela ficou olhando para Thorn como se quisesse dizer mais alguma coisa. Thorn percebeu-o e indagou:

— Tem mais alguma coisa a dizer?

— Acho que não, senhor.

Mas a maneira como ela olhava indicava justamente o contrário.

— Se tem mais alguma coisa a dizer, Mrs. Baylock, eu gostaria de saber o que é.

— Não sei se devo, senhor. Já tem muitos problemas a preocupá-lo...

— Eu disse que pode falar, o que quer que seja.

— É que o menino parece muito solitário, senhor.

— E por que ele deveria sentir-se solitário?

— A mãe não parece aceitá-lo muito bem.

Thorn ficou subitamente tenso, irritado com o comentário.

— Eu não disse, senhor? Não deveria ter falado.

— Ela não aceita Damien? Como assim?

— E parece que não gosta dele. O menino se ressent. Thorn ficou calado, sem saber o que dizer. A mulher acrescentou:

— Às vezes, eu penso que ele só tem a mim.

— Pois acho que está totalmente equivocada.

— E agora ele tem também o cachorro, senhor. Ao qual adora. Pelo bem do menino, não mande o cachorro embora.

Thorn tornou a olhar para o imenso animal e sacudiu a cabeça.

— Não gosto dele. Leve-o para o curral amanhã.

— Para o curral, senhor?

— O depósito municipal de cães sem dono.

— Mas eles matam todos os cachorros que são levados para lá!

— Então simplesmente tire-o daqui. Não quero tornar a ver esse animal amanhã.

O rosto de Mrs. Baylock ficou tenso e Thorn virou-se. A mulher e o cachorro ficaram observando-o se afastar — e os olhos de ambos ardiavam de ódio.

## *Capítulo cinco*

Thorn passou a noite sem dormir. Ficou sentado na varanda do quarto, fumando um cigarro atrás do outro, repugnado com o gosto. No quarto atrás dele, soavam gemidos de Katherine. Que demônio ela estaria enfrentando em seu sono? perguntou-se Thorn. Seria o antigo demônio da depressão, que tinha voltado a atormentá-la? Ou será que ela estava simplesmente rememorando os terríveis acontecimentos do dia?

Para manter a mente longe da realidade, Thorn começou a especular, refugiando-se na imaginação para afastar as preocupações imediatas. Ele pensou nos sonhos, na possibilidade de uma pessoa ver os sonhos de outra. Sabia-se que a atividade cerebral é elétrica, assim como os impulsos que criam as imagens nas telas de televisão. Deveria haver um meio de projetar os sonhos da mesma maneira. Os resultados terapêuticos seriam fantásticos. Os sonhos seriam gravados em videoteipe, a fim de que a pessoa pudesse depois assistir aos próprios sonhos. Ele próprio era atormentado de vez em quando pela sensação vaga de que tivera um sonho perturbador. Pela manhã, os detalhes já se haviam perdido, restando apenas a sensação de inquietude. Além do efeito terapêutico, a gravação dos sonhos poderia ser extremamente divertida. E também extremamente perigosa. Os sonhos dos grandes homens poderiam ser guardados em arquivos, para serem vistos pelas gerações futuras. Quais teriam sido os sonhos de Napoleão? Ou os de Hitler? E os de Lee Harvey Oswald? Talvez o assassinato de Kennedy pudesse ter sido evitado, se alguém tivesse a oportunidade de conhecer os sonhos de Oswald. Devia realmente haver um meio de projetar os sonhos. E pensando nessas coisas, Thorn viu as horas passarem, até que a manhã despontou.

Quando Katherine acordou, o olho ferido estava fechado de tão inchado. Antes de sair de casa, Thorn sugeriu que ela fosse ao médico. Foi a única coisa que se falaram. Katherine estava calada e Thorn muito preocupado com o dia que tinha pela frente. Ele ia tomar as providências finais para sua viagem à Arábia Saudita. Contudo, tinha a sensação de que não deveria fazer a viagem. Tinha medo. Por Katherine, por Damien, por si próprio. Mas não sabia por quê. Havia uma incerteza no ar, o pressentimento de que a vida se tornara subitamente frágil. Nunca ele se preocupara com a morte, uma coisa que lhe parecia muito distante. Mas a morte era justamente a essência do que ele estava sentindo agora. Tinha o pressentimento de que sua vida, de alguma maneira, corria perigo.

Na limusine, a caminho da embaixada, fez algumas anotações superficiais sobre apólices de seguros e detalhes de negócios, que teriam de ser cuidados no caso de sua morte. Assim o fez com a maior tranquilidade, sem perceber que era algo que jamais fizera antes, algo que nem sequer cogitara fazer. Só depois que acabou é que o ato deixou-o assustado. Ficou tenso, em silêncio, enquanto o carro se aproximava da embaixada. Tinha a sensação de que, a qualquer momento, algo ia acontecer.

Quando a limusine parou, Thorn saltou e deteve-se na calçada, esperando que o carro se afastasse. E foi então que viu os dois homens se aproximarem, um a tirar fotografias, outro a fazer-lhe perguntas. Thorn encaminhou-se para a entrada da embaixada, mas os dois homens se interpuseram em seu caminho. Thorn tentou contorná-los, sacudindo a cabeça.

— Já leu o *Repórter* hoje, Mr. Thorn?

— Não, não li. ..

— Há uma notícia sobre a babá do seu filho, a que pulou do telhado.

— Ainda não vi.

— Diz que ela deixou um bilhete.

— Isso é bobagem.

— Poderia se virar para cá, por favor?

Era Jennings, com a câmara, movendo-se rapidamente, batendo fotografias.

— Quer dar licença, por favor? — pediu Thorn, quando Jennings bloqueou sua passagem.

— É verdade que ela tomava drogas? — perguntou o outro homem.

— Mas é claro que não!

— O relatório da autópsia diz que havia uma droga na corrente sanguínea dela.

— Era um remédio antialérgico — explicou Thorn, por entre os dentes semicerrados. — Ela era alérgica...

— Dizem que foi uma dose excessiva.

— Pode ficar assim por um momento? — pediu Jennings.

— Quer sair da minha frente? — resmungou Thorn.

— Estou apenas fazendo o meu trabalho, senhor.

Thorn deu dois passos para o lado, mas eles foram atrás, bloqueando-lhe novamente a passagem.

— Ela tomava drogas, Mr. Thorn?

— Eu já disse...

— A notícia dizia...

— Não quero saber do que a notícia dizia!

— Assim está ótimo! — disse Jennings. — Não mude a expressão, por favor.

A câmara chegou muito perto e Thorn empurrou-a para o lado, derrubando-a da mão de Jennings. A máquina caiu na calçada estrondosamente. Por um momento, todos ficaram imóveis, em silêncio, chocados com aquela explosão de violência súbita.

— Será que vocês não podem ter algum respeito pelos outros? — balbuciou Thorn.

Jennings estava ajoelhado e olhou para cima.

— Sinto muito — disse Thorn, a voz trêmula. — Mande-me a conta dos prejuízos.

Jennings pegou a máquina quebrada e levantou-se, lentamente. Fitou Thorn nos olhos, dando de ombros.

— Não há problema, senhor embaixador. Ficará me devendo...

Thorn assentiu, nervosamente. Depois afastou-se rapidamente e entrou na embaixada. Um fuzileiro aproximou-se correndo, tarde demais para evitar o incidente.

— Ele jogou minha máquina no chão — disse Jennings Para o fuzileiro. — O embaixador quebrou minha máquina.

Os dois homens ficaram parados ali por um momento, confusos. Depois, cada um seguiu o seu caminho.

O gabinete de Thorn estava na maior confusão. A viagem à Arábia Saudita estava correndo perigo, porque Thorn estava agora dizendo que não poderia ir, sem dar qualquer explicação. O planejamento da viagem absorvera toda a sua equipe pela maior parte de duas semanas. Seus dois assessores principais estavam revoltados, sentindo-se logrados, diante da ameaça de todo o seu trabalho ser desperdiçado.

— Não pode cancelar a viagem agora — suplicou um deles. — Depois de tudo o que se fez, não pode simplesmente telefonar e dizer...

— A viagem não está cancelada, apenas adiada — disse Thorn.

— Eles vão encarar isso como um insulto!

— O problema é deles.

— Mas por quê?

— Não me sinto com disposição para viajar neste momento. Não é uma ocasião propícia.

— Compreende tudo o que está em jogo nessa viagem?

— perguntou o segundo assessor.

— É apenas diplomacia, mais nada.

— É muito mais do que isso!

— Eles têm o petróleo e por isso têm o poder. Nada irá alterar essa situação.

— Mas é justamente por isso que...

— Mandarei outra pessoa.

— Mas o presidente está esperando que você vá!

— Falarei com ele e explicarei tudo.

— Deus do céu, Jerry! Sua viagem foi planejada durante semanas!

— Pois então tratem de planejar tudo outra vez! — gritou Thorn.

A súbita explosão provocou um momento de silêncio. A campainha do aparelho de intercomunicação tocou e Thorn estendeu a mão para atender.

— O que é?

— Está aqui o Padre Tassone, que deseja falar-lhe — informou a secretária.

— Quem?

— Padre Tassone, de Roma. Ele diz que é um assunto pessoal e urgente.

— Nunca ouvi falar nele — respondeu Thorn.

— Ele diz que precisa apenas de um minuto. O assunto **está** relacionado com um hospital.

— Provavelmente está querendo um donativo — murmurou um dos assessores.

— Ou convidá-lo para a inauguração — disse o outro.

— Está bem — disse Thorn à secretária, com um suspiro. — Mande-o entrar.

— Eu não sabia que você era tão mole assim, Jerry.

— Tenho que fazer relações públicas — murmurou Thorn.

— Não tome nenhuma decisão a respeito da viagem para a Arábia Saudita por enquanto, Jerry. Está certo? Você está muito deprimido hoje. Vamos esperar mais um pouco.

— A decisão já está tomada — disse Thorn, a voz cansada. — Ou vai outro no meu lugar ou adiamos a viagem.

— Adiar até quando?

— Até mais tarde, até que eu me sinta melhor, em condições de viajar.

A porta se abriu. Na arcada imensa, estava parado um homem muito pequeno. Era um padre, com a batina toda amarrotada, a atitude tensa, nervosa, imediatamente percebida pelos três homens que estavam na sala. Os assessores de Thorn trocaram um olhar inquieto, sem saberem se deveriam se retirar.

— Há... há algum problema... em falar-lhe a sós, senhor? — indagou o padre, com um forte sotaque italiano.

— É sobre um hospital? — perguntou Thorn.

— *Sì*.

Depois de um momento de hesitação, Thorn assentiu. Seus assessores saíram da sala hesitantes. Assim que eles se retiraram, o padre foi fechar as portas. Depois virou-se para Thorn, com uma expressão angustiada.

— O que deseja? — perguntou Thorn, apreensivo.

— Não temos muito tempo.

— Como?

— Tem que escutar o que vim lhe dizer.

O padre não saía do lugar, permanecendo com as costas tocando a porta.

— E o que veio me dizer?

— Deve aceitar Cristo como seu salvador. Tem que aceitá-lo agora!

Houve um momento de silêncio. Thorn estava confuso, sem saber o que dizer.

— Por favor, *signor* ...

Thorn interrompeu-o:

— Com licença, mas não disse que tinha um assunto pessoal e urgente a tratar comigo?

— Deve comungar, *signor*. Beba o sangue de Cristo e coma a carne d'Ele, pois somente com Ele dentro do senhor é que poderá derrotar o filho do Demônio.

O ambiente na sala estava carregado de tensão. Thorn estendeu a mão para o aparelho de intercomunicação.

— Ele já matou uma vez — murmurou o padre. — E vai matar de novo. E continuará matando, até que tudo que é seu lhe pertença.

— Se quiser esperar lá fora por um momento ...

O padre começou a se aproximar de Thorn, sua voz crescendo em intensidade.

— Somente através de Cristo é que poderá combatê-lo, *signor*. Aceite Nosso Senhor. Beba o sangue d'Ele.

Thorn apertou o botão do aparelho de intercomunicação.

— Tranquei a porta, *signor*.

Thorn ficou tenso, assustado agora com o tom de voz do padre.

— Pois não? — disse a secretária, através do aparelho de intercomunicação.

— Chame um dos guardas de segurança.

— Como, senhor?

— Eu lhe imploro, *signor*. Escute o que tenho a dizer.

— O que deseja, senhor?

— Eu estava no hospital, *signor*, na noite em que seu filho nasceu.

Thorn ficou sobressaltado.

— Eu... eu... assisti... ao nascimento...

A voz da secretária tornou a soar, bastante preocupada:

— Mr. Thorn? Lamento, mas não entendi o que disse.

— Não é nada — disse Thorn. — Apenas ... fique de sobreaviso.

Ele soltou o botão, olhando para o padre, apreensivo.

— Eu lhe imploro, *signor* ... — balbuciou Tassone, quase sufocado pelas lágrimas.

— O que deseja afinal?

— Salvá-lo, Mr. Thorn. Para que Cristo possa perdoar-me.

— O que sabe a respeito de meu filho?

— Tudo.

— O que sabe?

O padre estava agora tremendo, a voz embargada de emoção:

— Vi a mãe dele.

— Viu minha esposa?

— Vi a mãe dele!

— Está se referindo à minha esposa?

— A mãe *dele*, Mr. Thorn!

As feições de Thorn se tornaram subitamente frias.

— Está querendo fazer chantagem?

— Não, *signor*.

— O que deseja então?

— Vim contar-lhe, *signor*.

— Contar-me o quê?

— A mãe dele, *signor* ...

— Vamos, continue. O que há com ela?

— A mãe dele, *signor* ... era um chacal!

Um soluço escapou pela garganta do padre.

— Ele nasceu de um chacal! Eu vi pessoalmente.

Com um súbito estrondo, a porta da sala de Thorn se abriu, dando passagem a um fuzileiro, aos dois assessores principais e à secretária mais atrás. Thorn estava pálido, imóvel. O rosto do padre estava molhado de lágrimas.

— Algo errado aqui dentro, senhor? — perguntou o fuzileiro.

— Estava falando de maneira muito estranha, senhor — explicou a secretária. — E a porta estava trancada.

— Quero que tirem esse homem daqui — disse Thorn.

— E se algum dia ele voltar ... quero que o metam na cadeia!

Ninguém se mexeu. O fuzileiro hesitava em agarrar o padre. Lentamente, Tassone virou-se e saiu pela porta. Parou logo depois, olhando para trás, fixando-se em Thorn.

— Aceite Cristo — sussurrou ele, tristemente. — E todos os dias beba o sangue d'Ele.

Ele partiu em seguida, com o fuzileiro atrás, enquanto os outros ficaram parados, num silêncio confuso.

— O que ele queria? — perguntou um assessor.

— Não sei — murmurou Thorn, olhando para a porta.

— Ele é louco.

Na rua, diante da embaixada, Haber Jennings estava encostado num carro, verificando a sua câmara extra, depois de ter guardado a quebrada. Viu o fuzileiro acompanhando o padre, os dois descendo a escada da frente. Tirou duas fotos da dupla antes que o padre começasse a se afastar lentamente. O fuzileiro viu Jennings e se aproximou, fitando-o com uma expressão irritada.

— Não acha que já se meteu em encrenca suficiente hoje com esse negócio? — disse o fuzileiro, apontando para a câmara de Jennings.

— Encrenca suficiente? — repetiu Jennings, sorrindo.

— *Nunca* é suficiente!

Ele bateu mais duas fotos do fuzileiro, que se afastou, lançando-lhe um olhar furioso. Jennings deslocou o foco em seguida e descobriu o padre. Tirou mais uma foto dele, antes que desaparecesse.

Naquela noite, Jennings sentou-se no seu laboratório, olhando para uma série de fotografias, a expressão curiosa e confusa. Para certificar-se de que sua câmara de reserva estava operando direito, ele havia disparado todo um filme de trinta e seis chapas, em diversas exposições e velocidades. Três fotografias tinham saído defeituosas. Era o mesmo tipo de defeito que ele encontrara alguns meses antes, na fotografia da babá durante a festa de aniversário do menino Thorn. Desta vez, o defeito era nos instantâneos do padre. Novamente parecia uma falha na emulsão. Só que aparecia mais de uma vez, em duas fotos seguidas, pulando duas e tornando a aparecer na seguinte, exatamente como nas outras. O mais estranho é que o defeito estava ligado à mesma pessoa, um borrão indistinto de movimento pairando acima da cabeça do padre, como se realmente houvesse alguma coisa ali.

Jennings tirou as cinco fotografias do revelador e examinou-as atentamente, debaixo da luz: duas fotos do padre com o fuzileiro, dois *doses* do fuzileiro sozinho, mais uma foto do padre sozinho, a alguma distância. Nas duas fotos do fuzileiro a mancha não aparecia. E na última foto do padre a mancha era menor, proporcional ao tamanho do padre. Como nas outras fotos, era uma espécie de halo. Mas ao contrário da mancha na fotografia da babá, aquela tinha um formato oblongo, suspensa acima da cabeça do padre. O nevoeiro que envolvia a cabeça da babá era inerte, transmitindo uma sensação de paz. Mas o que estava acima da cabeça do padre dava a impressão de ser dinâmico, como se

estivesse em movimento. Parecia uma lança fantasma prestes a se abater sobre o padre.

Jennings acendeu um cigarro e recostou-se, pensativo. Já lera uma vez que a emulsão de filme era sensível ao calor intenso, assim como à luz. O artigo fora publicado numa revista sobre fotografias e tratava das imagens fantasmagóricas de um filme batido num dos famosos castelos mal-assombrados da Inglaterra. O autor, um especialista em ciência fotográfica, especulara sobre o relacionamento do nitrato com a alteração de temperatura, comentando que, em experiências de laboratório, descobrira-se que o calor intenso afetava a emulsão do filme da mesma maneira que a luz. Calor era energia e energia era calor. E se os fantasmas realmente eram, como alguns diziam, resíduos de energia humana, então poderiam ser registrados em filmes, se as condições fossem certas. Mas a energia de que o artigo falava não tinha qualquer relação com o corpo humano. Qual era a energia que se apegava ao exterior de um corpo humano? Será que aquelas manchas tinham surgido ao acaso ou possuíam algum sentido? Seriam uma decorrência de influências externas ou será que derivavam das ansiedades interiores?

Sabia-se que a ansiedade criava energia. Esse era o princípio do polígrafo, o famoso detector de mentiras. Essa energia era elétrica em sua natureza. Eletricidade era também calor. Talvez o calor gerado por extrema ansiedade se desprendesse do corpo humano e pudesse assim ser fotografado, em pessoas num estado de tensão extrema.

Jennings ficou tremendamente excitado. Consultou as suas fichas, verificando qual era o filme mais sensível à luz que já se fizera. Era o Tri-X-600, tão sensível que dava para se fotografar um movimento rápido, à luz de uma vela. Provavelmente era também o mais sensível ao calor.

Na manhã seguinte, Jennings comprou vinte e quatro rolos de Tri-X-600 e diversos filtros, para fazer experiências com fotos externas. Os filtros reduziram a entrada de luz, mas possivelmente

não a de calor. E ele teria uma oportunidade melhor de descobrir o que estava procurando. Precisava encontrar pessoas em estado de extrema tensão. Assim, foi a um hospital e secretamente fotografou pacientes numa ala de casos desesperados, onde os internados sabiam que estavam morrendo. Os resultados foram desapontadores. Em dez filmes, a mancha não apareceu uma única vez. Era óbvio que as manchas, ou o que quer que fossem, nada tinham a ver com a consciência da morte iminente.

Jennings sentiu-se frustrado, mas não desanimou, pois sabia, instintivamente, que estava na pista de algo importante. Voltando ao laboratório, copiou novamente as fotos do padre e da babá, experimentando diversos tipos de papel, ampliando ao máximo, para examinar atentamente cada grão. Na ampliação ficou patente que havia realmente algo ali. A olho nu nada vira, mas o nitrato revelara prontamente. Era como imagens invisíveis suspensas no ar.

Tudo isso ocupou seu tempo e seus pensamentos durante uma semana inteira. Depois, ele recomeçou a seguir Thorn.

O embaixador estava empenhado numa série de discursos em público e Jennings não encontrou a menor dificuldade em fotografá-lo. Ele compareceu a universidades, almoços de homens de negócios, até mesmo a uma ou duas fábricas, à vista de quem quisesse ver. O estilo do embaixador era eloquente, imbuído de fervor. Parecia conquistar suas audiências, onde quer que fosse. Se esse era o seu forte, então ele possuía o mais poderoso instrumento que um político podia ter. Conseguia impressionar os oprimidos economicamente, pelos quais o embaixador parecia demonstrar uma preocupação genuína.

— Estamos divididos por muitas maneiras diferentes! — gritava-lhes o embaixador. — Velhos e jovens, ricos e pobres ... e, muito mais importante, aqueles que têm uma oportunidade e aqueles que não têm nenhuma! A democracia determina que todos tenham oportunidades iguais. Sem oportunidades iguais, a palavra "democracia" não passa de uma mentira!

Ele se punha à disposição do público nessas conferências, frequentemente fazendo um esforço especial para entrar em contato com as pessoas mais pobres que avistava na multidão. Era a própria imagem do paladino do povo. Mais importante do que suas habilidades naturais, porém, era o fato de que conseguia fazer com que as pessoas acreditassem em sua sinceridade.

Na verdade, contudo, o próprio fervor ao qual as pessoas reagiam era uma decorrência do desespero. Thorn estava correndo, usando as suas funções públicas para evitar a angústia pessoal, pois um crescente pressentimento de coisas terríveis o seguia por onde quer que fosse. Por duas vezes, nas multidões que se reuniam para ouvi-lo, ele avistara uma batina preta que lhe era familiar. Começou a sentir que o pequeno padre o seguia. Não contou a ninguém, pois receava estar sendo vítima de sua própria imaginação. Mas começou a ficar preocupado com o fato, esquadrihando as multidões enquanto falava, sempre esperando a presença súbita do padre, onde quer que estivesse. Ele rejeitara as palavras de Tassone. Era evidente que o homem era louco, um fanático religioso, obcecado por uma personalidade pública. O fato de a obsessão envolver o filho de Thorn não passava de uma coincidência. Contudo as palavras do padre continuavam a atormentá-lo. Por mais impossíveis que fossem, continuavam a ecoar na mente de Thorn. Tinha que se esforçar arduamente para não lhes dar atenção. Ocorreu-lhe que o padre poderia ser um assassino em potencial. Tanto Lee Harvey Oswald como Arthur Bremmer tinham tentado fazer um contato pessoal com suas vítimas, da mesma forma como o padre tentara. Mas tratou de afastar tal pensamento. Não poderia mais agir como precisava, se acreditasse que o espectro da morte o espreitava do meio das multidões. Apesar de sua resistência, o padre permanecia em seus pensamentos, quer estivesse deitado ou dormindo. Não demorou muito para que Thorn percebesse que estava tão obcecado pelo homem como o padre estava por ele. Tassone era um predador, Thorn era a presa. Sentia-se como um rato do campo devia se

sentir, temendo sempre que lá no céu um gavião estivesse a espreitá-lo, voando em círculos.

Em Pereford, a superfície estava calma. Mas nas profundezas dos sentimentos ocultos ardiam intensamente as chamas da ansiedade. Thorn e Katherine quase não se viam, pois ele passava a maior parte do tempo longe de casa, absorvido por suas conferências e por outros compromissos. Quando estavam juntos, limitavam-se a uma conversa superficial, evitando qualquer coisa que pudesse causar angústia. Katherine estava passando mais tempo com Damien, como prometera que faria. Mas isso servia apenas para acentuar a distância entre os dois, pois o menino passava as horas em silêncio, suportando a companhia de Katherine ao invés de apreciá-la, esperando ansiosamente pelo retorno de Mrs. Baylock.

Com a babá, ele era capaz de rir e brincar. Com Katherine, no entanto, mostrava-se retraído e calado. Frustrada, ela bem que tentou, dia após dia, encontrar meios de atrair Damien para fora da carapaça em que ele se refugiava. Comprou livros para colorir e lápis de cor, blocos de armar e carrinhos de brinquedo. Mas o menino a tudo reagia com indiferença. Uma tarde, Damien demonstrou interesse por um livro com desenhos de animais para recortar. Katherine decidiu então levá-lo ao jardim zoológico.

Ao preparar a caminhonete para o passeio, ocorreu a Katherine que suas vidas eram inteiramente diferentes das vidas das pessoas normais. Damien tinha quatro anos e meio e jamais estivera num jardim zoológico. Sendo a família do embaixador, tudo lhes era levado, não tinham que procurar coisa alguma. Talvez fosse essa ausência das aventuras normais da infância que tivesse embotado o senso de diversão de Damien. Naquele dia, porém, ao sentar-se ao lado dela no carro, havia um brilho intenso nos olhos de Damien. Katherine sentiu que finalmente acertara em alguma coisa. Damien chegou mesmo a falar. Não muito, mas acima do habitual, esforçando-se para pronunciar a palavra "hipopótamo" e rindo deliciado quando finalmente o conseguiu. Era preciso muito pouco para fazer Katherine feliz. Uma risada do filho foi o suficiente para

que ela prontamente se reanimasse. Ao seguirem para a cidade, ela falou sem parar, enquanto Damien escutava atentamente. Os leões não passam de gatos grandalhões e os gorilas eram micos que tinham crescido demais, os esquilos eram parentes dos ratos e os burros eram parentes dos cavalos. Damien estava deliciado, absorvendo tudo. Katherine transformou a descrição num poema, que se prolongou por toda a viagem. Havia um refrão, repetindo constantemente: leões são gatos, gorilas são micos, esquilos são ratos, burros são cavalos. Ela dizia bem depressa e Damien ria. Ela dizia mais depressa ainda e Damien ria ainda mais. E ficava convulsionado de tanto rir. Assim, rindo sem parar, os dois chegaram ao jardim zoológico.

Num domingo de sol no inverno, todos os habitantes de Londres procuram sair de casa. Havia gente por toda parte, absorvendo avidamente o ar fresco e o sol. Era um dia excepcionalmente bonito e o jardim zoológico estava cheio. Os animais pareciam estar também desfrutando o sol, pois seus gritos e urros podiam ser ouvidos nos portões de entrada. Katherine alugou um carrinho para empurrar Damien, a fim de não se ver estorvada pela fadiga de carregá-lo.

Pararam primeiro no lago dos cisnes e ficaram contemplando os lindos animais, concentrados em torno de um grupo de crianças, que lhes davam comida. Katherine avançou com Damien até a beira do pequeno lago. Nesse momento, porém, os cisnes pareceram subitamente se desinteressar da comida e, abanando as caudas majestosamente, afastaram-se lentamente. Pararam no meio do lago, olhando para trás como monarcas desdenhosos, enquanto as crianças suplicavam que voltassem e atiravam pedaços de pão na água. Mas os cisnes não voltaram para comer. Katherine percebeu que a fome deles só pareceu reaparecer depois que ela e Damien começaram a se afastar.

Estava quase na hora do almoço e a multidão era grande. Katherine procurou alguma jaula ou cercado que não estivesse envolta por uma multidão. À direita, havia uma placa indicando "**marmotas**". Katherine seguiu para lá, contando a Damien, no

caminho, tudo o que sabia a respeito das marmotas. Viviam em tocas no deserto e eram bastante sociáveis. Na América, as pessoas frequentemente as capturavam e criavam como animais de estimação. Ao se aproximarem do local, descobriram que também estava cercado por uma multidão, todo mundo olhando para um poço. Katherine abriu caminho entre a multidão, mas viu os animais apenas por um breve instante. Num movimento súbito, todas as marmotas desapareceram em suas tocas. A multidão se pôs a murmurar, desapontada, logo se dispersando. Quando Damien esticou a cabeça para ver, havia lá embaixo apenas um montinho de terra, crivado de buracos. Ele olhou para a mãe, com uma expressão desolada.

— Deve ser a hora do almoço deles também — murmurou Katherine, dando de ombros.

Continuaram em frente, parando numa barraquinha para comprarem cachorro-quente, que comeram sentados num banco.

— Vamos ver os macacos agora — disse Katherine. — Não gostaria de ver os macacos, Damien?

O caminho para o local em que se encontravam os macacos estava assinalado por diversas placas. Foram seguindo as indicações e se aproximaram das jaulas. Os olhos de Damien se iluminaram de excitação quando o primeiro animal surgiu à vista deles. Era um urso, caminhando mecanicamente para frente e para trás de sua jaula, indiferente às pessoas que o contemplavam do outro lado das grades. Quando Katherine e Damien se aproximaram, o urso pareceu notá-los. Parou subitamente e lançou-lhes um olhar fixo, o pêlo das costas se ouriçando, à medida que eles foram se aproximando. Na jaula ao lado, havia um felino imenso, que também parou de se mexer, os olhos amarelados fixados em Katherine e Damien, acompanhando-os ao passarem. Em seguida havia um babuíno, que subitamente arreganhou os dentes, distinguindo-os visivelmente das outras pessoas que passavam. Katherine começou a perceber o efeito que estavam exercendo sobre os animais. E pôs-se a observá-los atentamente,

cada vez que passavam por uma jaula. Descobriu que era para Damien que os animais olhavam. E o menino parecia que tinha percebido também.

— Acho que eles pensam que você tem uma aparência deliciosa — comentou Katherine, sorrindo. — E é o que eu também penso.

Ela levou Damien para longe da jaula, seguindo por outro caminho. A distância, soavam gritos estridentes, partindo de uma construção perto deles. Katherine percebeu que estavam próximos dos macacos. Eram os animais mais populares e procurados e tiveram que esperar na fila. Katherine deixou o carrinho de lado e carregou Damien nos braços.

Lá dentro, a atmosfera era quente e fétida. Os gritos das crianças ecoavam pelas paredes, ampliados pelo confinamento. Do lugar em que estavam, junto à porta, não dava para ver nada. Mas Katherine percebeu, pela reação das pessoas, que os macacos estavam se exibindo numa jaula distante. Com Damien no colo, ela forçou passagem entre a multidão, até que pudessem ver o que estava acontecendo. Os macacos estavam muito animados, balançando-se em pneus e pulando em todas as direções, divertindo os espectadores com suas acrobacias. Damien estava excitado e começou a rir. Katherine forçou passagem, decidida a proporcionar ao filho uma visão de perto. Os macacos estavam obviamente indiferentes ao público. Mas, quando Katherine e Damien se aproximaram, a animação dentro da jaula pareceu mudar subitamente. A atividade jocosa cessou e os animais, um a um, começaram a se virar, os olhinhos se deslocando nervosamente, esquadrinhando as pessoas. A multidão ficou também silenciosa, estranhando que os animais tivessem parado, mas esperando, com sorrisos de expectativa, que a atividade recomeçasse. E quando isso aconteceu, foi de uma maneira que ninguém podia prever. Houve um uivo repentino dentro da jaula, um grito de medo ou aviso. Um instante depois, todos os animais estavam gritando da mesma maneira. Num impulso desesperado, a jaula explodiu em movimentos, com os macacos pulando freneticamente de um lado para outro, tentando escapar dali.

Apinhando-se nos fundos da jaula, eles tentaram arrebentar o arame grosso entrelaçado. Estavam em pânico, como se um animal predador tivesse surgido de repente no interior da jaula. Em seu frenesi, os macacos se atacavam com as garras e com os dentes, procurando desesperadamente escapar, o sangue escorrendo abundantemente. A multidão estava em silêncio, horrorizada. Mas Damien começou a rir, apontando para a cena horripilante e soltando gritos de alegria. Dentro da jaula, o pânico aumentou. Um macaco grande deu um pulo para o alto, procurando escapar por uma abertura na grade do teto. Ficou preso pelo pescoço, o corpo se debatendo convulsivamente, até ficar inerte. As pessoas gritavam de horror, correndo para a porta. Mas seus gritos eram abafados pelos gemidos dos animais que, com olhos desvairados e babando, eram impelidos pelo terror a pularem desesperadamente de uma parede para outra. Um dos animais começou a bater com a cabeça no chão de concreto, o rosto cobrindo-se de sangue, até que cambaleou e caiu, o corpo se agitando nos estertores da morte, enquanto os outros macacos pulavam ao redor e gritavam sem parar, aterrorizados. Os espectadores também estavam em pânico, empurrando-se, procurando desesperadamente escapar dali. Apesar de empurrada e pisada, Katherine parecia paralisada. Seu filho estava rindo. Apontava para os macacos e ria, como se, de algum modo, fosse o responsável por aquela agitação suicida. Era dele que os macacos sentiam medo! Era *e/le* quem estava causando tudo aquilo. E enquanto o holocausto aumentava, Katherine começou a gritar.

## *Capítulo seis*

Katherine chegou a casa já tarde da noite. Damien estava dormindo no carro. Depois do jardim zoológico, haviam simplesmente andado de automóvel, o menino sentado em silêncio, magoado e confuso, sem saber o que estava errado. Tentou repetir uma vez o refrão sobre gorilas e macacos, burros e cavalos. Mas Katherine permaneceu calada, o olhar fixo à frente. Quando a noite caiu, Damien disse que estava com fome. Mas a mãe recusou-se a reagir. Ele pulou para o banco de trás, onde encontrou uma manta, acomodando-se e adormecendo rapidamente.

Katherine continuou a guiar, rapidamente, mas a esmo, tentando escapar ao medo que a invadia. Não era medo de Damien ou de Mrs. Baylock. Era o medo de estar enlouquecendo.

Em Pereford, Jeremy estava à espera dela, imaginando que a veria com ótima disposição. Ele determinara que o jantar não fosse servido enquanto Katherine não chegasse. Foram sentar-se numa mesinha, os olhos de Thorn voltados para Katherine, muito tensa, tentando comer.

— Está se sentindo bem, Katherine?

— Estou.

— Está tão calada...

— É cansaço, nada mais.

— Teve um dia movimentado?

— Tive.

A reação dela era brusca, como se ressentisse a intromissão do marido.

— Foi divertido?

— Foi.

— Você parece um pouco perturbada.

— É mesmo?

— O que houve de errado?

— O que podia haver?

— Não sei. Mas você parece transtornada.

— Estou apenas cansada. Preciso dormir um pouco.

Ela articulou um sorriso, mas não foi convincente.

Thorn foi ficando cada vez mais preocupado.

— Damien está bem? — perguntou ele.

— Está.

— Tem certeza?

— Tenho.

Thorn observou-a atentamente. Katherine evitou os olhos do marido.

— Se houvesse alguma coisa errada... você me diria, não é mesmo, Katherine? Houve alguma coisa... com Damien?

— Com Damien? O que podia haver de errado com Damien, Jeremy? O que pode haver de errado com o nosso filho? Afinal, somos pessoas venturosas, não é mesmo?

Ela fitou o marido nos olhos por um momento e pareceu sorrir. Mas não havia qualquer satisfação em sua expressão.

— Somente coisas boas podem acontecer à casa dos Thorn, não é mesmo, Jeremy? As nuvens negras ficam sempre ao longe.

— Há algo errado, não há?

Katherine baixou a cabeça, escondeu o rosto nas mãos, permaneceu imóvel.

— Kathy... — disse Thorn, gentilmente. — O que aconteceu?

Esforçando-se para controlar a voz, ela respondeu:

— Acho... eu quero ir a um médico!

Levantou a cabeça subitamente, os olhos dominados por uma imensa angústia.

— Tenho... medo... medo que uma pessoa normal não teria.

— Que tipo de medo, Kathy?

— Se eu lhe dissesse, você me trancaria num hospício.

— Isso jamais aconteceria, Kathy. Eu amo você profundamente.

— Então me ajude! Arrume um médico para mim!

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto e Thorn segurou-lhe as mãos carinhosamente.

— Claro, querida, claro.. .

E Khaterine desatou a chorar e os acontecimentos daquele dia permaneceram encerrados dentro dela, para sempre.

Os psiquiatras não eram tão comuns na Inglaterra como na América. Thorn teve dificuldade em encontrar um em quem sentisse que podia confiar. Era americano, mais jovem do que Thorn gostaria. Mas tinha excelentes recomendações e grande experiência. Seu nome era Charles Greer, formado em Princeton, interno no Bellevue. Vivera algum tempo em Georgetown e tratara das esposas de diversos senadores.

— O problema mais comum entre as esposas de políticos é o alcoolismo — disse Greer, depois que Thorn sentou-se diante dele, no consultório do psiquiatra. — Creio que é causado pelo sentimento de solidão. A sensação de serem inadequadas. O medo de não possuírem uma identidade própria.

— Espero que compreenda a necessidade de sigilo absoluto.

— Essa é a única coisa que tenho para vender — comentou o psiquiatra sorrindo. — As pessoas confiam em mim e isso é tudo o que tenho a lhes oferecer. Ninguém costuma discutir seus problemas com outras pessoas próximas porque todos receiam que suas confidências transpirem e voltem para atormentá-las. Mas eu

sou seguro. Não posso prometer muita coisa, mas pelo menos isso posso garantir-lhe.

— Devo mandar minha esposa telefonar-lhe?

— Dê a ela o meu telefone. E, por favor, não *mande* que telefone.

— Ela está querendo procurá-lo. Foi ela inclusive quem me pediu...

— Ótimo.

Enquanto Thorn se levantava, inquieto, o jovem médico sorriu.

— Vai me telefonar depois da consulta? — indagou Thorn.

— Não.

— Estava querendo saber apenas se iria telefonar ... caso tivesse alguma coisa para me dizer...

— O que eu tiver que dizer, direi a *ela*.

— Mas se ficar muito *preocupado* com o estado dela...

— Sua esposa tem mania de suicídio?

— Não.

— Então não vou me preocupar com ela. Tenho certeza de que não é tão sério quanto está pensando.

Um pouco mais tranquilo, Thorn encaminhou-se para a porta.

— Mr. Thorn...

— Pois não?

— Por que veio me procurar?

— Queria falar-lhe.

— Por que razão?

Thorn deu de ombros.

— Acho que queria saber como era.

— Não queria me dizer algo em particular?

Thorn estava visivelmente nervoso. Depois de pensar por um momento, ele sacudiu a cabeça.

— Está por acaso insinuando que eu próprio estou querendo consultar um psiquiatra?

— E está?

— Dou a impressão de alguém que esteja precisando de um psiquiatra?

— E está precisando?

— Não.

— Pois eu tenho um psiquiatra — disse Greer, sorrindo. — No meu tipo de trabalho, estaria perdido se não o tivesse.

A conversa deixou Thorn bastante inquieto. Voltando para a embaixada, ele pensou o tempo todo no encontro com o psiquiatra. Na presença de Greer, sentira um estranho impulso de falar, de contar-lhe coisas que nunca antes revelara a ninguém. Mas de que isso iria adiantar? A fraude que cometera era algo com que tinha de conviver, um fato da vida. E, no entanto, ansiava por que mais alguém soubesse.

O dia se arrastou lentamente, enquanto Thorn tentava preparar um discurso importante. Seria pronunciado no dia seguinte, para um grupo de destacados empresários. Era bem provável que representantes dos grupos petrolíferos árabes estivessem presentes. Thorn desejava que fosse um discurso especial, um apelo de pacifismo. O conflito constante a respeito de Israel é que estava provocando o alargamento do abismo entre os Estados Unidos e o bloco árabe. Thorn sabia que a hostilidade árabe-israelense era de natureza histórica, profundamente enraizada nas próprias Escrituras. Por isso, decidiu consultar a Bíblia, procurando ampliar sua compreensão do problema com a sabedoria dos séculos. Na verdade, havia uma razão mais prática, pois ele sabia que nenhuma audiência do mundo deixava de ficar impressionada com citações da Bíblia.

Trancou-se em sua sala durante a tarde inteira, não saindo nem para almoçar. Encontrando alguma dificuldade em localizar passagens significativas, mandou um mensageiro buscar uma Bíblia com índice detalhado e texto interpretado. Ficou mais fácil a pesquisa, pois ele podia se fixar somente nos trechos mais importantes, encontrando também, na maioria dos casos, uma interpretação teológica do significado.

Era a primeira vez, desde a infância, que Thorn folheava as páginas de uma Bíblia. E descobriu que era um texto fascinante, especialmente à luz da incessante violência no Oriente Médio. Descobriu que tinha sido o judeu Abraão o primeiro a receber a promessa de Deus de que seu povo herdaria a Terra Santa.

“De ti farei uma grande nação. Dar-te-ei e à tua descendência toda esta terra em possessão perpétua.”

A terra dada por Deus aos judeus estava claramente delimitada, nos livros do Gênesis e de Josué, como sendo toda a região que se estendia do rio do Egito ao Líbano e ao Eufrates. Thorn consultou seu atlas e descobriu que o Estado de Israel ocupava atualmente apenas a faixa estreita entre a Jordânia e o Mediterrâneo. Apenas uma pequena parcela do que Deus aparentemente prometera. Será que o impulso de expansão de Israel era determinado por isso? O interesse de Thorn aumentou e ele continuou a pesquisar.

Se Deus podia fazer tal promessa, por que então não poderia cumpri-la?

“E se mantida for minha aliança, será um reino de sacerdotes e uma nação abençoada.”

Talvez fosse a pista. Os judeus não haviam mantido a aliança com o Senhor. Supunha-se que tinham matado Cristo. O Livro do Deuteronômio assim o insinuava, pois fora declarado aos judeus após a morte de Cristo:

“O Senhor vos espalhará entre todos os povos, de uma até a outra extremidade da Terra, ficareis poucos em número, vós que

éreis como as estrelas dos céus em multidão. Sereis cativos entre todas as nações e os gentios haverão de arrasar Jerusalém, até que o tempo dos gentios tenha passado”.

Isso era repetido no Livro de Lucas, a palavra “gentios” sendo substituída por “nações”. Os judeus seriam pisoteados até que o tempo das nações estivesse cumprido. Isso profetizava claramente que os judeus seriam perseguidos através da história e depois a perseguição cessaria. Mas qual seria o término do tempo das nações? O tempo em que a perseguição terminaria?

Estudando os textos interpretativos, Thorn encontrou as indicações da ira de Deus. Era um registro histórico da perseguição, começando com os judeus sendo expulsos de Israel pelo Rei Salomão, seguindo-se o massacre pelos cruzados, enquanto fugiam. No ano 1000, doze mil judeus tinham sido massacrados. No ano 1200, todos os que haviam procurado refúgio na Inglaterra tinham sido expulsos ou enforcados. No ano 1298, cem mil judeus tinham sido massacrados na Francônia, Baviera e Áustria. Em setembro de 1306, outros cem mil tinham sido expulsos da França, sob ameaça de morte. Em 1348, os judeus foram acusados de terem causado uma epidemia mundial de peste negra e mais de um milhão foram caçados e mortos, em todo o globo. Em agosto de 1492, no momento mesmo em que Colombo estava conquistando a glória para seu país, ao descobrir o Novo Mundo, a Inquisição espanhola expulsava meio milhão de judeus e matava outros tantos. O sombrio registro continuava, até os tempos de Hitler, que aniquilara mais de seis milhões de judeus, deixando apenas onze milhões, sem pátria e miseráveis, dispersos por toda a face da terra. Em vista disso, podia alguém ficar admirado com o ardor com que eles agora lutavam por seu refúgio, por um país a que podiam chamar de seu? E era de admirar que eles desfechassem cada ofensiva como se fosse a última?

“De ti farei uma grande nação e te abençoarei e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção... em ti serão benditas todas as famílias da Terra.”

Thorn voltou a examinar os textos interpretativos e descobriu que na promessa de Deus a Abraão havia três fatores distintos e igualmente importantes; o presente de um país, Israel; a garantia de que Abraão e seus descendentes se tornariam uma grande nação; e, finalmente, acima de tudo, a “bênção”, a vinda do Salvador. O retorno dos judeus a Sião estava vinculado à segunda chegada de Cristo. E, se tal era verdade, o momento então era aquele. Não havia indicações de como ou quando isso iria ocorrer. As profecias estavam envoltas em lendas e símbolos religiosos. Será que Cristo já estava novamente na Terra? Será que novamente nascera de uma mulher e estava caminhando entre os homens?

Um especulador instintivo, Thorn analisou todas as possibilidades. Se Cristo nascesse na Terra agora, estaria, como na vez anterior, usando roupas da época. Não apareceria de manto e coroa de espinhos, mas sim de *blue-jeans* ou terno e gravata. Mas será que já nascera? Se isso já tinha ocorrido, por que então Cristo se mantinha silencioso? Não restava a menor dúvida de que o mundo estava num impasse, conturbado.

Thorn levou tais pensamentos para casa, assim como os livros. Depois que Katherine se retirou e a casa ficou silenciosa e escura, ele abriu os livros em seu gabinete e pôs-se novamente a pensar no assunto. Era o retorno de Cristo que acionava sua imaginação e ele começou a procurar os textos pertinentes. Descobriu que a coisa era extremamente complicada, pois estava profetizado no Livro do Apocalipse que, quando Cristo voltasse à Terra, teria que enfrentar a sua *antítese*. O Anticristo. O Filho do Mal. E a Terra seria arrasada pela disputa final entre o céu e o inferno. Seria Armagedon. Seria o apocalipse. O fim do mundo.

No silêncio de seu gabinete, Thorn ouviu um ruído que vinha lá de cima. Era um gemido. Ocorreu duas vezes e depois parou. Saindo do gabinete, ele subiu silenciosamente a escada e foi dar uma olhada em Katherine. Ela estava dormindo, mas muito irrequieta, o rosto banhado em suor. Ele ficou ali até que a agitação dela terminasse, a respiração se tornasse regular. Ao voltar para a escada, pelo corredor às escuras, passou diante do quarto de Mrs.

Baylock e notou que a porta estava ligeiramente aberta. A mulher imensa estava deitada de costas, iluminada pelo luar que entrava pela janela. Thorn já ia passar em frente, mas estacou bruscamente, chocado com o rosto da mulher. Estava branco, fantasmagórico, coberto de pó-de-arroz. Ela estava usando batom também, aplicado com evidente exagero, como se estivesse em estado de estupor na ocasião. Era uma visão apavorante e Thorn ficou aturdido. Aquilo não fazia o menor sentido. Na intimidade de seu quarto, a mulher pintava-se como uma meretriz.

Fechando a porta do quarto, Thorn desceu e foi sentar-se novamente à escrivaninha, olhando para os livros abertos à sua frente. Estava perturbado agora, incapaz de concentrar-se, os olhos vagueando distraidamente pelas páginas abertas. Uma Bíblia estava aberta no Livro de Daniel e ele leu em silêncio:

“Depois se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá furtivamente e tomará o reino com intrigas. E as forças oponentes diante dele serão arrasadas e destruídas... e ele usará de engano; subirá e se tornará forte como pouca gente. Virá também furtivamente aos lugares mais férteis da província e fará o que nunca fizeram seus pais nem os pais de seus pais; repartirá entre eles a presa, os despojos e os bens; e maquiinará os seus projetos contra as fortalezas, mas por certo tempo. E se levantará e se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis; e será próspero até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito”.

Thorn vasculhou a mesa e encontrou um cigarro. Ser- viu-se depois de um copo de vinho. Ficou andando de um lado para outro, forçando a mente a concentrar-se na pesquisa, a excluir a inquietação pelo que vira lá em cima. Quando os judeus retornassem à Terra Prometida, Cristo nasceria novamente. E quando Cristo nascesse, também nasceria o Anticristo, ambos crescendo separadamente, até a confrontação final. Thorn parou diante dos livros, folheando novamente uma Bíblia.

“Cuidado com o Dia do Senhor, um dia cruel, um dia de ira e de fúria incandescente, que reduzirá a Terra a um deserto... e os homens se tornarão mais raros que o ouro fino... mais raros que ouro de Ofir.”

E mais adiante, no Livro de Zacarias:

“E naquele dia cada um pegará na mão de seu próximo, cada um levantará a espada contra seu irmão”.

Thorn voltou a sentar, impressionado com a violência das profecias.

“Esta será a praga com que o Senhor ferirá a todos os povos que guerrearem contra Jerusalém: a sua carne se apodrecerá; estando eles de pé, os olhos vão apodrecer nas órbitas, a língua lhes apodrecerá na boca.”

Thorn sabia que a maré da opinião pública mundial estava se virando contra Israel. Os árabes, com seu petróleo, eram agora todo-poderosos, ninguém ousava enfrentá-los. Se a ira de Deus se voltasse contra as nações que faziam guerra a Jerusalém, seria exercida contra todos. Estava profetizado que Armagedon, a batalha final, seria travada na arena dos israelenses, com Jesus de pé de um lado, no monte das Oliveiras, o Anticristo no outro.

“Ai da Terra e do Mar, pois Satã envia a festa com ira, porque sabe que seu tempo é curto... Aquele que tem entendimento que calcule o número da besta, pois é número de homem, ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis.”

Armagedon, o fim do mundo. A batalha por Israel.

“Sairá o Senhor e pelejará contra essas nações... estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o Oriente... então virá o Senhor meu Deus e todos os santos com Ele.”

Thorn fechou todos os livros e apagou o abajur da escrivaninha. Continuou sentado ali por muito tempo, em silêncio. Procurou imaginar o que representariam aqueles livros que integravam a Bíblia, quem os teria escrito, por que teriam sido escritos. E

procurou imaginar por que acreditava neles, ao mesmo tempo que os rejeitava. A se acreditar em todas aquelas profecias, todos os esforços pessoais eram inúteis. Será que todos os homens não passavam de peões das forças mais poderosas do bem e do mal? Seriam apenas simples marionetes, manipulados lá de cima e lá de baixo? Será que existia realmente um paraíso? E será que haveria realmente um inferno? Thorn sabia que tais perguntas eram dignas de um adolescente, mas não conseguia deixar de pensar nisso. Experimentara recentemente a sensação de poderes além de seu controle. Não poderes fortuitos, mas imbuídos de um propósito. E as sensações tinham-no deixado fraco e inseguro. Mais do que isso: *impotente*. Todos os homens eram impotentes. Não pediam para nascer e não pediam para morrer. Eram obrigados a isso. Mas por quê, no intervalo, tinham que sofrer tamanha angústia? Talvez a espécie humana fosse mais divertida assim. Talvez assim proporcionassem um entretenimento melhor.

Thorn deitou no sofá e dormiu. E seus sonhos foram povoados de medo. Viu-se vestido como mulher, mas sabendo que era homem. Estava numa rua movimentada e deteve um guarda, tentando explicar-lhe que estava perdido e com medo. O guarda recusou-se a escutá-lo, passando a orientar o tráfego em torno de Thorn, até que os carros chegaram tão perto que ele podia sentir o deslocamento do ar à sua passagem. O vento foi aumentando, à medida que os carros passavam, cada vez mais depressa. Thorn sentiu-se em meio a uma terrível ventania, tão forte que não conseguia manter o fôlego. Tentou recorrer ao guarda, que se recusava a reconhecer a presença dele. Gritou por socorro, mas ninguém podia ouvi-lo, os gritos eram abafados pelo uivo do vento. Um carro preto subitamente derrapou na direção dele e Thorn esforçou-se em sair da frente. Mas o vento o empurrava de todos os lados, mantendo-o no lugar. Quando o carro chegou mais perto, Thorn pôde ver o rosto do motorista. Não tinha feições, mas estava dando uma risada, a carne se rasgando no lugar em que deveria haver uma boca, o sangue se derramando. E o carro foi chegando cada vez mais perto.

No momento do impacto Thorn despertou. Estava ofegante, encharcado de suor. Lentamente, o sonho deixou-o e ele ficou imóvel. Amanhecia, e a casa estava quieta. Ele se esforçou para conter o impulso de chorar.

## *Capítulo sete*

O discurso de Thorn para os empresários seria no Mayfair Hotel. Às sete horas, o salão de convenções já estava repleto. Thorn dissera a seus assessores que gostaria de ter uma boa cobertura pela imprensa. Assim, eles haviam dado a notícia da conferência nos jornais vespertinos. Com isso, o público fora atraído e muita gente estava sendo barrada na porta. Além dos espectadores já esperados, havia inúmeros repórteres e um grupo de pessoas não convidadas, que haviam recebido permissão para ficarem de pé nos fundos do salão. O Partido Comunista demonstrava um grande interesse por Thorn e em duas ocasiões já mandara representantes para interromper e agitar suas conferências, em lugares públicos. Thorn esperava que tal fato não se repetisse naquela noite.

Ao se encaminhar para o centro do tablado, Thorn notou, entre um grupo de fotógrafos agachados à sua frente, o homem cuja câmara ele quebrara, diante da embaixada. O fotógrafo sorriu-lhe, levantando uma câmara nova. Thorn retribuiu o sorriso, satisfeito com aquele gesto de paz. Ficou esperando que houvesse silêncio no salão, antes de começar o discurso. Falou sobre a estrutura econômica mundial e a importância do Mercado Comum Europeu. Em qualquer sociedade, disse ele, mesmo nas pré-históricas, o mercado era o terreno comum, o igualador da riqueza, o local em que se fundiam culturas desiguais. Quando alguém precisa comprar e outro precisa vender, estão presentes os componentes' básicos da paz. Quando alguém precisa comprar e o outro se recusa a vender, está dado o primeiro passo na direção da guerra. Ele falou sobre a grande comunidade da humanidade, a necessidade de se reconhecer que somos irmãos, partilhando um planeta cujos recursos se destinam a todos. Citando Henry Beston, declarou:

— Estamos presos juntos na mesma rede da vida e c tempo. Somos prisioneiros juntos do esplendor e das labutas da Terra.

Era um discurso inspirador e a audiência absorvia atentamente cada palavra. O discurso passou a abordar a desordem política e suas relações com a economia. Thorn divisou os rostos dos árabes entre o público e passou a falar- lhes diretamente:

— É compreensível a relação entre a desordem política e a pobreza. Mas devemos também lembrar que muitas civilizações já ruíram em consequência de injustiças derivadas do luxo excessivo!

Thorn agora estava animado. Jennings, o fotógrafo, focalizou o rosto dele e começou a bater chapas, uma após outra.

— É uma verdade triste e irônica, remontando aos tempos do Rei Salomão e ao Egito antigo, que aqueles que nasceram para desfrutar de riquezas e posição...

— Fala de cátedra! — gritou alguém, nos fundos do salão.

Thorn parou de falar, esquadrinhando a escuridão do auditório. A voz não tornou a se manifestar e ele continuou:

— ...uma verdade que remonta ao tempo dos faraós, que aqueles que nasceram para desfrutar de riquezas e posição ...

— Não nos venha com essa! — gritou novamente o agitador.

Desta vez, houve um murmúrio irritado da audiência. Thorn procurou divisar quem estava falando. Era um estudante. Barbado, de *blue-jeans*, provavelmente pertencia a uma facção comunista.

— O que você sabe sobre pobreza, Thorn? Jamais precisou trabalhar, em um único dia de toda a sua vida!

A audiência manifestou sua irritação, vaiando o agitador, alguns chegando a gritar-lhe. Mas Thorn levantou as mãos, pedindo calma.

— Parece que o rapaz tem alguma coisa a dizer. Vamos ouvi-lo.

O rapaz adiantou-se e Thorn ficou esperando que ele continuasse. Iria deixá-lo gritar todos os seus chavões, até que não tivesse mais nada a dizer.

— Se está tão preocupado assim em partilhar as riquezas, Thorn, por que não começa partilhando um pouco das suas? Quantos milhões possui? Faz ideia de quantas pessoas estão morrendo de fome neste momento? Pode imaginar o quanto se poderia fazer com o dinheiro trocado que está levando no bolso neste momento? Com o que paga a seu motorista, seria possível sustentar uma família da Índia durante um mês inteiro! A relva diante de sua mansão poderia alimentar metade da população de Bangladesh! Com o dinheiro que joga fora em festas para seu filho poderia construir uma clínica aqui mesmo, num dos bairros pobres de Londres! Se quer recomendar às pessoas se desfazerem de suas riquezas, trate primeiro de dar o exemplo! E não fique metido nesse terno de quatrocentos dólares, querendo nos dizer o que é a pobreza!

Era uma investida apaixonada. O rapaz havia visivelmente causado um bom impacto. Soaram alguns aplausos. Era a vez de Thorn responder.

— Já acabou? — perguntou ele.

— O quanto você vale, Thorn? — gritou o rapaz. — Tanto quanto Rockefeller?

— Nem chego perto.

— Quando Rockefeller se tornou vice-presidente, os jornais divulgaram a renda dele, informando que se situava ligeiramente acima dos trezentos milhões de dólares. E sabe o quanto esse ligeiramente representava? Trinta e três milhões de dólares! Nem valia a pena contar! Simples trocados! E, enquanto isso, a metade do mundo morre de fome! Não acha que é obsceno? Para que alguém precisa de tanto dinheiro assim?

— Eu não sou Rockefeller...

— O diabo é que não é igualzinho a ele!

— Quer me deixar responder, por favor?

— Uma só criança! Uma única criança faminta! Faça alguma coisa por uma criança que esteja morrendo de fome! Depois,

poderemos acreditar em você! Basta estender a sua mão, não a boca voraz, mas a mão, para uma criança que esteja faminta!

— Talvez eu já tenha feito isso.

— Se fez, onde é que está essa criança? Quem é ela? A quem você salvou, Thorn? A quem está tentando salvar neste momento?

— Algumas pessoas possuem responsabilidades que se estendem muito além de uma única criança faminta.

— Você não pode salvar o mundo, Thorn, enquanto não estender a mão para essa primeira criança faminta.

A audiência estava agora pendendo para o lado do agitador. As palavras dele foram coroadas por aplausos fortes e decididos.

— Eu estou em desvantagem — comentou Thorn. — Fica parado aí no escuro a me lançar críticas...

— Pois então mande acender as luzes! E gritarei mais alto ainda!

A audiência riu e as luzes do salão começaram a se acender. Os repórteres e fotógrafos se levantaram, olhando para os fundos. Jennings estava furioso consigo mesmo, por não ter trazido uma teleobjetiva. Focalizou, por cima de diversas cabeças, o jovem inflamado que interrompera o discurso do embaixador.

Thorn permaneceu calmo. Mas, no momento em que todas as luzes ficaram acesas, a atitude dele subitamente mudou. Seus olhos não estavam fixos no rapaz, mas sim em outra pessoa, meio oculta nas sombras, mais atrás. Era o vulto de um padre, baixo, agarrando um chapéu nervosamente. Era Tassone. Mesmo não vendo o rosto, Thorn teve certeza de que era ele mesmo, o que o deixou imóvel.

— Qual é o problema, Thorn? — escarneceu o rapaz.

— Já pode me ver agora. O que tem a dizer?

Toda a energia de Thorn desaparecera subitamente. Uma onda de medo engoliu-o e ele ficou mudo, paralisado, olhando para as sombras nos fundos do salão. Abaixo dele, Jennings apontou sua

câmara na direção do olhar de medo de Thorn, batendo uma série de chapas.

— Vamos logo, Thorn! — gritou o agitador. — Já pode me ver agora. O que tem a dizer?

— Acho... — disse Thorn, hesitando — que seus argumentos foram muito bons. Devemos todos partilhar nossa riqueza. Tentarei fazer mais do que tenho feito.

O rapaz não estava esperando por aquela reação. Nem a audiência. Alguém gritou para que as luzes fossem novamente apagadas. Thorn voltou ao seu lugar, hesitante. Tornou a esquadrihar a escuridão. E num poço de luz distante, ele viu a batina de um padre que o espreitava atentamente.

Jennings voltou para casa tarde da noite e tratou de pôr os filmes no revelador. Como nas ocasiões anteriores, o embaixador o impressionara e intrigara. Podia sentir o medo nele, assim como um rato sentia o cheiro de queijo. Era o medo que ele vira através do visor de sua máquina. Não era um medo obscuro, vago. Evidentemente, Thorn vira alguma coisa ou alguém, na escuridão do auditório. Quase não havia luz. Mas Jennings tirara diversas chapas do local para o qual o embaixador estava olhando, esperando descobrir alguma coisa, quando revelasse o filme. Como já esperava que acontecesse, Jennings sentiu que estava com fome e abriu o saco de comida que comprara ao sair do hotel. Tinha uma pequena galinha frita e uma garrafa grande de cerveja. A galinha estava inteira, exceto pela cabeça e pelos pés. Ele ajeitou tudo à sua frente, encostando a galinha na garrafa de cerveja de maneira que ela ficou ereta, a fitá-lo sem a cabeça, de cima da mesa. No mesmo instante percebeu que tinha cometido um erro, pois teve a sensação de que a galinha estava viva. Não poderia comê-la agora. Puxou uma das asas, provocando um guincho, como se a galinha tivesse falado. Jennings abriu então uma lata de sardinhas e comeu-a em silêncio, olhando a sua muda companheira.

O despertador tocou e Jennings entrou no laboratório, usando uma pinça para levantar a tira de provas do banho de ácidos. O que

viu deixou-o exultante, arrancando-lhe um uivo de alegria. Acendendo uma luz forte, colocou as provas debaixo de uma lente de aumento, examinando-as atentamente, a sacudir a cabeça, deliciado. Eram as provas das diversas chapas que tirara dos fundos do salão. Embora nenhum rosto pudesse ser divisado, por causa da escuridão, lá estava a mancha parecida com uma lança, pairando sobre a multidão, como uma pequena nuvem de fumaça cinza.

— Essa não! — murmurou Jennings, ao avistar outro detalhe.

Era um homem gordo fumando um charuto. A nuvem podia ser fumaça do charuto. Examinando rapidamente os negativos, separou os três em que aparecia a mancha. Colocou-os no ampliador, esperando durante quinze minutos angustiados, até que as cópias estivessem prontas para serem vistas. Não, não era fumaça do charuto. A cor e a textura eram diferentes, assim como a distância relativa da câmara. Se fosse fumaça de charuto, o gordo teria que soprar muito, para conseguir formar uma nuvem assim. Teria incomodado as pessoas ao seu redor, as quais, pelo contrário, estavam totalmente indiferentes ao charuto, olhando para a frente, sem darem a menor atenção ao gordo. A nuvem fantasmagórica parecia pairar bem no fundo do auditório, talvez encostada na parede. Jennings colocou a ampliação sob a lente de aumento e examinou-a atentamente. Por baixo dela, pôde distinguir o que parecia ser a batina de um padre. Levantou os braços e deixou escapar um grito de júbilo. Era o pequeno padre novamente. Parecia estar envolvido com Thorn, de alguma maneira.

— Mas que beleza! — gritou Jennings. — Que coisa linda!

Em comemoração, ele voltou para a mesa, arrancando as asas de sua companheira silenciosa e devorando-as até os ossos.

— Vou descobrir esse padre! — disse ele, rindo. — Vou saber quem é esse homem!

Na manhã seguinte, pegou uma fotografia do padre, uma das que tirara dele juntamente com o fuzileiro, na escadaria do prédio da embaixada, saindo para investigar. Mostrou-a em diversas igrejas e finalmente no escritório central da paróquia de Londres.

Mas ninguém reconheceu o padre. Asseguraram a Jennings que, se aquele padre estivesse trabalhando na área de Londres, certamente saberiam quem era. Isso significava que o padre era de fora e o trabalho de Jennings seria ainda mais difícil. Num súbito pressentimento, foi até a Scotland Yard e conseguiu dar uma olhada na galeria de vigaristas. Mas nada descobriu. Só lhe restava uma coisa a fazer. Ele vira o padre, pela primeira vez, saindo da embaixada. Provavelmente alguém lá dentro o conhecia.

Era difícil entrar na embaixada. Os guardas de segurança examinaram atentamente o documento de identidade de Jennings. Não queriam deixá-lo passar além da portaria. ;

— Gostaria de falar com o embaixador — argumentou Jennings.  
— Ele disse que me pagaria por uma câmara que quebrou.

Telefonaram para o gabinete do embaixador. Para surpresa de Jennings, disseram-lhe que fosse esperar numa cabina telefônica que havia na portaria. Alguém do gabinete do embaixador iria falar-lhe pelo telefone. Um momento depois, Jennings estava falando com a secretária de Thorn, que lhe perguntou qual era o valor da nova câmara e para onde o cheque deveria ser enviado.

— Eu gostaria de explicar tudo pessoalmente ao embaixador — insistiu Jennings. — Quero mostrar-lhe o que está pagando com o seu dinheiro.

A secretária respondeu que seria impossível, pois o embaixador estava numa reunião. Jennings decidiu ir direto ao assunto.

— Para dizer a verdade, pensei que o embaixador pudesse ajudar-me num problema pessoal. Mas talvez você mesma possa ajudar-me. Estou procurando por um padre, parente meu. Ele veio tratar de algum negócio aqui na embaixada e gostaria de saber se alguém o viu e pode ajudar-me a localizá-lo.

Era um estranho pedido e a secretária hesitou em responder.

— É um homem bastante baixo — acrescentou Jennings.

— Ele é italiano?

— Acho que passou algum tempo na Itália.

— E o nome dele é Tassone?

— Não tenho certeza. É que estou procurando localizar um parente perdido. O irmão da minha mãe separou-se dela quando eram pequenos e mudou de nome. Minha mãe está morrendo agora e gostaria de rever o irmão. Não sabemos o nome dele e temos apenas uma descrição vaga. Sabemos que ele é muito baixo, como minha mãe, e que se tornou padre. Um amigo meu viu um padre saindo da embaixada, há cerca de uma semana. E disse que o padre era muito parecido com minha mãe.

— Um padre esteve aqui — informou a secretária. —

Disse que era de Roma e, se não me engano, seu nome era Tassone.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

— Não.

— Ele tratou de algum negócio com o embaixador?

— Acho que sim.

— Talvez o embaixador saiba onde encontrá-lo.

— Não sei dizer. Mas creio que não.

— Poderia perguntar-lhe?

— Não há problema.

— E quando poderia fazê-lo?

— Só mais tarde.

— Minha mãe está muito doente. Está no hospital neste momento e receio que lhe reste muito pouco tempo.

Na sala de Thorn, a campainha do aparelho de intercomunicação soou. A voz da secretária indagou se ele sabia como entrar em contato com o padre que fora vê-lo há cerca de uma semana. Thorn parou de trabalhar no mesmo instante, sentindo um calafrio na espinha.

— Quem está querendo saber?

— Um homem que diz que o senhor quebrou-lhe a máquina fotográfica. O padre é parente dele. Ou pelo menos é o que ele pensa.

Depois de uma breve pausa, Thorn disse:

— Mande-o subir, por favor.

Jennings não teve a menor dificuldade em encontrar o caminho para o gabinete de Thorn. Em estilo moderno, era visivelmente o gabinete do homem que estava no comando. Ficava ao final de um longo corredor, adornado com retratos de todos os embaixadores americanos em Londres. Na passagem Jennings descobriu que John Quincy Adam e James Monroe tinham ocupado o posto, antes de se tornarem presidentes dos Estados Unidos. Talvez fosse um bom trampolim. Talvez o velho Thorn estivesse destinado a voos mais altos.

— Entre — disse Thorn, sorrindo. — E sente-se, por favor.

— Desculpe incomodá-lo...

— Não há problema.

O embaixador fez um gesto para que Jennings se adiantasse, o que ele tratou de fazer, acomodando-se numa cadeira. Em todos os seus anos de espreita aquela era a primeira vez que fazia contato pessoal com sua presa. Não fora difícil chegar até ali. Mas agora Jennings estava abalado, o coração disparado, os joelhos trêmulos. Sentira-se exatamente assim na primeira vez em que revelara uma fotografia. O excitação era tão grande que quase parecia de natureza sexual.

— Eu estava mesmo querendo pedir-lhe desculpas por ter quebrado a sua câmara — disse Thorn.

— Não pense mais nisso, por favor. Era uma câmara velha.

— De qualquer maneira, faço questão de reembolsá-lo.

— Não precisa.

— Mas faço questão. Quero reparar o prejuízo que lhe causei.  
Jennings deu de ombros e assentiu.

— Por que não me diz qual é o melhor tipo de máquina fotográfica que existe atualmente? Mandarei alguém comprá-la.

— Está sendo generoso demais...

— Diga-me apenas qual é a melhor máquina que existe atualmente.

— É uma máquina alemã, chamada Pentaflex.

— Está certo. Ao sair, informe à minha secretária onde poderemos encontrá-lo.

Jennings tornou a assentir e os dois ficaram se olhando, em silêncio. Thorn examinava atentamente o fotógrafo, avaliando-o, apreendendo todos os detalhes, das meias que não combinavam ao colarinho puído da camisa. Jennings percebeu e ficou satisfeito. Sabia que sua aparência desarmava as pessoas. De certa forma, aquilo lhe proporcionava uma vantagem.

— Eu o tenho visto em diversos lugares — comentou Thorn.

— Procuo sempre estar onde alguma coisa acontece.

— É um profissional diligente.

— Obrigado.

Thorn saiu de trás de sua escrivaninha, foi até um armário e pegou uma garrafa de conhaque. Jennings observava seus movimentos; aceitou um copo.

— Achei que soube tratar daquele garoto muito bem, na noite passada — disse Jennings.

— Achou mesmo isso?

— Achei.

— Pois eu não tenho tanta certeza assim.

Estavam ganhando tempo e ambos o sentiam. Cada um esperava que o outro abordasse o assunto que provocara o

encontro.

— A verdade é que, de certa forma, concordei com ele — acrescentou Thorn. — Não vai demorar muito para que a imprensa comece a dizer que sou comunista.

— Ora, sabe perfeitamente como é a imprensa.

— E como sei!

— Não podemos esquecer que todo mundo precisa sobreviver.

— Tem razão.

Ficaram tomando o conhaque, em silêncio. Thorn foi até a janela e ali ficou, olhando para fora.

— Está procurando um parente?

— Estou, sim.

— É um padre chamado Tassone?

— Ele é padre, mas não tenho certeza se é esse o seu nome. É o irmão da minha mãe. Separaram-se quando eram crianças.

Thorn olhou para Jennings, que percebeu o desapontamento dele.

— Quer dizer que não o conhece pessoalmente?

— Não, senhor. Estou tentando descobri-lo.

Thorn franziu o rosto e voltou a sentar-se em sua cadeira.

— Se me permite indagar, senhor... se eu pudesse saber o assunto que trouxe esse Padre Tassone até aqui, talvez pudesse...

— Era relativo a um hospital. Ele queria... um donativo.

— Qual era o hospital?

— Oh! Um hospital de Roma... Não sei direito qual.

— Ele deixou algum endereço onde pudesse ser encontrado?

— Não. Por falar nisso, estou preocupado com o fato. Prometi mandar-lhe um cheque e não sei para onde.

Jennings assentiu, pensativo.

— É, acho que estamos com o mesmo problema, senhor...

— Tem razão.

— Ele simplesmente chegou aqui, pediu o donativo e depois foi embora?

— Exatamente.

— E nunca mais tornou a vê-lo?

Thorn cerrou os maxilares subitamente e Jennings compreendeu que o outro estava escondendo alguma coisa.

— Nunca mais.

— Pensei... talvez numa de suas conferências, ele tivesse aparecido...

Os olhos dos dois se encontraram por um momento. Thorn sentiu que estava sendo manipulado pelo fotógrafo.

— Como se chama?

— Haber Jennings.

— Mr. Jennings...

— Chame-me de Haber, por favor.

— Haber...

Thorn estudou o rosto de Jennings atentamente, depois desviou os olhos.

— Pois não, senhor?

— ... tenho o maior interesse em descobrir esse padre. Receio tê-lo tratado com alguma dureza e gostaria de corrigir meu erro.

— Tratou-o com rudeza, senhor?

— Mandei que ele se retirasse um tanto abruptamente. Não cheguei realmente a ouvir o que ele tinha a dizer.

— Tenho certeza de que ele está acostumado a isso, senhor. Quando se pedem donativos a pessoas importantes...

— Eu gostaria também de tornar a encontrá-lo. É muito importante para mim.

Pela expressão de Thorn, era realmente importante. Jennings sentiu que deparara com alguma coisa, mas não podia saber o quê. Naquelas circunstâncias, o melhor era ser objetivo ao máximo.

— Se eu conseguir localizá-lo, senhor, tratarei de informá-lo imediatamente.

— Poderia fazer-me esse favor?

— Claro, senhor.

Thorn sacudiu a cabeça, dando a reunião por encerrada. Jennings levantou-se e se aproximou de Thorn, apertando-lhe a mão.

— Parece muito preocupado, senhor embaixador. Só espero que o mundo não esteja prestes a explodir.

— Não, não está — respondeu, sorrindo.

— Sou um grande admirador seu. É por isso que o sigo por toda parte.

— Obrigado.

Jennings encaminhou-se para a porta. Mas Thorn deteve-o:

— Mr. Jennings...

— Pois não?

— Não estou entendendo... nunca viu pessoalmente esse padre?

— Não.

— Mas fez um comentário sobre a presença dele em uma das minhas conferências. Pensei que, talvez...

— Não, senhor, nunca o vi.

— Está certo. Isso não tem importância.

Houve um breve silêncio constrangedor. Jennings partiu novamente para a porta, onde parou e virou-se.

— Eu poderia tirar algumas fotos suas com a família, senhor?

— Não é uma boa ocasião para isso.

— Talvez dentro de algumas semanas, se me permitisse tornar a procurá-lo...

— Pode vir.

— Voltará a ouvir falar de mim, senhor.

Jennings se retirou. Thorn ficou olhando para a porta.

Era evidente que o fotógrafo sabia alguma coisa que não contara. Mas o que ele poderia saber a respeito do padre? Seria mera coincidência que um homem com quem tivera contatos eventuais estivesse procurando o mesmo padre que o seguira e atormentara? Thorn esforçou-se arduamente, mas não conseguiu encontrar algum sentido na história. Como muitos outros acontecimentos recentes de sua vida, parecia apenas mera coincidência. Mas, de certa forma, ele sabia que era algo mais.

## Capítulo oito

Para Edgardo Emilio Tassone, a vida na terra não poderia ter sido pior do que no purgatório. Fora por esse motivo que ele, como muitos outros, aderira ao pacto, em Roma. Era português de nascimento, filho de um pescador que morrera na Terra Nova, durante a pesca do bacalhau. A sua principal recordação da infância era o cheiro de peixe. Um cheiro que aderira à sua mãe como um manto nauseante. A mãe acabara morrendo de um parasita ingerido ao comer peixe cru, quando estava fraca demais para pegar lenha e acender um fogo. Órfão aos oito anos, Tassone foi levado para um mosteiro. E ali, depois de muito espancado pelos monges, para que confessasse seus pecados, acabou sendo salvo. Aos dez anos, tinha adotado Cristo, com as costas cobertas de cicatrizes das penitências a que fora submetido, para que Deus o aceitasse.

Com o temor de Deus, incutido literalmente à força, ele dedicou sua vida à Igreja, passando oito anos num seminário, a estudar a Bíblia dia e noite. Tomou conhecimento do amor e da ira de Deus. Aos vinte e cinco anos, saiu pelo mundo, para salvar os outros do fogo do inferno. Tornou-se missionário, indo primeiro para a Espanha e depois para o Marrocos, pregando a palavra do Senhor. Seguiu depois para o sudeste da África, ali encontrando muitos pagãos para converter. E tratara de convertê-los da mesma maneira como fora convertido. Espancava-os como fora espancado e não tardou a descobrir que, no auge do êxtase religioso, encontrava um prazer sexual na dor dos convertidos. Entre os jovens convertidos africanos, havia um que passou a idolatrá-lo. E os dois partilharam o amor carnal, violando as leis primitivas do homem e de Deus. O nome do rapaz era Tobu, da tribo *kikuyu*. Quando ele e Tassone foram descobertos juntos, mutilaram o rapaz numa cerimônia

solene, abrindo-lhe o escroto e removendo-lhe os testículos. O rapaz foi obrigado a comê-los sob os olhares dos outros guerreiros da tribo. Tassone conseguiu escapar, por um triz. Na Somália, soube que os guerreiros *kikuyu* tinham capturado um monge franciscano e o esfolado vivo, no lugar dele. Depois, haviam obrigado o monge a caminhar sem parar até que caísse morto.

Tassone fugiu para Djibuti, depois para Áden e em seguida para Jacarta, sentindo que a ira de Deus pairava sobre sua cabeça, onde quer que fosse. A morte o espreitava, abatendo-se sobre aqueles que o cercavam. Ele temia ser, a qualquer momento, o próximo. Conhecia perfeitamente, da leitura dos textos bíblicos, como era implacável a ira de Deus escarnecido. Passou a fugir cada vez mais depressa de um lugar para outro, procurando se esquivar ao que sabia ser inevitável. Em Nairóbi, tinha conhecido o Padre Spilletto, a quem confessou seus pecados. Spilletto prometeu protegê-lo e levou-o para Roma. Ali, foi iniciado no dogma do inferno. Os satanistas lhe proporcionaram um santuário, onde o julgamento de Deus não podia atingi-lo. Eles viviam para a satisfação dos prazeres do corpo. Tassone tinha partilhado seu corpo com outros, cujo prazer igualava ao dele. Formavam uma comunidade de párias, da qual estava excluído o resto da humanidade. Idolatravam o Demônio, execrando a Deus.

O grupo era formado em sua maior parte por pessoas da classe operária, mas havia também gente muito bem situada na sociedade. Exteriormente, todos levavam vidas respeitáveis, o que constituía a arma mais valiosa de que dispunham na luta contra aqueles que adoravam a Deus. A missão deles era disseminar o medo e a violência, lançando irmão contra irmão, até que chegasse o momento da vinda de Satã. Pequenos grupos, chamados forças-tarefas, eram enviados em incursões a diversas partes do mundo onde quer que fosse possível criar o caos. O pacto satânico de Roma tinha sido um dos responsáveis pelos distúrbios na Irlanda, usando a sabotagem indiscriminada para lançar católicos contra protestantes e vice-versa, ateando o incêndio da guerra religiosa. Duas freiras irlandesas, conhecidas dentro do pacto satânico como

B'aalock e B'aalan, tinham desencadeado as explosões na Irlanda. B'aalan morreu por suas próprias mãos. Seu corpo foi encontrado entre os escombros da explosão num mercado. Foi levado para a Itália e seus companheiros do pacto satânico enterraram-no no campo-santo de Cerveteri, o antigo cemitério etrusco, conhecido atualmente como Cimitero di Sant'Angelo, num subúrbio de Roma.

Por sua devoção a Satã, B'aalan recebeu a maior homenagem que lhe poderia ser prestada, sendo sepultada por baixo do Santuário de Techulca, o demônio-deus etrusco. Membros de outros pactos satânicos compareceram ao funeral, assistido por mais de cinco mil pessoas. Tassone ficou impressionado com a cerimônia. Depois, tornou-se politicamente ativo no pacto, procurando engrandecer-se e mostrar a Spilletto que era digno da confiança que nele depositara.

E a primeira oportunidade de demonstrá-lo ocorreu em 1968, quando Tassone e outro padre foram enviados por Spilletto para o sudeste da Ásia. Na região do Camboja ocupada pelos comunistas, Tassone organizou um pequeno bando de mercenários, com o qual atravessou a fronteira para o Vietnã do Sul, rompendo o cessar-fogo que acabara de ser acertado. O norte culpou o sul e o sul responsabilizou o norte. Dias depois da entrada de Tassone no Vietnã do Sul, a paz na região, alcançada com tanto esforço, estava definitivamente destruída. O pacto satânico queria possibilitar a tomada de todo o sudeste da Ásia pelos comunistas: o Camboja, o Laos, o Vietnã, depois a Tailândia e as Filipinas. Esperavam que, dentro de poucos anos, a simples menção da palavra "Deus" fosse considerada uma heresia, em toda a região.

Os membros do pacto satânico regozijavam-se com o feito. Ao voltar para Roma, Tassone era um dos líderes do culto. As chamas da inquietação estavam ardendo na África. Por causa do conhecimento que Tassone tinha da região, Spilletto mandou-o ajudar a revolução que acabou levando ao poder um déspota africano insano, Idi Amin. Embora Tassone, por ser branco, não merecesse a confiança de Amin, tinha ficado em Uganda por mais

de um ano, articulando, com sucesso, a designação do tirano para comandar a Organização da Unidade Africana.

Em grande parte como decorrência dos sucessos obtidos por Tassone, o pacto satânico de Roma passou a ser encarado pelos satanistas do mundo inteiro como a sede da orientação política e do poder espiritual. O dinheiro começou a fluir para Roma, aumentando a força e a influência deles. Roma, o centro de movimentos importantes, pulsava de energia. Era a sede do catolicismo, o maior núcleo do comunismo ocidental e o grande centro mundial do satanismo.

Exatamente nessa ocasião, no auge da força do satanismo e da violência mundial, os símbolos bíblicos tinham se ajustado nos lugares devidos, anunciando o momento em que a história da Terra iria mudar, brusca e irrevogavelmente. Pela terceira vez, desde a criação do planeta, Satã iria expelir sua prole, confiando-a aos cuidados de seus discípulos na Terra, até que atingisse a maturidade. Já tinha sido tentado duas vezes antes, sem sucesso. Mas os cães de guarda de Cristo haviam descoberto a besta, tratando de matá-la, antes que tomasse o poder. Desta vez, não haveria novo fracasso. Tudo estava certo, os detalhes planejados com perfeição.

Não houve surpresa quando Spilletto escolheu Tassone para ser uma das três pessoas que iriam executar o plano. O pequeno padre era leal, dedicado, acatava e obedecia as ordens sem a menor hesitação ou remorso. Por esse motivo, a parte dele seria a mais brutal: o assassinato do inocente, que seria absolutamente indispensável. Spilletto se encarregaria de escolher a família substituta e providenciar a transferência da criança. A Irmã Maria Teresa (que era o nome assumido pela mulher chamada B'aalock) cuidaria da fecundação e do parto. Tassone cuidaria dos horríveis detalhes finais, providenciando para que todas as provas do ocorrido desaparecessem e os corpos fossem enterrados no campo-santo.

Tassone havia ingressado no pacto satânico ansiosamente, convencido de que sua vida passaria a pertencer à posteridade. Seria lembrado e reverenciado ao longo dos séculos. Um órfão outrora enjeitado, ele era agora um dos escolhidos, participando pessoalmente da aliança com Satã. Mas nos dias que antecederam o supremo momento, algo começou a ocorrer com Tassone. Ele começou a fraquejar. As cicatrizes em suas costas voltaram a doer. A agonia se tornava mais intensa a cada noite que passava e ele permanecia na cama, acordado, procurando desesperadamente dormir. Durante cinco noites seguidas, remexeu-se inquieto na cama, combatendo as ilusões perturbadoras que lhe surgiam na mente. Tomou ervas para conseguir dormir, mas não conseguiu eliminar os pesadelos inquietantes que lhe atormentavam o sono.

Teve visões de Tobu, o rapaz africano, suplicando, implorando por sua ajuda. E viu o vulto esfolado de um homem, os olhos saltando das órbitas, os tendões e músculos à mostra, a boca sem lábios implorando por misericórdia. Tassone viu a si mesmo em menino, na praia, esperando pela volta do pai. E depois viu a mãe em seu leito de morte, implorando que a perdoasse por morrer, por desertá-lo, por abandoná-lo tão jovem ao destino incerto. Despertou gritando naquela noite, como se fosse a própria mãe, suplicando para ser perdoado. E quando tornou a cair no sono, a imagem de Cristo surgiu à sua frente, assegurando-lhe que seria perdoado. Era Cristo, em toda a sua beleza infantil, o corpo esguio com as marcas e cicatrizes infligidas pelos algozes. Ajoelhou-se ao lado de Tassone e disse-lhe que ainda poderia ser bem recebido no reino dos céus. Tudo o que precisava fazer era arrepender-se.

Os pesadelos deixaram Tassone profundamente abalado e Spilletto percebeu-o. Convocou Tassone para um encontro, a fim de saber o que estava acontecendo. Mas Tassone, a esta altura, já estava profundamente envolvido. Sabia que sua vida correria perigo, se demonstrasse a menor dúvida. Assim, ele assegurou a Spilletto que continuava ansioso em fazer o que tinha de ser feito. Era a dor nas suas costas que o estava incomodando. Spilletto deu-lhe um frasco de pílulas, para aliviar a dor. A partir desse momento,

até a ocasião do ato supremo, Tassone conseguiu descansar, num estado de tranquilidade, drogado. As visões inquietantes de Cristo deixaram de atormentá-lo.

A noite de 6 de junho. O sexto mês, o sexto dia, a sexta hora. Os acontecimentos iam atormentar Tassone' até o final dos seus dias. No meio do parto, a mãe substituta começou a uivar. A Irmã Maria Teresa silenciou-a com éter, enquanto a prole gigantesca rompia o útero. Tassone terminou o serviço, com a pedra imensa que lhe fora entregue por Spilletto. Esmagou a cabeça do animal, deixando-a uma massa informe e sangrenta. E preparou-se para fazer então o que tinha de ser feito com a criança humana. Mas ele hesitou, quando levaram a criança humana recém-nascida para o porão do hospital. Era uma criança de extraordinária beleza. Ficou olhando para ambos os bebês, lado a lado, um coberto de sangue e de pêlos, o outro suave, muito branco, lindo, os olhos erguidos, com uma expressão de total confiança. Tassone sabia o que tinha de ser feito e tratou de fazê-lo. Mas não o fez muito bem e teve que fazê-lo de novo. Tassone soluçou, ao abrir o caixão em que estava o bebê dos Thorn. Por um instante, foi invadido pelo impulso de pegar o bebê nos braços e sair correndo, continuando a correr sem parar, até encontrar um lugar seguro. Mas viu que o bebê já tinha sido afetado, irreparavelmente. E a pedra desceu, e desceu, e desceu, até que todo ruído cessasse e o corpo ficasse completamente imóvel.

Na escuridão daquela noite, ninguém viu as lágrimas escorrer pelas faces de Tassone. E daquela noite em diante, nenhum dos membros do pacto satânico tornou a vê-lo. Ele fugiu de Roma na manhã seguinte e por quatro anos viveu no anonimato. Foi para a Bélgica e trabalhou entre os pobres, conseguindo engajar-se numa clínica gratuita, onde podia arrumar as drogas de que precisava para aliviar a dor em suas costas e atenuar as recordações tormentosas do que fizera. Vivia sozinho e não falava com ninguém. E, gradativamente, foi se sentindo cada vez mais enfermo. Quando finalmente entrou num hospital, o diagnóstico foi rapidamente confirmado: a dor em suas costas era causada por um tumor,

maligno e impossível de operar, por causa da posição junto à espinha.

Tassone estava agora morrendo e foi isso que o levou a procurar o perdão do Senhor. Cristo era magnânimo. Cristo iria perdoá-lo. E ele se mostraria digno de perdão, tentando reparar o que fizera.

Viajou para Israel, levando oito frascos de morfina, para atenuar a dor intensa de suas costas. Estava procurando o homem chamado Bugenhagen, um nome ligado a Satã, quase que desde o início dos tempos. Tinha sido um Bugenhagen que, no ano de 1092, havia encontrado o primeiro filho de Satã e imaginara um meio de matá-lo. Em 1710, outro Bugenhagen descobrira o segundo filho de Satã e encontrara um meio de causar-lhe um dano irreparável, a fim de que não pudesse conquistar o poder temporal. Os Bugenhagen eram fanáticos religiosos, as sentinelas de Cristo. A missão deles era impedir que Satã pudesse caminhar em liberdade sobre a face da Terra.

Tassone levou sete meses para descobrir o último descendente dos Bugenhagen, pois o homem vivia na obscuridade, escondido numa fortaleza subterrânea. Como Tassone, Bugenhagen estava à espera da morte, torturado pelas enfermidades decorrentes da velhice e pela certeza de que fracassara em sua missão. Como muitos outros, Bugenhagen soube que o momento chegara, mas nada pôde fazer para impedir que o filho de Satã nascesse e caminhasse sobre a Terra.

Tassone passou seis horas conversando com o ancião, contando toda a história inclusive sua participação. Bugenhagen ouviu tudo em silêncio, cada vez mais desesperado, enquanto o padre lhe suplicava que interviesse. Mas Bugenhagen não podia fazê-lo. Estava aprisionado em sua fortaleza e não se atrevia a sair para o mundo exterior. Era preciso que fosse levado à sua presença alguém que tivesse um acesso direto à criança.

Temendo que não lhe restasse tempo suficiente, Tassone seguiu imediatamente para Londres, ao encontro de Thorn, para

convencê-lo do que precisava ser feito, imediatamente, sem mais tardar. Rezou para que Deus o assistisse. E temia que Satã o estivesse observando. Mas não ignorava a maneira como Satã agia e tomou todas as precauções possíveis para se manter vivo, até conseguir encontrar-se com Thorn e contar-lhe toda a história. Se conseguisse fazê-lo, sabia que seria absolvido de seus pecados e admitido no reino dos céus.

Alugou um pequeno apartamento no Soho e converteu-o numa fortaleza, tão inexpugnável quanto uma igreja. Seus armamentos eram as Escrituras Sagradas. Cobriu cada centímetro das paredes, até mesmo as janelas, com páginas arrancadas da Bíblia. Precisou de setenta Bíblias para cobrir tudo. Por toda parte pendiam cruces, em todos os ângulos. Nunca saía sem verificar antes se o seu crucifixo, impregnado com partículas de vidro quebrado, podia refletir a luz do sol, pendurado em seu pescoço.

Mas descobriu que sua presa era difícil de alcançar. E a dor em suas costas era cada vez mais intensa, quase insuportável. O seu único encontro com Thorn, no gabinete dele, foi um fracasso. Tinha assustado o embaixador, sendo sumariamente mandado embora. Passou a seguir Thorn por toda parte, num desespero crescente. E, finalmente, chegou o dia em que tornou a ver o embaixador a poucos metros de distância, por trás de um cordão de isolamento, durante a cerimônia de lançamento da pedra fundamental de um novo conjunto habitacional, numa área pobre de Chelsea.

— E com a maior satisfação e orgulho que lanço a pedra fundamental deste conjunto habitacional — gritou Thorn para algumas dezenas de espectadores. — Ele representa a vontade da comunidade em melhorar a qualidade da vida!

Assim dizendo, enfiou uma pá na terra, abrindo o buraco onde alguns operários colocariam a pedra fundamental. Depois, ele e as outras autoridades presentes aproximaram-se do cordão de isolamento, a fim de apertarem as mãos das pessoas presentes. Thorn era um político hábil, um homem que gostava da adulação. Esforçou-se em apertar todas as mãos que se estendiam em sua

direção, até mesmo inclinou o rosto para ser beijado por um par de lábios ansiosamente espichados. Subitamente, sua camisa foi agarrada pela mão firme de alguém, que o puxou para mais perto do cordão de isolamento.

— Amanhã... — balbuciou Tassone, fitando os olhos assustados do embaixador. — Uma hora da tarde, Kew Gardens...

— Largue-me! — murmurou Thorn.

— Apenas cinco minutos. Depois, nunca mais me verá.

— Tire as mãos...

— Sua esposa está em perigo. Ela irá morrer, a menos que vá me procurar.

No momento em que Thorn conseguiu se desvencilhar, o padre havia desaparecido. E o embaixador ficou parado no mesmo lugar, aturdido, olhando sem ver para rostos estranhos, enquanto os *flashes* espocavam diante de seus olhos.

Thorn ficou indeciso, sem saber o que fazer com Tassone. Poderia mandar a polícia ao encontro marcado. Tassone seria preso. Mas a acusação seria de molestamento e Thorn, como queixoso, teria inevitavelmente que aparecer. O padre seria interrogado. O problema se tornaria público. Os jornais aproveitariam, explorando ao máximo as palavras sem sentido de um louco. Thorn não podia permitir que isso acontecesse. Nem agora, nem nunca. Não havia como prever o que o padre poderia dizer. A fixação dele concentrava-se no nascimento da criança. Era uma coincidência macabra que Thorn também tivesse algo a esconder com relação a isso. Como alternativa à polícia, Thorn poderia enviar um emissário, para pagar ao homem ou ameaçá-lo, de forma a que nunca mais tornasse a aparecer. Mas isso significaria também envolver um terceiro na história.

Thorn pensou em Jennings, o fotógrafo. Quase cedeu ao impulso de chamá-lo, para dizer que localizara o padre que estava procurando. Mas isso também não resolveria o problema. E não havia nada mais perigoso do que envolver na história um

representante da imprensa. Apesar de tudo, Thorn desejava que houvesse alguém com quem pudesse partilhar a história. Pois estava realmente assustado, tinha medo do que o padre poderia contar-lhe.

Thorn resolveu guiar o seu carro naquela manhã, explicando a Horton que desejava passar algum tempo sozinho. E guiou durante a manhã inteira, evitando a embaixada, com receio de ser interrogado sobre o lugar aonde iria na hora do almoço. Ocorreu-lhe que poderia simplesmente ignorar o pedido do padre. Talvez a repulsa fizesse o homem desistir e sumir definitivamente. Mas isso também não era satisfatório, pois o próprio Thorn estava querendo também o encontro. Precisava avistar-se com o homem, ouvir tudo que ele tivesse a dizer. O padre dissera que Katherine estava em perigo, que ela iria morrer, a menos que Thorn comparecesse ao encontro. Não era possível que Katherine estivesse em perigo, mas angustiava a Thorn o fato de sua esposa ter se tornado também um dos focos da atenção daquele homem insano.

Thorn chegou ao local marcado às doze e trinta, estacionou o carro junto ao meio-fio e ficou esperando lá dentro, muito tenso. O tempo foi se escoando lentamente. Ele ouviu um noticiário, sem prestar muita atenção, enquanto o locutor ia enumerando as regiões dominadas pelo caos: Espanha, Líbano, Laos, Belfast, Angola, Zaire, Israel. Podia-se fechar os olhos e apontar ao acaso para qualquer lugar do mapa, com a certeza de que se iria cair pelo menos perto de algum foco de violência. Parecia que, quanto mais tempo o homem passava na Terra, menor era a perspectiva de poder reparti-la em paz. A bomba-relógio continuava em seu tique-taque inexorável e qualquer dia desses iria explodir. Plutônio, o subproduto do poder nuclear, era agora acessível a todos os países. Assim, até mesmo as nações menores podiam se armar para a guerra atômica. Algumas estavam fadadas, de qualquer maneira, à destruição suicida. Nada perderiam se, em seu desespero, levassem o resto do mundo junto. Thorn pensou no deserto do Sinai, a Terra Prometida. E perguntou-se se Deus sabia, quando a prometera a Abraão, que seria lá que a bomba-relógio iria explodir.

Ele olhou para o relógio do painel do carro. Era uma hora da tarde. Esforçou-se por controlar-se, saiu do carro e entrou no parque, caminhando lentamente. Usava uma capa de chuva e óculos escuros, a fim de não ser reconhecido. Mas o disfarce contribuía também para aumentar a sua ansiedade, enquanto procurava pelo padre. Avistou-o finalmente e ficou paralisado, conseguindo dominar a custo o impulso de se virar e ir embora. Tassone estava sozinho num banco, de costas para ele. Thorn poderia facilmente ter-se retirado, sem ser visto. Em vez disso, porém, ele se adiantou, contornando o banco e ficando de frente para o padre.

Tassone ficou desconcertado com o aparecimento súbito de Thorn. O rosto dele estava tenso e banhado de suor, como se sofresse uma dor terrível. Por um longo momento, os dois ficaram se olhando, em silêncio. Thorn foi o primeiro a falar, dizendo rispidamente:

— Eu deveria ter trazido a polícia.

— Eles não poderiam ajudá-lo.

— Vamos acabar com isso. Diga logo o que deseja.

Os olhos de Tassone piscaram rapidamente, as mãos tremeram. Estava visivelmente exausto, do esforço intenso de combater a dor.

— Quando os judeus voltarem a Sião...

— Como?

— Quando os judeus voltarem a Sião. Quando um cometa preencher o céu. E o Santo Império Romano se levantar. Então você e eu... devemos morrer.

O coração de Thorn disparou. O homem estava mesmo insano. Era um poema que ele estava recitando, o rosto rígido, como se estivesse em transe, a voz cada vez mais alta, estridente.

— Do Mar Eterno ele vai se levantar. Criando exércitos em cada praia. Virando cada homem contra seu irmão. Até que o homem não mais exista!

Thorn ficou observando o padre tremer, o corpo inteiro, empenhando-se ao máximo para conseguir falar.

— O Livro do Apocalipse previu tudo!

— Não vim até aqui para ouvir um sermão religioso.

— Será através de uma personalidade humana, inteiramente sob seu controle, que Satã desfechará a sua última e mais formidável ofensiva. O Livro de Daniel, o Livro de Lucas...

— Disse que minha esposa estava em perigo.

— Vá até a cidade de Meggido — sussurrou Tassone.

— Na velha cidade de Jezreel. Procure o velho chamado Bugenhagen. Somente ele pode dizer como a criança deve morrer.

— Escute aqui...

— Aquele que não for salvo pelo Cordeiro, será destruído pela Besta!

— Pare com isso!

Tassone ficou calado, o corpo descaído todo, enquanto ele erguia a mão trêmula para tirar o suor que se acumulara em sua testa.

— Tive uma visão, Mr. Thorn.

— Disse que minha esposa...

— Ela está grávida!

Thorn ficou aturdido, confuso.

— Está completamente enganado.

— Sei que ela está grávida, Mr. Thorn.

— Não está, não!

— Ele não permitirá que a criança nasça. Irá matá-la, enquanto ainda estiver adormecida no útero materno.

O padre gemeu, acometido por outro acesso violento de dor.

— Mas do que está falando afinal? — sussurrou Thorn.

— Do seu *filho*, Mr. Thorn! O filho de Satã! Ele irá matar a criança por nascer e depois matará sua esposa. E quando estiver certo de herdar tudo que é seu, então irá matá-lo também!

— Já chega!

— E com sua riqueza e poder, ele irá estabelecer o seu falso reino na Terra, recebendo ordens diretamente de Satã!

— Você está completamente louco!

— Ele tem que morrer, Mr. Thorn!

O padre ofegou e uma lágrima escorreu-lhe do olho.

Thorn ficou olhando-o, incapaz de mexer-se.

— Por favor, Mr. Thorn...

— Pediu-me cinco minutos.

— Vá até a cidade de Meggido, Mr. Thorn. Procure o homem chamado Bugenhagen, antes que seja tarde demais!

Thorn sacudiu a cabeça, apontando um dedo trêmulo para o padre, ameaçadoramente.

— Já ouvi tudo o que queria dizer e agora quero que me escute! Se algum dia aparecer novamente na minha frente... mandarei prendê-lo!

Virando-se abruptamente, ele começou a afastar-se, enquanto Tassone o chamava, por entre lágrimas.

— Irá me encontrar no inferno, Mr. Thorn. E lá partilharemos a nossa sentença!

Um momento depois, Thorn tinha desaparecido. Tassone continuou sentado no banco, sozinho, a cabeça entre as mãos. Permaneceu ali por vários minutos, tentando conter as lágrimas. Mas as lágrimas não cessavam. Estava tudo acabado e ele fracassara.

Erguendo-se lentamente, correu os olhos pelo parque. Estava vazio e quieto. Tamanha quietude era um presságio terrível. Era como se ele estivesse num vácuo, o próprio ar prendendo o fôlego.

Depois, ele começou a ouvir o som. Soou muito distante, debilmente, a princípio, quase subliminar, aos poucos crescendo de intensidade, até preencher todo o espaço em torno dele. Era o som do **ohm** e continuava a aumentar, sem parar. Tassone segurou seu crucifixo, quase sem respirar, correndo os olhos pelo parque, apavorado. O céu estava escurecendo e uma brisa começou a soprar, aumentando rapidamente de intensidade, até se transformar numa violenta ventania, que sacudia furiosamente os galhos das árvores.

Segurando o crucifixo com as duas mãos, Tassone começou a avançar, procurando a segurança da rua. Mas ali o vento cercou-o subitamente, papéis e outros detritos turbilhonando a seus pés, enquanto ele semicerrava os olhos e procurava desesperadamente, quase sem fôlego, o vento a se concentrar em seu rosto. Viu uma igreja do outro lado da rua. Mas, no momento em que tirou o pé da calçada, o vento pôs-se a empurrá-lo para trás, com tremenda violência. Inclinando-se, Tassone tentou avançar, enfrentando o vento, em busca da segurança. O som do **ohm** ressoava em seus ouvidos, misturado com o uivo do vento. Tassone gemia com o esforço desesperado, tentando avançar, a visão obscurecida pela nuvem de poeira que o envolvia. Não viu nem ouviu o caminhão que se aproximava, apenas escutou o ranger da freada brusca, a derrapagem, o pesado veículo deslizando de lado e indo bater numa fileira de carros estacionados junto ao meio-fio, onde finalmente parou.

O vento cessou de súbito e diversas pessoas começaram a gritar, passando a correr por Tassone, na direção do caminhão acidentado. A cabeça do motorista pendia inerte para fora da janela, o sangue escorrendo. Um rumor de trovoadas se espalhou pelo céu, enquanto Tassone continuava no meio da rua, gemendo de pavor. Um relâmpago faiscou por cima da igreja distante e Tassone virou-se bruscamente, correndo de volta para o parque. Com uma trovoadas retumbante <e próxima, a chuva começou a cair. Tassone corria, desesperado, enquanto os raios iam caindo ao seu redor. Uma árvore foi atingida, à sua passagem. Gritando e

chorando de medo, ele escorregou na lama, lutando para manter o equilíbrio. E neste momento um raio atingiu um banco de parque a seu lado, destruindo-o inteiramente. Tassone saiu correndo, atravessou algumas moitas e saiu numa rua secundária. Outro raio caiu, atingindo uma caixa de correio perto dele, lançando-a para o ar e arrancando a parte de cima, deixando-a como uma lata de sardinha usada, a rolar com ruído pelo chão.

Soluçando o pequeno padre cambaleou para a frente, os olhos erguidos, contemplando o céu irado. A chuva caía forte, castigando-lhe o rosto. A cidade à sua frente estava vaga e indistinta, do outro lado da cortina transparente de água. Por toda a cidade de Londres, as pessoas corriam em busca de abrigo contra a chuva repentina, ao mesmo tempo em que janelas eram fechadas rapidamente. A seis quarteirões de distância, uma professora esforçava-se em fechar uma janela antiquada e imensa, com um varapau, enquanto seus alunos a observavam. Ela nunca ouvira falar do Padre Tassone e não tinha a menor ideia de que seu destino estava ligado ao dele. Mas naquele momento, pelas ruas molhadas e escorregadias, Tassone se encaminhava na direção dela, inexoravelmente. Ofegante, sem fôlego, ele tropeçava por vielas estreitas, correndo a esmo, fugindo da ira terrível que o perseguia. Os relâmpagos estavam agora distantes, mas as forças de Tassone iam aos poucos chegando ao fim, o coração doendo terrivelmente. Ele contornou uma esquina e parou junto a um prédio, com a boca aberta, aspirando o ar sofregamente. Seus olhos estavam fixos num parque distante, onde os raios ainda caíam, estrondosamente. Não lhe ocorreu olhar para cima, onde um movimento súbito aconteceu nesse exato momento. De uma janela do terceiro andar, diretamente em cima dele, um varapau de janela escorregou de seu lugar, enquanto as mãos de uma mulher se esforçavam em vão para agarrá-lo. E começou a cair velozmente, a ponta de metal virada para baixo, como uma lança arremessada do céu. Foi acertar diretamente na cabeça do padre, atravessando-lhe o corpo e empalando-o no gramado.

Tassone ficou suspenso no ar, inerte, como uma marionete dependurada durante a noite.

E por toda Londres, a tempestade de verão cessou subitamente.

No terceiro andar de uma escola, uma professora meteu a cabeça para fora da janela e olhou para baixo, pondo-se a gritar histericamente. Numa rua que corria ao lado do parque, um grupo de pessoas carregava o cadáver do motorista de um caminhão tombado, em cuja testa se podia ver a marca ensanguentada do volante, contra o qual batera.

Quando as nuvens se dissiparam e os raios do sol novamente surgiram, pacificamente, um grupo de crianças pequenas se reuniu numa curiosidade silenciosa, em torno do corpo de um padre, suspenso no ar, empalado num varapau de janela. Gotas de chuva escorriam do chapéu dele, deslizando pelo rosto, a boca entreaberta, numa expressão de perplexidade. Uma mosca se aproximou, zumbindo, e pousou nos lábios entreabertos.

Na manhã seguinte, na mansão de Pereford, Horton foi buscar o jornal nos portões e levou-o para o solário, onde Thorn e Katherine estavam tomando café. Ao se retirar, Horton notou que o rosto de Mrs. Thorn continuava repuxado e tenso. Ela estava assim há semanas e Horton desconfiava que isso tinha alguma relação com as viagens periódicas que fazia a Londres, indo ao consultório de seu médico. A princípio, Horton pensou que ela ia ao médico para tratar de alguma doença física, mas depois deu uma olhada no indicador do saguão do prédio e descobriu que o Dr. Greer era um psiquiatra. Horton nunca sentira a menor necessidade de um psiquiatra e também jamais conhecera alguém que pudesse precisar. Tinha a opinião de que os psiquiatras serviam apenas para levar as pessoas à loucura. Quando se lia nos jornais de pessoas que haviam cometido atrocidades, frequentemente constava também a informação de que tais pessoas estavam sob os cuidados de um psiquiatra. A causa e o efeito eram mais do que óbvios. E agora, observando Mrs. Thorn, Horton sentiu que a sua teoria sobre

a psiquiatria era plenamente confirmada. Por mais alegre que ela estivesse na ida para a consulta, sempre voltava para casa silenciosa e retraída.

Desde que as consultas tinham começado, a disposição dela fora gradativamente piorando. Agora, sua tensão era imensa e seu relacionamento com os empregados estava limitado a ordens bruscas. O relacionamento com o filho praticamente cessara. Uma situação infeliz se criara, pois o menino passara a desejar a companhia da mãe. As semanas em que ela passara esforçando-se em recuperar o afeto de Damien haviam finalmente surtido efeito. Mas agora, quando Damien procurava a mãe, ela nunca estava disponível.

Para Katherine, o tratamento estava sendo terrivelmente perturbador. Ela fora além da superfície de seus medos e descobrira um poço sem fundo de ansiedade e desespero. A vida que ela levava era dominada por extrema confusão e não mais sabia quem era exatamente. Lembrava-se do que ela fora antes e do que outrora desejara. Mas tudo isso agora desaparecera e ela não conseguia imaginar o futuro. As coisas mais simples enchiam-na de pavor, como o telefone tocando, o despertador do forno soando, uma chaleira assoviando. Ela estava à beira de um colapso nervoso. O simples ato de atravessar cada dia exigia-lhe uma coragem que esgotava suas forças.

E aquele dia exigia mais coragem do que os outros, pois descobrira uma coisa que a obrigava a tomar uma atitude. Precisava ter uma confrontação com o marido, do tipo que mais temia. Para aumentar o nervosismo dela, o menino não parava quieto. Damien adquirira o hábito de ficar por perto dela durante as manhãs, tentando atrair-lhe a atenção. E hoje ele estava brincando com um carrinho no solário, esbarrando insistentemente na cadeira dela e gritando como se fosse uma locomotiva.

— Mrs. Baylock! — gritou Katherine.

Thorn, sentado diante dela, com o jornal nas mãos, ficou sobressaltado com o tom furioso da esposa.

— Alguma coisa errada? — perguntou ele.

— É Damien. Não consigo suportar a barulheira que ele está fazendo.

— Não é tão ruim assim...

— Mrs. Baylock!

A corpulenta babá entrou no solário, quase correndo.

— Chamou-me, madame?

— Leve-o daqui!

— Ele está apenas brincando — objetou Thorn.

— Eu disse para levá-lo daqui!

— Pois não, madame.

Mrs. Baylock pegou Damien pela mão e saiu com ele.

Na passagem, o menino olhou para a mãe, com uma expressão magoada nos olhos. Thorn notou e virou-se para Katherine, dominado pelo desespero. Ela continuou a comer, evitando os olhos do marido.

— Por que tivemos um filho, Katherine?

— Por causa da nossa imagem.

— Como assim?

— Como poderíamos deixar de ter um filho, Jeremy? Quem já ouviu falar de uma família perfeita que não tivesse um filho maravilhoso?

Thorn ficou calado por um momento, chocado com o tom da esposa.

— Katherine...

— Não é verdade? Nunca pensamos nas dificuldades que teríamos para educar um filho. Pensamos apenas em como seriam as nossas fotografias nos jornais.

Thorn fitou-a desconcertado. Katherine sustentou firmemente o olhar dele.

— Não é verdade, Jeremy?

— É isso o que seu médico está fazendo por você?

— É, sim.

— Então acho melhor eu ter uma conversinha com ele.

— Boa ideia. Ele também tem uma coisa a dizer para você.

A atitude dela era fria. Instintivamente, Thorn temeu o que a esposa tinha a dizer.

— E o que ele está querendo me dizer?

— Temos um problema, Jeremy.

— E qual é?

— Não quero mais ter filhos. Nunca mais.

Thorn examinou atentamente o rosto de Katherine, esperando que ela continuasse.

— Concorda com isso?

— Se é o que você está querendo...

— Então vai concordar com um aborto.

Thorn ficou paralisado. Boquiaberto. Aturdido.

— Estou grávida, Jeremy. Descobri ontem de manhã.

Houve um momento de silêncio. Thorn sentiu-se dominado por uma vertigem.

— Ouviu o que eu disse, Jeremy?

— Mas como é possível?

— Às vezes, o anticoncepcional que uso não é eficaz.

— Você está mesmo grávida?

— Há pouco tempo.

Thorn estava extremamente pálido, as mãos tremiam. Ele baixou os olhos para a mesa.

— Contou a alguém?

— Apenas ao Dr. Greer.

— Tem certeza?

— De que não quero ter outro filho?

— De que está grávida.

— Tenho.

Thorn permaneceu imóvel, o olhar perdido no espaço. O telefone a seu lado tocou. Mecanicamente, ele atendeu.

— Alô?

Fez uma pausa. Não tinha reconhecido a voz.

— É ele mesmo.

Sua expressão tornou-se perplexa e ele olhou para Katherine.

— Como? Quem está falando? Alô? Alô?

A pessoa já tinha desligado. Thorn permaneceu imóvel, a expressão alarmada.

— O que foi, Jeremy?

— A pessoa falou alguma coisa sobre os jornais...

— Mas o quê?

— Disse... simplesmente que eu devia ler os jornais de hoje.

Ele baixou os olhos para o jornal dobrado à sua frente e abriu-o lentamente, deparando logo com a fotografia que estava na primeira página.

— O que foi? — perguntou Katherine. — O que está errado?

Mas Thorn não conseguia falar. Katherine arrancou o jornal das mãos do marido e descobriu o que atraía o olhar dele. Era a fotografia de um padre empalado num varapau de janela. A

legenda abaixo dizia: **“padre morto numa ESTRANHA TRAGÉDIA”**.

Katherine olhou para o marido e viu que ele estava tremendo. Aturdida, segurou a mão dele, descobrindo que estava extremamente fria.

— Jerry...

Thorn levantou-se, lentamente. Começou a sair do solário.

— Você o conhecia? — perguntou Katherine.

Mas ele não respondeu. Katherine olhou para a fotografia. Enquanto lia a notícia, ouviu o motor do carro do marido sendo ligado. E Thorn partiu rapidamente.

“Para Mrs. James Akrewian, professora do terceiro grau da Escola Industrial Bishops, o dia tinha começado como outro qualquer. Era uma sexta-feira. Quando a chuva caiu, ela estava começando a dar leitura em voz alta para a sua turma. Embora não estivesse chovendo dentro da sala de aula, ela tentou fechar a janela, para diminuir o barulho. Já havia se queixado muitas vezes das janelas antiquadas da sala, pois não conseguia alcançar a parte superior. Tinha que subir num banco para isso, mesmo utilizando o varapau. Como não conseguisse encaixar o gancho do varapau no anel de metal da janela superior, ela estendeu o varapau para fora, tentando puxar a ponta da janela, a fim de fechá-la. Mas o varapau se desequilibrou subitamente e escapuliu das mãos dela, caindo para fora e indo atingir um homem que estava parado ali embaixo, provavelmente se abrigando da chuva. A identidade do morto está sendo mantida em sigilo pela polícia, provavelmente à espera de uma notificação dos parentes.”

Katherine não conseguiu entender a reação do marido e ligou para a embaixada, deixando recado para que ele lhe telefonasse, assim que chegasse. Aparentemente, Thorn não foi para a embaixada naquela manhã, pois ainda não tinha telefonado, quando deu meio-dia. Katherine telefonou para o Dr. Greer, seu psiquiatra, mas ele estava ocupado demais e não pôde atendê-la. O

último telefonema dela foi para o hospital, a fim de acertar os detalhes para o aborto.

## *Capítulo nove*

Depois de ver a fotografia do padre no jornal, Thorn partiu imediatamente para Londres, a mente girando na tentativa de compreender o que estava acontecendo. Katherine estava mesmo grávida. O padre tinha acertado nisso. Agora, não mais podia descartar as outras coisas que Tassone havia dito. Procurou recordar-se de todos os detalhes do encontro no parque, dos nomes e lugares que Tassone dissera que ele deveria procurar. Esforçou-se ao máximo para manter a calma, procurando analisar cada um dos acontecimentos recentes: a conversa com Katherine, o telefonema anônimo.

“Leia os jornais de hoje”, dissera a voz.

Era uma voz familiar, mas Thorn não estava conseguindo identificá-la. Quem sabia que ele estava envolvido com aquele padre? O fotógrafo! Era a voz dele! A voz de Haber Jennings!

Chegando a seu gabinete, Thorn trancou-se em sua sala. Pelo aparelho de intercomunicação, pediu à secretária que ligasse para Jennings. Ela fez a ligação, mas foi informada por uma mensagem gravada que Jennings tinha saído. Informou a Thorn, mencionando a gravação. Thorn pediu o número do telefone e ligou pessoalmente. A gravação era com a própria voz de Jennings, num desses aparelhos individuais de recados telefônicos. Era a mesma voz que lhe dissera para ler os jornais. Mas por que Jennings não se identificara? O que ele estaria querendo?

Thorn foi informado em seguida de que Katherine tinha telefonado. Mas adiou o momento de ligar para ela. Katherine devia estar querendo falar sobre o aborto e ele não estava pronto para tratar desse assunto.

Thorn recordou as palavras do Padre Tassone:

— Irá matá-la, enquanto ainda estiver adormecida no útero materno!

Thorn procurou rapidamente o telefone do Dr. Charles Greer e ligou pessoalmente, informando que estava a caminho do consultório dele, para tratar de um problema urgente.

A visita de Thorn não constituiu uma surpresa para Greer. O médico já tinha percebido o rápido agravamento do estado de Katherine. Havia uma linha a separar a ansiedade do desespero. Já havia observado que Katherine atravessava muitas vezes essa linha de um lado para outro.

— Nunca se pode saber até que ponto tais temores são profundos — disse ele a Thorn, no consultório. — Mas, francamente, eu estaria sendo negligente se não lhe expressasse a minha opinião de que sua esposa está se encaminhando para um sério distúrbio emocional.

Thorn estava sentado numa cadeira de espaldar reto, muito tenso, enquanto o jovem psiquiatra dava baforadas em seu cachimbo, tentando mantê-lo aceso, enquanto caminhava de um lado para outro da sala.

— Já vi casos semelhantes antes, Mr. Thorn. É como se fosse um trem cargueiro. Só podemos ficar observando, enquanto a velocidade vai aumentando.

— Quer dizer que ela piorou? — perguntou Thorn, a voz trêmula.

— Vamos dizer que o problema dela está em pleno desenvolvimento.

— E não há nada que possa fazer?

— Ela vem aqui duas vezes por semana. Acho que está precisando de cuidados mais constantes.

— Está querendo dizer que ela enlouqueceu?

— Vamos dizer que ela está vivendo em suas fantasias. E são fantasias aterradoras. Ela está reagindo a esse terror.

— Mas que fantasias são essas?

Greer fez uma pausa, procurando determinar até que ponto deveria ser franco. Sentou-se atrás de sua mesa, vendo o desespero nos olhos de Thorn.

— Uma das fantasias de sua esposa é de que o filho não é realmente dela.

A revelação abateu-se sobre Thorn como um raio. Ele ficou paralisado, incapaz de falar qualquer coisa.

— Interpreto essa reação não tanto como um medo, mas sim como um desejo. Subconscientemente, sua esposa desejava não ter filhos. E essa é a maneira de realizar tal desejo, pelo menos no nível emocional.

Thorn estava aturdido.

— Não estou querendo insinuar que a criança não é importante para ela — continuou Greer. — Muito pelo contrário. Creio que é a coisa mais importante da vida dela. Mas, por alguma razão que desconheço, o filho representa uma ameaça para ela. Não sei dizer se tal medo se refere ao temor da maternidade, ao envolvimento emocional ou ao sentimento de que ela é incapaz de assumir o papel.

— Mas ela queria ter um filho! — balbuciou Thorn.

— Para o senhor.

— Não.. .

— Subconscientemente. Ela sentia a necessidade de provar que era digna do senhor. E a melhor maneira foi dar-lhe um filho.

Thorn estava com os olhos fixos à sua frente, dominado por um terrível desespero.

— E agora ela descobriu que não está à altura do papel de mãe — continuou Greer. — Assim, procura uma razão para não sentir-se inepta. E fantasia que o filho não lhe pertence, que é a encarnação do mal...

— Como?

— Ela não consegue amar o filho. Assim, tem que inventar uma razão para que ele não seja digno de seu amor.

— E ela pensa que o menino é a encarnação do mal?

Thorn estava visivelmente abalado, com o rosto contraído de medo. Greer procurou explicar:

— Neste exato momento, Mr. Thorn, é necessário que ela se sinta assim. O importante, porém, é que seria desastroso se ela tivesse outro filho agora.

— Mas de que maneira ela acha que o menino é... uma encarnação do mal?

— É apenas uma fantasia, Mr. Thorn. Assim como a fantasia de que o menino não é filho dela.

Thorn respirou fundo, procurando conter uma onda de náusea.

— Não há necessidade de ficar desesperado, Mr. Thorn.

— Doutor...

— Pois não?

Thorn não conseguiu dizer mais nada. Os dois ficaram se olhando em silêncio, por um longo momento.

— O que ia me dizer, Mr. Thorn?

O médico estava visivelmente preocupado, pois era evidente que o homem à sua frente estava com medo de falar.

— Está se sentindo bem, Mr. Thorn?

— Estou assustado...

— Não é para menos, Mr. Thorn.

— Eu... eu estou com medo...

— Isso é natural.

— Algo... terrível está acontecendo.

— Sei disso. Mas não se preocupe. Os dois conseguirão sobreviver aos momentos difíceis por que estão passando.

— Não está compreendendo, doutor.

— Claro que estou.

— Não, doutor, não está.

— Estou, sim. Pode estar certo de que compreendo perfeitamente.

Quase em lágrimas, Thorn baixou a cabeça, escondendo o rosto por trás das mãos.

— Está passando por uma tremenda tensão emocional, Mr. Thorn. Muito mais do que imagina.

— Oh, Deus! — gemeu Thorn. — Não sei o que fazer...

— Em primeiro lugar, deve concordar com o aborto.

Thorn ergueu a cabeça subitamente, fitando o médico nos olhos.

— Não!

O psiquiatra ficou surpreso.

— Se é por causa de princípios religiosos...

— Não!

— Mas deve estar compreendendo a necessidade...

— Não vou permitir!

— Mas isso é fundamental, Mr. Thorn.

— Não!

Greer recostou-se na cadeira, olhando para o embaixador com uma expressão desolada.

— Eu gostaria de conhecer as suas razões para tal recusa, Mr. Thorn.

— Previram que essa gravidez de minha esposa seria bruscamente encerrada. E vou lutar até o fim para que tal não

aconteça.

Greer ficou aturdido e preocupado.

— Sei que as minhas palavras soam estranhamente, doutor. E é possível até que eu... esteja louco.

— Por que diz isso, Mr. Thorn?

— Porque essa gravidez tem que continuar, para evitar que eu acredite.

— Acredite em quê?

— Na mesma coisa que minha esposa está imaginando. Que o menino é...

As palavras finais não conseguiram passar pela garganta de Thorn. Ele levantou-se, dominado por uma sensação de urgência. Uma premonição o invadira. Temia que algo estivesse prestes a acontecer.

— Mr. Thorn...

— Com licença, doutor.

— Sente-se, por favor.

Sacudindo vigorosamente a cabeça, Thorn saiu da sala, seguindo rapidamente para a escada. Chegando à rua, ele quase correu até seu carro, dominado por uma sensação de pânico. Algo estava errado. Ele tinha que ir para casa. Calcando o acelerador até o fundo, fez a curva com os pneus rangendo no asfalto, seguindo a toda velocidade para a estrada. Pereford ficava a meia hora de distância e ele temia, sem que soubesse explicar a razão, não conseguir chegar a tempo. As ruas de Londres estavam apinhadas com o tráfego do meio-dia. Thorn foi tocando a buzina sem parar, avançando em zigue-zague, entrando na contramão, passando por sinais fechados, à medida que seu desespero aumentava.

Em Pereford, Katherine também se sentia angustiada, ocupando-se com afazeres domésticos, numa tentativa de sufocar o medo que a invadia. Estava agora parada no patamar do segundo andar, com um jarro cheio de água na mão, procurando imaginar

como alcançar as plantas que estavam suspensas acima da balaustrada. Queria regá-las, mas receava molhar o chão de ladrilhos, dois andares abaixo. Atrás dela, no quarto de brinquedos, Damien andava em seu carrinho de um lado para outro, imitando o barulho de um trem cargueiro, que ia aumentando de intensidade, à medida que aumentava também a velocidade. Sem ser vista por Katherine, Mrs. Baylock estava de pé a um canto do quarto, de olhos fechados, como se estivesse fazendo uma prece.

Na estrada, os pneus rangeram, quando Thorn entrou no trevo de acesso à rodovia M-40, que o levaria diretamente para casa. O rosto de Thorn estava todo contraído de tensão, as mãos apertavam o volante com toda a força, o corpo se retesava num esforço para fazer com que o carro avançasse mais depressa sobre a estrada à sua frente. O carro parecia voar, ultrapassando os outros, como se estivessem parados. Thorn suava agora profusamente. Cada carro a sua frente era um alvo a ser alcançado. Tocava a buzina insistentemente e os carros se afastavam para o lado, dando-lhe passagem. Pensou na possibilidade de a polícia vir em sua perseguição, por estar muito acima da velocidade máxima permitida. Deu uma olhada no espelho retrovisor. E foi então que viu o vulto ominoso que vinha atrás. Era outro carro, preto e imenso, seguindo-o implacavelmente. Um carro funerário! E estava se aproximando cada vez mais. Thorn ficou observando o carro funerário, sentindo um calafrio de pavor.

Em Pereford, Damien andava cada vez mais depressa em seu carrinho de brinquedo, batendo na traseira, como se fosse um cavalo de corrida. Diante do quarto, Katherine subiu num banco. Dentro do quarto, Mrs. Baylock olhou fixamente para o menino, como se estivesse a orientá-lo, pela força da vontade. Damien acelerou ainda mais, os olhos desvairados, com uma expressão frenética.

No carro, Thorn gemeu de tensão, calcando o acelerador até o fundo. Mas o carro funerário continuava se aproximando, o motorista olhando fixamente para a frente. O velocímetro do carro de Thorn subiu para quase duzentos quilômetros horários. Mas o

carro funerário continuava a se aproximar, inexoravelmente. Thorn estava agora ofegando e sabia que perdera a capacidade de raciocínio. Mas nada podia fazer. Não podia ser alcançado de jeito nenhum. As engrenagens de seu carro rangiam com o esforço excessivo. Mas o carro funerário continuava a aumentar a velocidade, começando a emparelhar.

— Não... — gemeu Thorn. — Não!

Estavam agora emparelhados e o carro funerário continuava a desenvolver uma velocidade maior. Thorn bateu no volante querendo que seu carro fosse mais depressa. Mas o carro funerário estava começando a ultrapassá-lo e o caixão que havia atrás passou lentamente ao lado dele.

Em Pereford, Damien aumentou a velocidade de seu carrinho, deslizando a toda pelo quarto. Lá fora, sobre o banco, Katherine levantou o braço na direção de um dos vasos.

Na estrada, o carro funerário ultrapassou Thorn definitivamente. Ele soltou um grito de pavor. E nesse exato momento, Damien saiu em disparada do quarto, o carrinho de brinquedo indo colidir com o banco no qual Katherine tinha subido. Ela perdeu o equilíbrio e caiu, as mãos procurando desesperadamente agarrar o ar. Ao tentar segurar a balaustrada, puxou um aquário redondo, onde havia um peixinho dourado. Seu grito de desespero terminou com um impacto súbito. O aquário se espatifou no chão um segundo depois, desintegrando-se em fragmentos faiscantes.

Katherine estava agora em silêncio, imóvel. A seu lado, no chão de ladrilhos, estava caído um peixinho dourado.

Quando Thorn chegou ao hospital, os repórteres já estavam lá, gritando-lhe perguntas e espocando *flashes* diante de seus olhos. Thorn abriu caminho entre eles, rudemente, na direção de uma porta em que estava escrito "**tratamento intensivo**". Chegara a casa e encontrara Mrs. Baylock num estado de histerismo. Ela conseguira informá-lo apenas de que Katherine sofrerá uma queda e fora levada de ambulância para o Hospital Municipal.

— Pode nos dizer alguma coisa sobre o estado dela, Mr. Thorn?  
— gritou um repórter.

— Saia da minha frente!

— Estão dizendo que ela sofreu uma queda.

— Deixem-me passar!

— Ela está passando bem?

Thorn passou por uma porta dupla e as vozes dos repórteres foram sumindo na distância, à medida que ele avançava rapidamente por um corredor.

— Embaixador Thorn?

— Sou eu.

Um médico tinha aparecido e caminhava ao lado dele.

— Meu nome é Becker.

— Ela está bem? — perguntou Thorn, desesperadamente.

— Ela vai ficar boa. Foi uma queda terrível. Ela sofreu uma concussão tremenda, teve uma clavícula fraturada e alguma hemorragia interna.

— Ela está grávida.

— Lamento dizer-lhe que não está mais.

— Perdeu a criança?

— No local em que caiu. Eu pretendia fazer um exame do feto, mas sua empregada limpou tudo, antes de nossa chegada.

Thorn estremeceu e parou subitamente, encostando-se na parede.

— É claro que não vamos revelar os detalhes de como aconteceu — continuou o médico. — Quanto menos pessoas souberem, melhor será.

Thorn olhou fixamente para o médico, o qual percebeu que ele não estava entendendo.

— Ela pulou lá de cima.

— Pulou?

— Do segundo andar. E, ao que parece, na frente de seu filho e da babá.

Thorn não disse nada, fitando-o em silêncio. Depois, virou-se para a parede. Pela contração dos ombros dele, o médico percebeu que estava chorando.

— Numa queda desse tipo, Mr. Thorn, a pessoa geralmente bate com a cabeça primeiro. De certa forma, pode considerar-se um homem afortunado.

Thorn assentiu, tentando conter as lágrimas.

— Não deve se desesperar, Mr. Thorn. Pelo contrário, deve sentir-se grato. Ela ainda está viva e, com os cuidados adequados, nunca mais tornará a tentar. Minha cunhada também era maníaca suicida. Entrou na banheira, levando a torradeira. E eletrocutou-se.

Thorn virou-se.

— Mas ela sobreviveu e nunca mais tentou, Mr. Thorn. Já se passaram quatro anos e nunca mais tivemos problemas.

— Onde está ela? — indagou Thorn.

— Ela vive na Suíça.

— Quero saber é de minha esposa.

— Quarto 4A. Ela deve estar agora voltando a si.

O quarto de Katherine encontrava-se em silêncio, a luz apagada. Uma enfermeira estava a um canto, com uma revista nas mãos. Thorn entrou e estacou bruscamente, chocado. A aparência de Katherine era terrível. O rosto estava inchado e pálido. Um tubo subia do braço esquerdo para uma garrafa de plasma. O braço estava engessado e grotescamente dobrado. Parecia inconsciente, o rosto totalmente despojado de vida.

— Ela está dormindo — informou a enfermeira.

Thorn aproximou-se da cama. Como se sentisse a presença dele, Katherine gemeu e mexeu lentamente a cabeça.

— Ela está sentindo dor? — indagou Thorn, a voz trêmula.

— Está sob o efeito do remédio que lhe demos.

Thorn sentou-se ao lado, encostou a testa na cama e chorou. Algum tempo depois, sentiu que a mão de Katherine tocava em sua cabeça.

— Jerry...

Ele levantou a cabeça, para ver Katherine se esforçando arduamente para abrir os olhos.

— Kathy... — gemeu ele, por entre as lágrimas.

— Não deixe que ele me mate!

E Katherine fechou os olhos e dormiu.

Thorn chegou em casa depois da meia-noite e ficou parado por um longo tempo na escuridão do vestíbulo, olhando para o lugar em que Katherine caíra. Sentia-se aturdido, o corpo torturado pelo cansaço. Ansiava por dormir, por qualquer coisa que lhe permitisse esquecer a tragédia que acontecera. A vida deles mudara agora, irremediavelmente. Era como se estivessem sob uma maldição.

Olhou para o alto da escada, tentando imaginar Katherine ali em cima, pensando em pular. Se ela tencionava mesmo matar-se, por que não pulara do telhado? Havia pílulas na casa, lâminas de barbear, uma dúzia de instrumentos e de meios diferentes para alguém acabar com a própria vida. Por que Katherine escolhera aquele caminho? E por que na presença de Damien e de Mrs. Baylock?

Tornou a pensar no padre e na advertência que fizera: “Ele irá matar a criança por nascer e depois matará sua esposa. E quando estiver certo de herdar tudo que é seu. .

Thorn fechou os olhos, procurando reprimir tais pensamentos. Mas não conseguiu. Pensou em Tassone morto no varapau, no telefonema de Jennings, em seu pânico irracional quando o carro

funerário o alcançou na estrada. O psiquiatra estava certo. Ele estava sob tremenda tensão emocional e seu comportamento o confirmava. Os temores de Katherine tinham-no contagiado. As fantasias dela eram contagiosas. Mas ele não podia permitir que isso acontecesse. Agora, mais do que nunca, tinha que ser lúcido e racional.

Sentindo-se fisicamente fraco, subiu a escada, no escuro. Iria dormir e, pela manhã, acordaria revigorado, com novas energias, capaz de enfrentar todos os problemas.

Parou na porta de seu próprio quarto, olhando pelo corredor escuro na direção do quarto de Damien. Por baixo da porta se escoava a luz fraca da lâmpada que ficava acesa no quarto do menino durante a noite. Thorn imaginou o rosto do menino, na serena inocência do sono. Ansiando em vê-lo, para tranquilizar-se de que nada havia para ter medo, avançou na direção do quarto de Damien. Mas no momento em que entreabriu a porta, deparou com uma cena que o fez estremecer. O menino estava adormecido, mas não estava sozinho. De um lado estava sentada Mrs. Baylock, de braços cruzados, olhando resolutamente para o espaço. Do outro lado estava o vulto imenso de um cão. Era o mesmo cão no qual ele mandara Mrs. Baylock dar um sumiço, O animal estava sentado, parecendo alerta, como se montasse guarda ao menino adormecido. Thorn fechou a porta <sup>1</sup> silenciosamente e voltou para seu quarto. Ficou de pé lá dentro por um longo momento, procurando controlar-se, consciente de que estava tremendo. Subitamente, o silêncio foi rompido. O telefone estava tocando e ele correu para a mesinha de cabeceira, a fim de atender.

— Alô?

— É Jennings quem está falando. Está lembrado, Mr. Thorn? O fotógrafo cuja máquina quebrou.

— Sei quem é você.

— Estou na esquina da Grosvenor com a Quinta, em Chelsea. Acho que seria bom o senhor vir encontrar-se aqui comigo, imediatamente.

— O que está querendo?

— Algo está acontecendo, Mr. Thorn. Algo muito estranho e que o senhor precisa saber.

O apartamento de Jennings ficava num bairro pobre e Thorn teve alguma dificuldade em encontrá-lo. Estava chovendo, a visibilidade era deficiente. Já estava prestes a desistir quando avistou a luz infravermelha num prédio. Jennings estava na janela, acenando-lhe. Assim que Thorn o viu; o fotógrafo virou-se, pensando subitamente que deveria ter feito uma limpeza no apartamento, para receber um visitante tão ilustre. Rapidamente Jennings meteu as roupas espalhadas dentro do armário, alisou o lençol da cama e depois abriu a porta. Thorn apareceu ofegante, da subida de cinco andares.

— Tenho algum conhaque, se desejar, Mr. Thorn.

— Quero, sim, obrigado.

— Não é das marcas que está acostumado a tomar.

Jennings fechou a porta e entrou num quarto, enquanto Thorn corria os olhos pelo local. Estava banhado por uma luz vermelha, que vinha da porta aberta de um laboratório, as paredes adornadas por fotos ampliadas. Jennings voltou com uma garrafa e dois copos.

— Aqui está. Com um gole disto, estaremos prontos para o que der e vier.

Thorn pegou o copo e Jennings serviu-o. O fotógrafo sentou-se na cama e apontou umas almofadas empilhadas no chão. Mas Thorn preferiu permanecer de pé.

— A sua! — disse Jennings, tomando um gole do conhaque. — Aceita um cigarro?

Thorn sacudiu a cabeça, irritado com a aparente indiferença do fotógrafo.

— Disse que algo estava acontecendo, Mr. Jennings.

— E está mesmo.

— Pois eu gostaria de saber logo do que se trata.

Jennings examinou-o atentamente.

— Quer dizer que ainda não sabe?

— Não, não sei de nada.

— Então por que veio até aqui?

— Não quis me explicar do que se tratava pelo telefone.

Jennings assentiu e pôs o copo em cima de uma mesinha.

— Eu não podia explicar, por ser algo que precisava ver pessoalmente.

— E do que se trata?

— De algumas fotografias.

Jennings se levantou e entrou no laboratório, fazendo um gesto para que Thorn o seguisse.

— Pensei que gostaria primeiro de ser um pouco sociável.

— Estou cansado demais para perder tempo com isso.

— Pois tenho certeza de que as fotografias vão deixá-lo bem desperto.

Ele acendeu uma pequena lâmpada, focalizando-a num grupo de fotografias. Thorn foi sentar-se num banco, ao lado de Jennings.

— Está reconhecendo as fotos?

Eram fotografias da festa de aniversário de Damien, que mostravam crianças no carrossel, e Katherine a contemplar a multidão.

— Claro.

— Então dê uma olhada nesta.

Jennings tirou as fotos de cima, deixando à mostra uma foto de Chessa, a primeira babá de Damien. Ela estava parada, sozinha, com sua roupa de palhaço, e a casa ao fundo.

— Está percebendo algo estranho?

— Não.

Jennings encostou o dedo na fotografia, contornando um nevoeiro quase indistinto, que envolvia a cabeça e o pescoço da babá.

— Pensei a princípio que fosse uma simples mancha — explicou Jennings. — Mas repare como combina com a foto seguinte.

Ele exibiu a foto do corpo de Chessa pendurado na ponta da corda.

— Não estou compreendendo — disse Thorn.

— Já vai compreender.

Jennings afastou para o lado aquela pilha de fotos, substituindo-a por outra. Em cima, estava uma foto do pequeno padre, Tassone, caminhando diante do prédio da embaixada.

— O que me diz desta foto?

Thorn virou-se para o fotógrafo, aturdido.

— Como conseguiu esta foto?

— Eu a tirei.

— Pensei que estivesse procurando por esse homem. Disse que era parente dele.

— Eu menti. Mas repare bem na foto.

Jennings novamente encostou o dedo na foto, apontando o nevoeiro que parecia suspenso sobre a cabeça do padre.

— Está querendo me mostrar essa sombra por cima da cabeça dele? — indagou Thorn.

— Exatamente. Olhe agora para esta outra foto, tirada cerca de dez dias depois.

Ele pegou outra foto da pilha e colocou-a debaixo da luz. Era uma ampliação de um grupo de pessoas de pé nos fundos de um auditório. Não dava para se divisar o rosto de Tassone, apenas a

sua batina. Mas, logo acima do local em que deveria estar a cabeça, via-se uma sombra oblonga pairando no ar.

— Calculo que seja o mesmo homem. Não se pode ver o rosto dele, mas está bem visível o que paira por cima de sua cabeça.

Thorn estudou a fotografia atentamente, cada vez mais confuso. Jennings continuou:

— A sombra está um pouco mais pronunciada que antes. E, se calcular as dimensões do rosto dele, vai verificar que está quase encostando na cabeça. Nos dez dias que se passaram entre as duas fotografias, a sombra baixou um pouco. O que quer que seja, chegou mais perto.

Thorn estava perplexo. Jennings tirou a foto, substituindo-a pela que saíra na primeira página dos jornais, a do padre empalado no varapau da janela.

— Está começando a perceber a relação, Mr. Thorn?

Thorn estava aturdido. Por trás deles, um despertador automático soou e Jennings acendeu outra luz.

— Também não sei explicar, Mr. Thorn. E foi por isso que comecei a investigar.

Pegando uma pinça, ele virou-se para uma bacia, tirando uma ampliação, que sacudiu, deixando-a escorrer por um momento, antes de colocá-la sob a luz.

— Tenho alguns amigos na polícia, Mr. Thorn. Eles me deram alguns negativos, que tratei de ampliar. O relatório do médico legista revelou que o padre estava corroído internamente pelo câncer. Tomava doses imensas de morfina, para aliviar a dor, injetando-as pessoalmente, duas a três vezes por dia.

Thorn estremeceu ao contemplar as ampliações. Eram fotos do corpo nu do padre, em ângulos diferentes.

— Exteriormente, o corpo dele era perfeitamente normal — disse Jennings. — Exceto por um pequeno detalhe, na parte interior da coxa esquerda.

Ele entregou uma lente de aumento a Thorn, guiando-lhe a mão até a última foto. O corpo do padre estava com os braços e as pernas bem abertos, grotescamente, deixando à mostra os órgãos genitais e a parte interna das coxas. Thorn olhou atentamente a marca. Parecia uma tatuagem.

— O que é isso?

— Três vezes o número seis. Seiscentos e sessenta e seis.

— Campo de concentração?

— Foi a minha primeira ideia. Mas a biópsia mostrou que os números foram literalmente cortados na carne. Não era assim que eles faziam nos campos de concentração. Tenho a impressão de que essa marca foi feita por ele' próprio.

Thorn e Jennings se entreolharam. Jennings pegou outra pilha de fotos.

— Este é o apartamento em que ele vivia, num prédio sem água quente, no Soho. Estava infestado de ratos quando lá chegamos. Ele tinha deixado um prato de carne salgada, meio comida, em cima da mesa.

Thorn examinou atentamente a foto. Era um cubículo mínimo, mobiliado apenas com uma mesinha, uma cômoda e uma cama. As paredes estavam cobertas com um material estranho, semelhante a tiras amarrotadas de papel. Por toda parte estavam penduradas cruzes imensas.

— Os papéis que estão nas paredes são páginas da Bíblia — explicou Jennings. — Milhares delas. Cada pedaço da parede estava coberto por páginas da Bíblia, inclusive as janelas. Como se ele estivesse tentando impedir que algo entrasse.

Thorn ficou olhando para a estranha cena, inteiramente atordoado.

— E como tinha cruzes! Só na porta da frente, estavam pregadas quarenta e sete cruzes.

—7 Ele era... louco?

Jennings fitou-o nos olhos.

— Sabe muito bem que não.

Jennings virou-se, sem se levantar, e abriu uma gaveta, tirando uma pasta.

— A polícia concluiu que o padre era completamente doido. Deixaram-me vasculhar o apartamento e levar o que bem quisesse. Foi assim que consegui isto.

Jennings levantou-se e saiu do laboratório, seguido por Thorn. O fotógrafo derramou o conteúdo da pasta em cima da mesa.

— O primeiro item é um diário — disse ele, pegando um caderninho. na pilha. — Mas não contém referências a respeito dele e sim sobre o senhor. Estão registrados todos os seus movimentos. A que horas saiu da embaixada, para onde foi, em que restaurantes almoçou, quais os locais em que deveria falar...

— Posso dar uma olhada?

— À vontade.

Thorn pegou o caderninho com as mãos trêmulas e folheou-o lentamente.

— A última anotação informa que vocês dois iam se encontrar, Mr. Thorn. Em Kew Gardens. Está datada do dia anterior à morte dele. Se a polícia tivesse sabido disso, creio que iria se interessar um pouco mais por esse diário.

Thorn levantou a cabeça, fitando Jennings e murmurando:

— Ele era louco.

— Será que era mesmo?

O tom de Jennings era ameaçador e Thorn ficou tenso.

— O que está querendo, Mr. Jennings?

— Encontrou-se com ele?

— Não.

— Tenho mais algumas informações a respeito desta história, senhor embaixador. Mas não direi mais nada, a menos que me fale a verdade.

— Qual é o seu interesse nisso?

— Quero ajudar, Mr. Thorn. Como amigo.

Thorn ficou imóvel por algum tempo, os olhos fixos em Jennings.

— Os itens realmente importantes estão aqui — disse Jennings, apontando para a mesa. — Quer continuar a conversa ou prefere ir embora?

Thorn rrangeu os dentes.

— O que deseja saber?

— Encontrou-se com ele no parque?

— Encontrei-me.

— O que ele disse?

— Alertou-me.

— Sobre o quê?

— Disse que minha vida corria perigo.

— Que espécie de perigo?

-r- Ele não explicou.

— Fale toda a verdade, Mr. Thorn.

— É verdade. Ele não deu maiores explicações. Jennings deu um passo para trás, com uma expressão de dúvida. Thorn acrescentou:

— Ele me falou sobre a Bíblia. Disse um poema. Não me lembro direito. Achei que o homem estava louco. Não compreendi o que me disse. Estou lhe dizendo a verdade, Mr. Jennings. Não me lembro do que ele disse, mas sei que não compreendi nada.

Jennings manteve uma expressão cética, enquanto Thorn se inquietava sob o olhar dele.

- Acho que deve confiar em mim, Mr. Thorn.
- Disse que tinha mais informações.
- Mas só direi depois que me contar toda a verdade.
- Não tenho mais nada a dizer.

Jennings sacudiu a cabeça, num gesto de rendição, remexendo nas coisas que estavam em cima da mesa. Acendendo uma lâmpada nua por cima da mesa, ele pegou um recorte e entregou-o a Thorn.

— E de uma revista chamada *O Astrólogo Mensal*. Com as declarações de um astrólogo sobre o que ele próprio classificou de “um fenômeno estranho”. Um cometa que assumiu a forma de uma estrela luminosa. Como a Estrela de Belém, há dois mil anos.

Thorn leu rapidamente o artigo, removendo o suor que se formara em seu lábio superior.

— Só que esta apareceu no outro lado do mundo — continuou Jennings. — Sobre o continente europeu, para ser mais preciso. Há quatro anos. No dia 6 de junho, para ser mais preciso. Será que esta data não lhe é familiar?

— Ê, sim... — balbuciou Thorn.

— Então poderá reconhecer este segundo recorte — disse Jennings, pegando outro pedaço de papel na pilha.

— É de um jornal de Roma.

Thorn pegou o recorte, reconhecendo-o imediatamente. Katherine tinha um igual, colado em seu álbum de recordações.

— É a notícia do nascimento de seu filho, Mr. Thorn. Que também ocorreu no dia 6 de junho, há quatro anos. Não acha que é muita coincidência?

As mãos de Thorn estavam tremendo. O papel tremia tanto, que ele mal conseguia ler.

— Seu filho nasceu às seis horas da manhã, Mr. Thorn?

Thorn virou-se para ele, a expressão angustiada.

— Estou tentando adivinhar o que significa a marca na coxa do padre, Mr. Thorn. Os três. Acho que está relacionada com seu filho. O sexto mês, o sexto dia...

— Meu filho está morto! — explodiu Thorn subitamente. — Meu filho está morto! E não tenho a menor ideia de quem é o menino que estou criando!

Ele levantou as mãos para o rosto e virou-se para a escuridão, a respiração ofegante, enquanto Jennings o observava.

— Se não se importa, Mr. Thorn, eu gostaria de ajudá-lo a descobrir tudo.

— Não... o problema é meu.

— Está enganado, Mr. Thorn — murmurou Jennings, tristemente. — O problema é meu também.

Thorn virou-se para ele e os dois ficaram se encarando. Depois, Jennings encaminhou-se lentamente para o laboratório, voltando logo em seguida com outra fotografia na mão. Entregou-a a Thorn.

— Havia um pequeno espelho no canto do quarto do padre — disse Jennings, falando com alguma dificuldade.

— E por acaso, ao bater uma das fotografias, peguei também o meu reflexo nesse espelho.

Thorn olhou para a foto e sua expressão ficou chocada.

— Não acha que é um efeito um tanto estranho, Mr. Thorn?

Ele aproximou a lâmpada, de forma a que Thorn pudesse ver melhor. Na fotografia do quarto de Tassone, aparecia um pequeno espelho a um canto, refletindo o rosto de Jennings, com a câmara levantada. Não havia nada de estranho no fato de um fotógrafo focalizar a sua própria imagem num espelho. Mas, no caso, algo estava faltando: era o pescoço de Jennings, pois a cabeça estava separada do corpo por uma mancha enevoadada.

## *Capítulo dez*

Na manhã seguinte, Thorn apresentou como pretexto o acidente de Katherine para justificar sua ausência na embaixada por alguns dias. Disse a seus assessores que ia viajar para Roma, a fim de consultar um ortopedista, por conta de Katherine. Na verdade, sua missão era outra. Contara toda a história a Jennings, que o convencera a começar pelo início, voltando ao hospital em que Damien nascera. Ali, poderiam começar as investigações.

Os detalhes para a viagem foram providenciados rápida e discretamente. Thorn alugou um pequeno jato particular, a fim de poder decolar de Londres e aterrissar em Roma em pistas bloqueadas ao acesso do público. Nas horas que antecederam a partida, Jennings ocupou-se em reunir material de pesquisa, adquirindo diversas versões da Bíblia e três livros sobre ocultismo. Thorn voltou a Pereford para fazer as malas, decidindo levar inclusive um chapéu grande, para disfarçar sua identidade.

Em Pereford, as coisas estavam estranhamente quietas. Vagueando pela casa vazia, Thorn notou que Mrs. Horton não se encontrava ali. Nem o marido. Os carros estavam estacionados na garagem, lado a lado.

— Eles foram embora — informou Mrs. Baylock, quando Thorn entrou na cozinha.

Ela estava trabalhando na pia, cortando legumes, da maneira como Mrs. Horton sempre o fizera.

— Foram embora?

— Isso mesmo. Nem esperaram pelo senhor. Deixaram o endereço para onde poderia enviar-lhes o salário do último mês.

Thorn ficou chocado.

— Eles explicaram por que foram embora?

— Não tem importância, senhor. Posso cuidar de tudo sozinha.

— Mas eles devem ter dado uma explicação qualquer.

— Não me disseram nada. Mas é verdade que, diga-se de passagem, quase não me falavam. Foi o marido quem insistiu para irem embora. Creio que Mrs. Horton desejava ficar.

Thorn estava perturbado. Não queria deixá-la em casa sozinha com Damien. Mas não havia outro jeito. Ele tinha que partir.

— Pode cuidar de tudo sozinha, enquanto passo alguns dias viajando?

— Creio que sim, senhor. Temos comida suficiente para duas semanas e tenho a impressão de que o menino vai apreciar um pouco de paz e tranquilidade nesta casa.

Thorn assentiu e encaminhou-se para a porta. Parou ali e virou-se.

— Mrs. Baylock...

— Pois não, senhor?

— Aquele cão...

— Ah, sim! Não se preocupe, senhor. Ele já terá ido embora, antes do final do dia.

— Por que ele ainda está aqui?

— Nós o levamos para o campo e o largamos longe daqui, mas ele encontrou o caminho de alguma forma e voltou. Apareceu na porta ontem à noite, depois... depois do acidente. O menino estava bastante abalado e perguntou-me se poderia deixar o cachorro ficar em seu quarto. Eu disse que o senhor não ia gostar, mas achei que, nas circunstâncias...

— Quero que dê um sumiço nesse animal, Mrs. Baylock.

— Está certo, senhor. Chamarei a carrocinha hoje mesmo.

Thorn virou-se novamente, para ir embora.

— Mr. Thorn...

— O que é?

— Como está sua esposa?

— Ela está passando bem.

— Enquanto o senhor está viajando, posso levar o menino para visitá-la?

Thorn virou-se mais uma vez examinando atentamente a mulher, enquanto ela pegava um pano de prato e enxugava as mãos. Mrs. Baylock era a própria imagem da vida doméstica e ele sentia-se subitamente confuso sem saber por que antipatizava tanto com ela.

— Preferia que não fosse, Mrs. Baylock. Eu próprio o levarei assim que voltar.

— Está certo, senhor.

Os dois se despediram e Thorn partiu em seu carro para o hospital. Procurou o Dr. Becker, este lhe disse que Katherine estava acordada e sentindo-se relaxada. Perguntou a Thorn se poderia chamar um psiquiatra para examiná-la e ele deu-lhe o telefone de Charles Greer. Em seguida, Thorn foi para o quarto de Katherine. Ela sorriu debilmente ao vê-lo.

— Olá, Kathy.

— Olá, Jerry.

— Está se sentindo melhor?

— Um pouco.

— Disseram que você vai ficar boa.

— Tenho certeza disso.

Thorn puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dela. Estava impressionado com a beleza da esposa, mesmo naquele estado. Raios de sol entravam pela janela, iluminando suavemente os cabelos dela.

— Você está com boa aparência, Jerry.

— É que eu estava pensando em você.

— Tenho certeza de que pareço mesmo uma visão — murmurou ela, sorrindo.

Thorn segurou a mão da esposa e apertou-a. Os dois ficaram se observando.

— Tempos estranhos os que estamos vivendo, Jerry...

— Tem razão.

— Será que algum dia as coisas voltarão ao normal?

— Creio que sim.

Ela sorriu tristemente. Thorn estendeu a mão e tirou uma madeixa de cabelos que caíra sobre um de seus olhos.

— Somos gente de bem, não é mesmo, Jerry?

— Creio que sim.

— Então por que tudo está saindo errado para nós?

Ele sacudiu a cabeça, incapaz de responder.

— Se fôssemos pessoas ruins, eu diria que estava certo, que era exatamente isso o que merecíamos. Mas o que fizemos de errado?

— Não sei, Kathy, não sei...

Ela parecia extremamente vulnerável e inocente. Thorn sentia-se invadido por uma imensa emoção. E sussurrou:

— Você estará segura aqui. Eu vou me ausentar por alguns dias.

Katherine não manifestou qualquer reação. Nem mesmo perguntou para onde ele ia.

— Tenho que tratar de alguns negócios urgentes, Kathy. Não posso evitar a viagem.

— Quanto tempo vai demorar?

— Três dias. Eu lhe telefonarei diariamente.

Katherine limitou-se a assentir. Thorn levantou-se, lentamente, inclinando-se para roçar com os lábios no rosto pálido da esposa.

— Jerry...

— O que é?

— Eles disseram que eu pulei...

Os olhos dela tinham uma expressão aturdida e infantil.

— Foi o que disseram também a você, Jerry?

— Foi.

— Mas por que eu haveria de fazer uma coisa dessas?

— Não sei, querida. Mas é justamente isso o que precisamos descobrir.

— Eu estou louca, Jerry?

Thorn fitou-a em silêncio, por um longo momento. Depois, sacudiu a cabeça lentamente.

— Talvez todos nós estejamos loucos, Kathy...

Ela estendeu a mão e Thorn tornou a inclinar-se, quase encostando o rosto no dela.

— Eu não pulei, Jerry. Foi Damien quem me empurrou.

Os dois ficaram calados por muito tempo. Depois, lentamente, Thorn saiu do quarto.

Thorn e Jennings eram os únicos passageiros do Lear Jet de seis lugares que atravessava o céu noturno, na direção de Roma. O ambiente dentro do avião era tenso e silencioso. Jennings estava com os livros de pesquisa abertos ao seu redor. Volta e meia, incitava Thorn a se recordar exatamente de tudo o que Tassone dissera.

— Não consigo — murmurou Thorn, angustiado. — Parece tudo envolto por um nevoeiro.

— Comece pelo princípio. E diga-me novamente tudo o que conseguir lembrar.

Thorn relatou o seu primeiro encontro com Tassone, como o padre o seguira e finalmente conseguira persuadi-lo a comparecer ao encontro no parque. Nesse segundo encontro é que Tassone tinha recitado o tal poema.

— Alguma coisa sobre... surgir do mar... sobre a morte... e exércitos... o Império Romano...

— Tem que se recordar de mais coisas.

— Eu estava transtornado no momento. Pensava que ele estivesse louco. Prestei pouca atenção ao que disse.

— Mas ouviu tudo. Todas as palavras dele ficaram gravadas em sua memória. Procure recordar.

— Não consigo!

— Tente!

O rosto de Thorn estava dominado pela frustração. Ele fechou os olhos, procurando concentrar sua mente numa direção a que ela se recusava ir.

— Eu me lembro... que ele me pediu para tomar a comunhão. Beber o sangue de Cristo. Foi isso o que ele disse. Que eu tinha de beber o sangue de Cristo...

— Para quê?

— Para derrotar o filho de Satã. Disse que eu tinha de beber o sangue de Cristo para poder vencer o filho do Demônio.

— E que mais?

— Um velho... Ele falou também algo a respeito de um velho...

— Que velho?

— Disse que eu deveria ir procurar um velho.

— Continue...

— Não consigo lembrar!

— Ele lhe disse algum nome?

— Ma... Magdo. Não, não, Meggido. Esse era o nome da cidade.

— Que cidade?

— A cidade a que eu deveria ir. Meggido. Tenho certeza de que é esse o nome. Ele disse que eu deveria ir a Meggido.

Muito excitado, Jennings rebuscou em sua valise, tirando um mapa.

— Meggido... Meggido...

— Já ouviu falar nessa cidade? — indagou Thorn.

— Não. Mas sou capaz de apostar que fica na Itália.

Mas ele estava enganado. Não ficava na Itália nem estava relacionada entre as cidades de nenhum país europeu. Jennings estudou o mapa durante meia hora, antes de finalmente dobrá-lo, sacudindo a cabeça, desolado. Olhou para Thorn e viu que o embaixador estava dormindo. Não o acordou, concentrando-se em vez disso nos livros de ocultismo. Enquanto o pequeno avião atravessava o céu noturno, ele se absorveu na leitura das profecias da segunda vinda de Cristo. Estava ligada à chegada também do Anticristo, do filho de Satã, a Besta, o Messias do Mal.

“...e sobre a Terra andaré o Messias do Mal, o filho de Satã sob forma humana, gerado pelo estupro de uma besta de quatro patas. E enquanto Cristo irá disseminar amor e bondade, o Anticristo irá disseminar o ódio e o medo... recebendo suas ordens diretamente do inferno.”

O avião aterrissou com um solavanco. Jennings tentou agarrar os livros, que caíam ao seu redor. Estava chovendo em Roma, trovoadas estrondeando ameaçadoramente.

Atravessando rapidamente o aeroporto quase deserto, eles entraram num táxi. Jennings cochilou, enquanto atravessavam lentamente a cidade, debaixo de um forte temporal. Thorn ficou em silêncio, observando, angustiado, as esculturas iluminadas da Via Veneto, recordando o tempo em que, jovens e cheios de

esperanças, ele e Katherine haviam passeado por aquelas mesmas ruas, de mãos dadas. Eram ambos inocentes e estavam profundamente apaixonados. Thorn recordou o perfume de Katherine e o som da sua risada. Tinham descoberto Roma da mesma forma como Colombo descobrira a América. Reivindicavam-na como se lhes pertencesse. Haviam se amado na tarde romana. Agora, contemplando a escuridão da noite, Thorn se perguntou se algum dia voltariam a fazer amor.

— Ospedale Generale — disse o motorista, freando o táxi bruscamente.

Jennings despertou e Thorn semicerrou os olhos, esquadrinhando a escuridão lá fora, com uma expressão confusa.

— Mas não é aqui! — disse Thorn.

— *Si, si. Ospedale Generale.*

— Não é, não. Era um prédio velho, de tijolos.

— Ospedale Generale — repetiu o motorista.

— *È differente* — insistiu Thorn.

— Ah... *Fuoco. Tre anni piu o meno.*

— O que ele disse? — indagou Jennings.

— Houve um incêndio — explicou Thorn. — "*Fuoco*" é "fogo".

— *Si* — disse o motorista. — *Tre anni.*

— Mas que incêndio foi esse?

— Aparentemente o velho hospital pegou fogo e foi reconstruído.

— *Tre anni piü o meno. Molti morti.*

Thorn olhou para Jennings.

— Foi há três anos atrás. *Molti morti.* Muitas mortes.

Eles pagaram ao motorista e pediram-lhe que esperasse.

O motorista recusou a princípio, mas depois acabou concordando, ao ver o dinheiro com que lhe acenavam. Thorn disse-

lhe, no seu italiano deficiente, que desejavam mantê-lo como motorista, enquanto permanecessem em Roma. O motorista disse que ia telefonar para a esposa, avisando, mas prometeu voltar.

Ao entrarem no hospital, ficaram imediatamente frustrados. Como já era muito tarde, as pessoas que poderiam dar informações só chegariam pela manhã. Jennings saiu para procurar alguém com autoridade para dar informações, enquanto Thorn encontrava uma freira que falava inglês, a qual confirmou que o incêndio de três anos atrás reduzira o prédio antigo a ruínas.

— Mas não é possível que o incêndio tenha destruído tudo — insistiu Thorn. — Devem ter sobrado alguns arquivos ...

— Eu não estava aqui na ocasião — explicou a freira, no seu inglês trôpego. — Mas dizem que as chamas acabaram com tudo.

— Não havia arquivos guardados em algum outro lugar?

— Não sei dizer.

Thorn franziu o rosto, frustrado, enquanto a freira dava de ombros, incapaz de fornecer mais alguma informação.

— É muito importante para mim — disse Thorn. — Adotei uma criança aqui e estou procurando a ficha do nascimento dela.

— Não fazemos adoções aqui.

— Mas houve uma! Só que não foi uma adoção regular.

— Deve estar enganado. Todas as adoções são efetuadas por intermédio do serviço social.

— Não há registros dos nascimentos que ocorrem aqui?

— Claro que há.

— Se eu lhe desse uma data, talvez...

— Não adianta — interrompeu Jennings.

Thorn virou-se, vendo-o aproximar-se com uma expressão desesperada.

— O fogo começou no porão, exatamente na sala dos arquivos. Todos os registros estavam ali. O incêndio espalhou-se rapidamente e o terceiro andar tornou-se um verdadeiro inferno.

— O terceiro andar?

— Exatamente. A seção da maternidade e berçário. Só restaram cinzas.

Thorn ficou consternado, encostando-se na parede.

— Se me dão licença agora... — disse a freira.

— Espere um instante! — suplicou Thorn. — E o que aconteceu com o pessoal do hospital? Alguns devem ter sobrevivido.

— Tem razão. Nem todos morreram.

— Havia um padre alto, de tamanho gigantesco .. í.

— O nome dele era Spilletto?

— Era isso mesmo! — disse Thorn, excitado. — Era esse o nome dele, Spilletto!

— Ele era o nosso diretor — informou a freira.

— Era isso mesmo. Ele...

— Ele sobreviveu.

O coração de Thorn bateu descompassado, a esperança renasceu.

— Ele está aqui?

— Não.

— E onde está então?

— No mosteiro em Subiaco. Muitos dos sobreviventes foram levados para lá, onde vários morreram. Ele podia ter morrido, mas conseguiu sobreviver ao incêndio. Lembro-me de que disseram ter sido um milagre ele conseguir sobreviver. Estava no terceiro andar na ocasião do incêndio.

— Subiaco? — indagou Jennings.

A freira assentiu.

— É o Mosteiro de San Benedetto.

Os dois voltaram para o táxi, examinando os mapas de Jennings. Subiaco ficava no sul da Itália. Teriam que viajar a noite inteira para chegarem lá na manhã seguinte. O motorista queixou-se. Mas eles deram-lhe mais dinheiro e marcaram o percurso no mapa com um lápis vermelho, para que o homem pudesse segui-lo, enquanto dormiam. Mas estavam excitados demais para dormirem. Em vez disso, puseram-se a pesquisar os livros de Jennings, à luz fraca do interior do carro, enquanto percorriam a região rural da Itália.

— Essa não... — murmurou Jennings, olhando para uma Bíblia em seu colo. — Está tudo aqui!

— O que é?

— Está tudo aqui na Bíblia, no maldito Livro do Apocalipse. Quando os judeus voltarem a Sião...

— Foi isso! — interrompeu-o Thorn, excitado. — O poema era assim! Quando os judeus voltarem a Sião... E depois falava sobre um cometa...

— Está aqui também — disse Jennings, apontando para o livro. — Uma chuva de estrelas e a ascensão do Santo Império Romano. São esses os sinais que indicam o nascimento do Anticristo, o próprio filho do Demônio.

E eles continuaram a ler, enquanto o táxi avançava velozmente. Thorn tirou da valise a interpretação da Bíblia que tinha usado para preparar um discurso, com citações da Bíblia. Ali estavam os esclarecimentos de que precisavam para compreender o sentido dos símbolos das Escrituras.

— Os judeus já voltaram para Sião e houve um cometa — concluiu Jennings, quando a manhã começava a despontar. — Quanto à ascensão do Santo Império Romano, alguns estudiosos acreditam que possa ser considerada como a formação do Mercado Comum Europeu.

— Parece-me um tanto forçado...

— E o que me diz disto? — falou Jennings, abrindo outro livro.  
— O Apocalipse declara: “Ele virá do Mar Eterno”.

— O poema de Tassone dizia isso — falou Thorn, franzindo a testa, procurando recordar. — Do Mar Eterno Ele se levanta... com exércitos nas praias. Era assim que começava.

— Ele estava citando trechos do Apocalipse.

— Do Mar Eterno Ele se levanta... — murmurou Thorn, fazendo força para lembrar.

— Aqui está, Thorn — disse Jennings, apontando para um livro.  
— Diz que a Conferência Internacional de Ciências Teológicas interpretou o Mar Eterno como sendo o mundo da política. O mar, que está constantemente agitado, como os distúrbios públicos e as revoluções.

Jennings fitou Thorn nos olhos antes de acrescentar:

— O filho do Demônio irá surgir do mundo da política.

Thorn não disse nada, virando-se para contemplar a paisagem, que lentamente ia clareando.

O Mosteiro de San Benedetto estava num estado de semidecadência. Mas a fortaleza maciça, feita de pedra, conservava sua força e dignidade, apesar de os elementos começarem a reclamar a sua posse. Erguia-se no alto de uma montanha no sul da Itália e resistira a muitos assédios, durante séculos. No começo da Segunda Guerra Mundial, todos os monges tinham sido fuzilados pelas forças alemãs invasoras, que tinham usado o mosteiro como quartel-general. Em 1946, os italianos haviam voluntariamente consertado os estragos feitos pelos alemães.

Apesar dos violentos ataques temporais, San Benedetto continuara a ser um lugar santo. Ao longo dos séculos, o som de preces religiosas ecoara entre seus muros, erguendo-se das próprias origens da história.

Quando o táxi salpicado de lama parou na estrada, diante da fachada de quase um quilômetro, os dois passageiros estavam dormindo. O motorista teve que se virar e sacudir os dois, para que acordassem.

— Signori!

Enquanto Thorn se espreguiçava, Jennings baixava a janela de seu lado e respirava o ar fresco da manhã, contemplando a paisagem úmida.

— San Benedetto — murmurou o exausto motorista.

Thorn esfregou os olhos, focalizando o prédio do mosteiro, emoldurado pelo céu vermelho da manhã.

— É realmente impressionante... — murmurou Jennings.

— Não podemos chegar mais perto? — perguntou Thorn ao motorista.

O motorista sacudiu a cabeça.

— Aparentemente, não é possível — concluiu Jennings.

Instruindo o motorista para estacionar o carro ao lado da estrada e dormir um pouco, Thorn e Jennings saltaram e seguiram o resto do caminho a pé. Não demoraram muito e estavam atravessando um mato alto, que lhes batia na cintura, molhando as calças. O caminho era difícil e eles não estavam com roupas apropriadas. Ofegando, no silêncio opressivo, Jennings parou e pegou a sua câmara, batendo meio rolo de chapas.

— É incrível! — murmurou ele.

Thorn olhou para trás, impacientemente. Jennings apressou-se em alcançá-lo. Continuaram juntos, ouvindo a própria respiração no silêncio da manhã, assim como um canto distante, que parecia um gemido constante, vindo do interior do mosteiro.

— Que lugar mais triste! — comentou Jennings, ao chegarem à entrada. — Escute o canto! Está impregnado de sofrimento!

Era realmente impressionante. O canto monótono parecia emanar dos próprios muros de pedra dos corredores e arcadas, à medida que eles iam avançando lentamente, olhando ao redor, sem ver ninguém, procurando determinar a origem da prece estranha.

— Acho que o caminho é por aqui — disse Jennings, apontando para um corredor comprido. — Olhe só a lama.

O chão de pedra à frente deles tinha uma trilha mais clara no meio. Ao longo dos séculos, o movimento dos pés desgastara a pedra no meio do corredor, criando um verte-douro, para onde a água fluía, nos períodos de chuva intensa.

O corredor ia terminar numa enorme rotunda de pedra, com imensas portas de madeira. Ao se aproximarem, o canto foi se tornando mais próximo. Abrindo a porta, eles ficaram espantados com a cena que avistaram. Era como se tivessem ingressado na Idade Média. A presença de Deus, de santidade espiritual, podia ser sentida como se fosse algo vivo, físico. Era uma capela antiga e gigantesca. Degraus de pedra levavam a um altar espaçoso, no qual se erguia uma imensa cruz de pedra com a imagem de Cristo, esculpida em pedra. As paredes eram feitas de blocos de pedra, por onde subiam trepadeiras, até a abóbada lá no alto, aberta para o céu. j Naquele momento, um raio de luz entrava pela abertura e ia iluminar a imagem de Cristo.

— O lugar é meio assustador — murmurou Jennings.

— É aqui que eles fazem suas preces.

Thorn assentiu, correndo os olhos pela imensa capela e indo fixá-los num grupo de monges encapuzados, ajoelhados entre os bancos, rezando. O canto era enervante, subindo e descendo, parecendo renovar-se a cada momento que parecia prestes a desvanecer-se. Jennings pegou o medidor de luz, tentando ler o registro, na semi escuridão da capela.

— Guarde isso — sussurrou Thorn.

— Eu deveria ter trazido o *flash*.

— Eu disse para guardar isso, Jennings.

Jennings lançou um olhar furioso para Thorn, mas obedeceu. Thorn estava profundamente transtornado. Os joelhos tremiam, como que insistindo para que ele ajoelhasse e rezasse.

— Está se sentindo bem, Thorn?

— Sou católico — respondeu Thorn, a voz muito | calma.

E de repente a expressão dele ficou paralisada, os olhos pregados em alguma coisa na escuridão. Jennings seguiu-lhe o olhar e viu também. Era uma cadeira de rodas. Ocupada por um homem gigantesco. Ao contrário dos outros, ajoelhados e com as cabeças abaixadas, o homem na cadeira de rodas estava sentado muito ereto, a cabeça ligeiramente inclinada, os braços curvados, como se estivessem paralisados.

— É ele? — sussurrou Jennings.

Thorn assentiu. Os olhos dele estavam arregalados de apreensão. Foram se aproximando, até poderem ver melhor. Jennings estremeceu ao divisar as feições do padre na cadeira de rodas. Metade do rosto estava literalmente derretida. Os olhos eram opacos e miravam o alto, cegamente. A mão direita estava também grotescamente deformada, saindo pela manga do hábito, como um coto liso e brilhante.

— Não sabemos se ele pode ver ou ouvir — disse o monge que estava de pé ao lado de Spilletto, no pátio do mosteiro. — Desde o incêndio que ele não diz coisa alguma.

Estavam no que outrora tinha sido um jardim, agora a própria imagem da decadência, com restos de estátuas quebradas espalhados por toda parte. O monge que falara tinha empurrado a cadeira de rodas de Spilletto para fora da capela, ao final do serviço religioso. Thorn e Jennings tinham seguido os dois, aproximando-se apenas quando haviam chegado a um ponto em que os outros não poderiam ouvi-los.

— Ele é alimentado e cuidado pelos irmãos — continuou o monge. — E rezamos para sua recuperação, quando terminar a penitência.

— Penitência? — repetiu Thorn.

O monge assentiu.

— Ai do pastor que abandona suas ovelhas. Que seu braço direito definhe e que o olho direito perca a visão.

— Ele caiu em desgraça? — perguntou Thorn.

— Exatamente.

— Permite que eu pergunte por quê?

— Por abandonar Cristo.

Thorn e Jennings se entreolharam.

— E como podem saber que ele abandonou Cristo?

— indagou Thorn.

— Pela confissão.

— Mas ele não fala!

— A confissão foi escrita. Ele ainda consegue mexer a mão esquerda.

— E o que ele confessou? — insistiu Thorn.

O monge ficou com uma expressão desconfiada.

— Posso perguntar-lhe por que está desejando saber?

— É de importância vital — respondeu Thorn, ansiosamente. — Suplico que nos ajude. Há uma vida em jogo.

O monge examinou atentamente o rosto de Thorn e depois assentiu.

— Venham comigo.

A cela de Spilletto era minúscula e continha apenas um colchão de palha e uma mesa de pedra. Como a capela, tinha uma abertura no teto, que deixava passar a luz e a chuva. No chão havia uma poça de água, que ficara da chuva da noite anterior. Thorn notou que o colchão estava úmido e se perguntou se todos os monges

sofriam o mesmo desconforto ou se aquilo era apenas uma parte da penitência particular de Spilletto.

— A confissão está em cima da mesa — informou o monge, ao entrarem na cela. — Ele escreveu com um pedaço de carvão.

A cadeira de rodas de Spilletto chocalhou ruidosamente sobre as pedras irregulares do chão. Todos se reuniram em torno da mesa de pedra, olhando para o estranho símbolo que o padre desenhara.

— Ele desenhou isso assim que chegou aqui — disse o monge. — Deixamos o pedaço de carvão em cima da mesa, mas ele nunca mais voltou a escrever qualquer coisa.

Era o desenho tosco e irregular de um homem, parecendo um rabisco de criança. O vulto estava meio curvado e disforme, a cabeça cercada por uma linha semicircular. O que imediatamente atraiu a atenção de Jennings foram os três números acima do semicírculo. Eram 6. Três vezes. Como a marca na coxa de Tassone.

— Observem a linha curva por cima da cabeça — disse o monge. — É o capuz do nosso hábito. O próprio capuz dele.

— É um autorretrato? — indagou Jennings.

— Achamos que sim.

— E o que significam os números 6?

— Seis é o signo do Demônio — explicou o monge.

— Sete é o número perfeito, o número de Jesus. Seis é o signo de Satã.

— E por que três vezes o número 6?

— Acreditamos que representa a Trindade Diabólica. O Demônio, o Anticristo e o Falso Profeta.

— O Pai, o Filho e o Espírito Santo — observou Thorn.

O monge assentiu.

— Para cada coisa divina, há outra que não o é. Essa é a própria essência da tentação.

— Por que consideram isso como uma confissão? — perguntou Jennings.

— Como acabou de dizer, é um autorretrato. Ou pelo menos assim acreditamos. E está cercado, simbolicamente, pelo triunvirato do inferno.

— Quer dizer que não sabem exatamente qual é o ato que está confessando?

— Os detalhes não têm a menor importância. Tudo o que importa é o desejo dele de arrepende-se.

Jennings e Thorn trocaram um longo olhar. O rosto de Thorn era a própria imagem da frustração.

— Posso falar com ele? — perguntou Thorn.

— Pode, mas não vai adiantar.

Thorn olhou para Spilletto, estremeando à visão daquele rosto pálido e completamente imobilizado.

— Padre Spilletto, meu nome é Thorn.

O padre continuou a olhar o atol, em silêncio, sem se mexer, nem ouvir.

— Não adianta — repetiu o monge.

Mas Thorn não estava disposto a desistir facilmente.

— Padre Spilletto, vim falar-lhe sobre uma criança. Quero saber de onde ela veio.

— Por favor, *signor...* — rogou o monge.

— Confessou para eles! — gritou Thorn. — Agora confesse para mim! Quero saber de onde veio aquela criança!

— Tenho que pedir-lhe que...

— Padre Spilletto, tem que me escutar!

O monge tentou alcançar a cadeira de rodas de Spilletto, para tirá-lo dali, mas Jennings bloqueou-lhe a passagem.

— Padre Spilletto! — berrou Thorn para o rosto mudo e imóvel.  
— Eu lhe imploro! Onde está a mãe? Quem era ela? Por favor! Responda!

E subitamente os sinos da torre da capela começaram a repicar, estrondosamente. O ruído era ensurdecedor. Thorn e Jennings estremeceram, enquanto o som ressoava pelas paredes de pedra do mosteiro. Foi então que Thorn baixou os olhos e viu. A mão de Spilletto estava começando a tremer, a se erguer, lentamente.

— O carvão! — gritou Thorn. — Dê-lhe o carvão!

A mão de Jennings se moveu rapidamente, pegando o pedaço de carvão em cima da mesa e colocando-o na mão trêmula de Spilletto. E enquanto os sinos continuavam a repicar, a mão do padre foi se movendo aos arrancos por cima da mesa de pedra, formando letras toscas, que tremiam a cada impacto do som ensurdecedor.

— É uma palavra! — exclamou Jennings, excitado. — C... E... R...

Todo o corpo de Spilletto tremia, enquanto ele se esforçava em continuar, o sofrimento visível na boca disforme que se entreabria, deixando escapar um gemido angustiado, como o de um animal.

— Continue! — estimulou Thorn.

— ... V... E... T... — leu Jennings.

E de repente os sinos silenciaram. Spilletto deixou cair o pedaço de carvão e a cabeça caiu para trás, contra o encosto da cadeira de rodas. Exausto, os olhos estavam novamente virados para o alto, o rosto coberto de suor.

E enquanto o eco dos sinos ia se desvanecendo, Thorn, Jennings e o monge ficaram olhando em silêncio para a palavra rabiscada em cima da mesa.

— Cervet? — murmurou Thorn.

— Cervet — ecoou Jennings.

— É uma palavra italiana?

Eles se viraram para o monge, que olhava para a palavra, depois para Spilletto. Estavam ambos desconcertados.

— Essa palavra significa alguma coisa? — perguntou Thorn ao monge.

— Cerveteri... — murmurou o monge. — Acho que é isso mesmo, Cerveteri.

— E o que vem a ser isso? — indagou Jennings.

— É um antigo cemitério, do tempo dos etruscos. No lugar fica hoje o Cimitero di Sant'Angelo.

O corpo rígido de Spilletto tremeu novamente e ele gemeu como se estivesse tentando falar. Mas logo em seguida silenciou, relaxando, como se entregasse finalmente às limitações insuperáveis do próprio corpo.

Thorn e Jennings olharam para o monge, que sacudiu a cabeça, aturdido.

— Cerveteri não passa de ruínas atualmente. Era lá que se erguia o Santuário de Techulca.

— Techulca? — indagou Jennings.

— O demônio-deus etrusco. Os etruscos eram adoradores do Diabo. O cemitério era também o local em que faziam seus sacrifícios.

— Por que será que ele escreveu esse nome? — indagou Thorn.

— Não tenho a menor ideia.

— Onde fica esse lugar? — perguntou Jennings.

— Não há nada lá, *signor*, a não ser túmulos... e alguns porcos selvagens.

— Mas onde fica? — insistiu Jennings.

— O motorista do táxi em que vieram deve saber. Talvez uns cinquenta quilômetros ao norte de Roma.

Não foi fácil acordar o motorista do táxi. Depois, Jennings e Thorn tiveram que ficar esperando que ele defecasse, por trás de uma moita ao lado da estrada. Ele estava irritado agora e arrependido de ter aceitado o trabalho, especialmente depois que soube qual era o outro lugar ao qual seus passageiros desejavam ir. Cerveteri era um lugar evitado pelos homens tementes a Deus e só iriam chegar lá depois do anoitecer.

A tempestade que pairava sobre Roma havia aumentado. Uma chuva intensa retardou o avanço deles, ao saírem da rodovia principal e entrarem numa estrada mais antiga, cheia de lama e buracos. O carro derrapou em determinado momento e a roda esquerda traseira atolou. Eles tiveram que saltar e empurrar. Ao voltarem para dentro do carro, estavam encharcados e tremendo de frio. Jennings olhou o relógio e viu que era quase meia-noite. Foi a última coisa em que ele pensou, antes de adormecer. Ao acordar, várias horas depois, percebeu que o táxi não mais estava se movendo e que o silêncio em torno deles era total. Thorn estava dormindo ao lado dele, aconchegado num pequeno cobertor. Tudo o que ele podia ver do motorista eram os sapatos sujos de lama. O homem estava deitado no banco da frente, dormindo também.

Jennings abriu a porta e saiu para a noite fria, cambaleando até uma moita próxima, para urinar. A madrugada já vinha despontando, os primeiros indícios de luz surgiam no céu. Jennings piscou por diversas vezes, tentando divisar a paisagem ao redor. Foi lentamente que compreendeu que tinham chegado a Cerveteri. À sua frente, havia uma cerca de ferro e, um pouco mais além, podiam-se ver inúmeras lápides, as silhuetas meio indistintas, na débil claridade da madrugada.

Jennings voltou para o táxi e olhou para Thorn, consultando depois seu relógio. Faltavam dez minutos para as cinco horas. Ele contornou o carro silenciosamente e foi até a janela do motorista, tirando as chaves da ignição. Depois foi até o porta-malas, abrindo-o cuidadosamente. Houve um rangido no momento em que ele levantou a tampa, mas o barulho não despertou os dois homens que dormiam dentro do carro. Jennings tateou na escuridão, à

procura de sua bolsa de equipamento. Pegou uma câmara e colocou um rolo de filme novo. Depois, testou o *flash*. O clarão ofuscou-o por um momento, fazendo-o cambalear. Esperou até recuperar a visão e pendurou a máquina no ombro. Viu uma alavanca de ferro a um canto do porta-malas, entre estopas sujas de óleo. Pegou-a e meteu-a no cinto. Fechou o porta-malas devagar e depois encaminhou-se para a cerca de ferro enferrujado. O terreno estava úmido e Jennings sentia frio. Estremeceu ao caminhar ao longo da cerca, procurando um lugar por onde pudesse entrar. Mas não encontrou nenhum. Ajeitando o equipamento, escalou a cerca, com a ajuda de uma árvore ao lado. Perdeu o equilíbrio por um instante e rasgou o casaco, ao pular para o outro lado. Começou a avançar pelo interior do cemitério. O céu estava clareando cada vez mais e ele pôde divisar os detalhes dos túmulos e das estátuas em ruínas que o cercavam. Eram elaborados e bastante adornados, embora um tanto desfigurados pelo tempo. Havia diversas gárgulas, criptas, algumas parcialmente roídas, com ratos se movendo por toda parte, indiferentes à presença dele, entrando e saindo das tumbas escuras.

Apesar do frio, Jennings sentiu que estava suando. Olhou ao redor, inquieto, enquanto avançava pelo mato alto. Tinha a sensação de estar sendo observado. Os olhos vidrados das gárgulas pareciam segui-lo por onde passasse. Ele parou, tentando controlar sua apreensão. Levantou os olhos nesse momento e ficou aturdido com o que viu. Era um ídolo de pedra gigantesco, olhando-o lá de cima, com uma expressão de raiva, como que profundamente irritado pela invasão dele. Jennings ficou imóvel, quase sem respirar, olhando para o alto. Os olhos esbugalhados do ídolo pareciam exigir que ele se retirasse. O rosto era humano, a expressão animal. A testa era profundamente vincada e o nariz, imenso. A boca era cheia e estava escancarada, numa expressão de raiva. Jennings se esforçou para controlar o pânico que o invadia, erguendo a câmara e batendo três fotos do ídolo, com a ajuda do *flash*.

Dentro do táxi, os olhos de Thorn foram se abrindo lentamente e ele imediatamente percebeu que Jennings não estava mais ao seu lado. Saiu do carro rapidamente, olhando para o cemitério à sua frente, as estátuas quebradas, iluminadas agora pelos primeiros raios do sol da manhã.

— Jennings...

Não houve resposta. Thorn aproximou-se da cerca e chamou novamente. Ouviu um som distante, de movimento dentro do cemitério, como se alguém estivesse caminhando na direção dele. Segurou as barras de ferro escorregadias e, com alguma dificuldade, escalou a cerca, pulando para o outro lado.

— Jennings...

O som de movimento cessou. Thorn esquadrinhou o labirinto de tumbas quebradas à sua frente. Começou a avançar, lentamente, hesitante, os sapatos rangendo, ao se afundarem na lama. Deparou com as gárgulas e sentiu-se extremamente nervoso. A quietude que ali reinava era semelhante à outra que já experimentara antes, um silêncio expectante, como se a própria atmosfera estivesse prendendo o fôlego. Fora em Pereford que ele tivera tal sensação pela primeira vez, na noite em que vira os olhos que o fitavam da floresta. Ele parou, receando estar sendo novamente observado. Seus olhos correram pela estatuária e foram se fixar numa cruz imensa, enterrada no chão de cabeça para baixo. Ficou rígido. De algum lugar, por trás daquela cruz, era que vinha o som. Era novamente o som de movimento, só que desta vez estava se aproximando rapidamente, vindo em sua direção. Thorn quis correr, mas estava paralisado, os olhos se arregalando, à medida que o som aumentava.

— Thorn!

Era Jennings, ofegante e com uma expressão desvairada, surgindo bruscamente do meio das moitas. Thorn deixou escapar o ar que prendera nos pulmões, o corpo tremendo todo. Jennings avançou rapidamente, com a alavanca de ferro na mão.

— Encontrei! — balbuciou ele. — Encontrei!

— Encontrou o quê?

— Venha comigo!

Eles saíram correndo pelo mato, Jennings desviando-se das tumbas como um soldado num campo de obstáculos, Thorn esforçando-se ao máximo para acompanhá-lo.

— Ali! — exclamou Jennings, ao parar num descampado. — Dê uma olhada! São aqueles!

Diante dele estavam duas tumbas, lado a lado. Ao contrário das outras que havia no cemitério, aquelas eram relativamente recentes. Uma delas era grande e a outra pequena. As lápides não tinham qualquer adorno, tendo gravados apenas os nomes e datas.

— Está vendo as datas? — disse Jennings, excitado.

— Seis de junho! E há quatro anos atrás! Mãe e filho!

Thorn aproximou-se lentamente e parou ao lado dele, olhando para as duas covas.

— São as únicas recentes que existem em todo o cemitério — declarou Jennings. — As outras são tão velhas, que nem se pode ler o que está escrito!

Sem dizer nada, Thorn ajoelhou-se, limpando a lama das lápides, para ler o que estava escrito.

— Maria Avedici Santoya. .. — leu ele. — Bambino Santoya. .. *In morte et in nate amplexarantur generationes.*

— O que significa isso?

— É latim.

— Mas o que significa?

— Na morte... e no nascimento... as gerações se abraçam.

— Eu diria que é uma descoberta e tanto!

Jennings ajoelhou-se ao lado de Thorn, surpreso ao descobrir o companheiro em lágrimas. Thorn abaixou a cabeça e chorou

abertamente. Jennings ficou esperando que as lágrimas cessassem.

— E isso! — gemeu Thorn. — Tenho certeza! Meu filho está enterrado aqui!

— E provavelmente também a mulher que deu à luz o menino que você está criando.

Thorn olhou para Jennings.

— Maria Santoya — disse o fotógrafo, apontando para a lápide. — Aqui estão enterrados uma mãe e um menino.

Thorn sacudiu a cabeça, procurando encontrar algum sentido naquilo tudo.

— Você pediu a Spilletto que lhe dissesse onde estava a mãe, Thorn. E ela está aqui. Provavelmente com o seu filho enterrado ao lado.

— Mas por que aqui? Por que neste lugar?

— Não sei.

— Por que neste lugar terrível?

Jennings ficou olhando para Thorn, confuso também.

— Só há uma maneira de descobrir, Thorn. Já que viemos até aqui, podemos muito bem fazer tudo o que é necessário.

Ele ergueu a alavanca de ferro e mergulhou contra a terra mole. Desceu quase até o fundo, parando com um baque seco.

— Vai ser fácil, Thorn. As tumbas devem estar a uns trinta ou quarenta centímetros.

Começou a cavoucar a terra com a alavanca, afastando-a para o lado com as mãos.

— Vai ou não ajudar, Thorn?

Relutantemente, Thorn começou também a escavar, os dedos entorpecidos pelo frio. Meia hora depois, estavam ambos cobertos de lama e de suor, removendo os últimos torrões de terra das duas

covas. Pararam por um momento, pensando no que teriam de fazer em seguida.

— Está sentindo o cheiro? — perguntou Jennings.

— Estou.

— Deve ter sido um trabalho feito às pressas, sem os cuidados sanitários habituais.

Thorn não respondeu. Podia-se ver uma tremenda angústia estampada em seu rosto.

— Qual vai ser o primeiro, Thorn?

— Temos mesmo que fazer isso?

— Temos.

— Parece-me errado.

— Se você preferir, irei chamar o motorista do táxi para me ajudar.

Thorn cerrou os dentes, depois sacudiu a cabeça.

— Então vamos acabar logo com isso! — disse Jennings. — Abriremos primeiro a sepultura maior.

Jennings enfiou a alavanca por baixo da pesada tampa de cimento e levantou-a, com grande esforço, até haver espaço suficiente para poder enfiar a mão.

— Ajude-me! — gritou para Thorn.

Thorn imediatamente segurou a tampa também, os braços tremendo com o esforço.

— Deve pesar uma tonelada... — gemeu Jennings.

Lentamente, os dois foram levantando a pesada tampa, os olhos esquadrinhando a escuridão da cova.

— Deus do céu! — exclamou Jennings subitamente.

Era a carcaça de uma chacal que estava lá embaixo, coberta de vermes e moscas, esvoaçando sobre o que ainda restava de carne, aderindo aos ossos.

A boca aberta de horror, Thorn recuou bruscamente. A tampa de cimento escapuliu de suas mãos, inclinou-se e caiu lá embaixo, partindo-se em mil pedaços. Uma horda de moscas subiu no mesmo instante. Jennings afastou-se, aterrorizado, escorregando na lama. Segurou o braço de Thorn e tentou afastá-lo dali.

— Não! — gritou Thorn.

— Vamos embora!

— Não! Quero ver o que há na outra tumba!

— Para quê? Já vimos o que precisávamos!

— Não! Quero ver a outra! — gemeu Thorn, desesperado. — Talvez seja um animal também!

— E se for?

— Então meu filho talvez esteja vivo, em algum lugar!

Jennings ficou imóvel, impressionado com a agonia nos olhos de Thorn. Depois, pegou novamente a alavanca e enfiou por baixo da tampa menor. Thorn postou-se ao lado dele e segurou a tampa, no momento em que foi levantada um pouco. Rapidamente, os dois terminaram de erguê-la. E o rosto de Thorn ficou contorcido de dor. Dentro da tumba, estavam os restos mortais de uma criança humana, o crânio esmagado.

— A cabeça... — soluçou Thorn.

— Oh, Deus!

— Eles mataram meu filho!

— Vamos sair daqui, Thorn!

— Eles mataram meu filho! — gritou Thorn novamente.

Largaram a tampa e se fitaram, dominados por um horror indescritível.

— Eles mataram meu filho! — gemeu Thorn. — Eles mataram meu filho!

Jennings começou a arrastar Thorn para longe dali. Mas estacou bruscamente, o corpo convulsionado por um súbito terror.

— Thorn!

Thorn virou-se para acompanhar o olhar de Jennings e viu bem à frente a cabeça de um pastor alemão, capa negra. Os olhos eram quase colados e brilhavam intensamente. A baba escorria da boca entreaberta, enquanto um rugido maléfico saía pela garganta. Thorn e Jennings ficaram imóveis, enquanto o animal avançava lentamente, emergindo do arbusto onde aparecera,, até que todo o seu corpo ficou visível. Era magro e coberto de cicatrizes. No lado, onde havia apenas alguns tufo de cabelos, podia-se ver uma ferida aberta, inflamada. A moita ao lado começou a se agitar e outro cachorro apareceu, este cinzento, o focinho desfigurado, babando também. Logo depois apareceu outro cachorro e mais outro e mais outro, até que o cemitério parecia estar fervilhando de movimento, vultos escuros emergindo de todos os cantos, uma matilha de pelo menos dez cachorros, raivosos e famintos, babando continuamente.

Jennings e Thorn estavam paralisados de medo, receando fazer qualquer movimento, até mesmo o de olharem um para o outro, enquanto a matilha a rosar ia se agrupando diante deles.

— Eles sentiram... o cheiro das carcaças... — sussurrou Jennings. — Vamos... recuar...

Lentamente, mal respirando, os dois homens começaram a recuar. Os cachorros imediatamente se puseram a avançar, as cabeças abaixadas, como se espreitando a presa. Thorn tropeçou e, involuntariamente, um grito escapou de sua garganta. Jennings segurou-o, tentando fazê-lo recuperar a calma.

— Não corra... eles querem apenas... os cadáveres ...

Mas os cães continuaram avançando, mesmo depois que eles passaram pelas duas covas abertas. Os animais não paravam de se movimentar, os olhos fixados nos dois homens. Estavam cada vez mais perto. Jennings procurou a cerca com os olhos, desesperado, descobrindo que ainda estava a quase cem metros de distância.

Thorn tropeçou novamente e segurou-se em Jennings para não cair. Os dois tremiam incontrolavelmente, sempre recuando. Subitamente, as costas deles bateram em algo sólido, e Thorn estremeceu. Estavam na base do grande ídolo de pedra, encurralados ali, enquanto os animais lentamente os cercavam, bloqueando qualquer possibilidade de fuga. Por um terrível momento, ficaram todos paralisados, e os caçadores, as bocas arreganhadas, com a baba escorrendo, cercavam os dois homens, ameaçadoramente. O sol já tinha agora se levantado e projetava um clarão avermelhado sobre os cem metros que os separavam da cerca. Thorn tropeçou mais uma vez, agarrando-se na base do ídolo, para não cair. Cães e homens ficaram imóveis, como que aguardando apenas um sinal para entrar em ação. Os segundos se arrastaram, os homens rígidos, os animais encolhidos, prontos para darem o bote.

Soltando um grito estridente, Jennings arremessou a alavanca contra o cachorro mais próximo. E toda a matilha explodiu em movimento. Os cães saltaram no ar, arremessando-se contra os homens, no momento em que eles se viraram para fugir. Jennings foi imediatamente derrubado, e os cães investiram contra seu pescoço. Ele rolou pelo chão enquanto os animais o atacavam. A tira de couro da câmara enrolou-se em seu pescoço, apertando com força, arrancando-lhe a pele. Os cães pulavam ao seu redor, tentando morder-lhe o pescoço. Agitando os braços freneticamente, para se defender, Jennings sentiu a câmara por baixo de seu queixo. A lente foi destruída pelas mandíbulas de um dos cães, tentando arrancá-la, para poder alcançar o pescoço.

Os cães deixaram Thorn correr mais um pouco. Mas no momento em que ele se aproximava da cerca, um animal imenso saltou-lhe em cima, cravando os dentes em suas costas. Thorn procurou continuar a fuga, mas o animal não o largou, tinha os dentes cravados em sua carne e as patas dianteiras suspensas no ar. Thorn caiu de joelhos, lutando para se levantar novamente e continuar em frente. Mas outros cães caíram em cima dele, bloqueando-lhe a visão. Dentes brilhavam, a baba quente caía em

cima dele. Thorn se pôs a gritar, lutando desesperadamente, procurando livrar-se dos cães, para chegar à cerca. Mas não ia conseguir. Ele rolou pelo chão, o corpo todo encolhido, sentindo dores intensas, enquanto os dentes continuavam a se afundar em suas costas. Por um breve instante, viu Jennings, rolando pelo chão, cercado por cães, que investiam contra o pescoço. Thorn não mais estava sentindo qualquer dor, apenas a necessidade desesperada de escapar. Ficou de quatro, os cães pendurados em suas costas, recomeçando a avançar na direção da cerca. Sua mão encostou em algo frio. Era a alavanca de ferro que Jennings arremessara contra um dos cães. Agarrou-a e desferiu um golpe violento para trás, procurando atingir os animais que lhe dilaceravam as costas. Pelo uivo de agonia, ele soube que havia acertado em cheio. Um jato de sangue se derramou sobre sua cabeça, enquanto um cão caía à sua frente, o globo ocular pendendo para fora da órbita, preso apenas por alguns tendões ensanguentados. Isso serviu para renovar a coragem de Thorn. Ele tornou a desferir outro golpe violento para trás. Depois, agarrou a alavanca com as mãos e começou a sacudi-la de um lado para outro, procurando ficar outra vez de pé.

Jennings foi rolando pelo chão até chegar junto de uma árvore, lutando para se levantar, enquanto os cães continuavam a atacá-lo, ainda investindo contra a câmara e as tiras de couro que protegiam o pescoço dele. E subitamente, por acaso, em meio à luta, o *flash* disparou. Os animais se encolheram e recuaram, diante do clarão ofuscante.

Thorn estava agora de pé, sacudindo freneticamente a alavanca, acertando em cabeças e focinhos, enquanto cambaleava na direção da cerca de ferro. Jennings tinha começado a se afastar da árvore, segurando o *flash* à sua frente, disparando-o cada vez que os cães avançavam, fazendo-os recuar. E assim conseguiu chegar também à cerca.

Ele se aproximou rapidamente de Thorn, mantendo os cães a distância, enquanto o companheiro escalava a cerca de ferro. As roupas rasgadas, o rosto ensanguentado, Thorn subiu com dificuldade. De repente, perdeu o equilíbrio e caiu em cima de uma

das pontas de ferro enferrujadas, ferindo-se na axila. Gritando de dor, suspendeu-se lentamente e jogou-se para o outro lado da cerca, caindo pesadamente na terra. Jennings seguiu-o, disparando o *flash*. Ao pular para o outro lado, arremessou a máquina contra os cães. Thorn estava cambaleando quando Jennings o amparou, levando-o até o táxi. O motorista olhou-os, ainda tonto de sono, depois deixou escapar um gemido de horror. Estendeu a mão para a ignição, mas descobriu que as chaves tinham desaparecido. Saltou do carro e correu para ajudar Jennings a carregar Thorn para dentro do carro. Ao correr para o porta-malas a fim de pegar as chaves do carro, Jennings olhou para os cães, dominados por um frenesi pavoroso. Eles se arremessavam contra a grade, uivando de ódio. Um deles tentou pular por cima e quase conseguiu, mas terminou preso pelo pescoço e o sangue esguichando, como uma fonte. Os outros cães atacaram-no, devorando-o vivo, enquanto suas pernas debatiam-se freneticamente e da garganta saía um uivo de raiva.

O táxi afastou-se a toda velocidade, com uma das portas de trás abertas. O motorista estava aturdido, chocado. Olhou pelo espelho retrovisor para os dois homens que estavam no banco de trás. Não mais pareciam homens, mas massas informes, de roupas esfarrapadas, ensanguentadas. E os dois estavam encolhidos, chorando como crianças.

## *Capítulo onze*

O motorista do táxi levou-os para um hospital de pronto-socorro, tirou a bagagem deles de seu carro e depois partiu rapidamente. Thorn estava tão aturdido, que Jennings respondeu a todas as perguntas, apresentando identidades falsas e contando uma história que aparentemente satisfez a direção do hospital. Disse que ambos estavam embriagados e haviam entrado numa propriedade particular, apesar das placas de aviso de que era guardada por cães, durante a noite. A propriedade ficava nos arredores de Roma, mas ele não se recordava exatamente onde. Sabia apenas que tinha uma cerca alta, os ferros terminando em pontas. Seu amigo se ferira num deles, ao fugirem. Ambos receberam diversos pontos nos ferimentos. Aplicaram-lhes também injeções antitetânicas e disseram que voltassem dentro de uma semana, para fazerem exames de sangue, a fim de se verificar se as injeções tinham dado resultado. Eles trocaram de roupa e foram embora, chegando a um pequeno hotel, onde se hospedaram, com nomes falsos. O porteiro, desconfiado, insistiu para que pagassem adiantado, dando-lhes a chave de um único quarto.

E agora, Thorn estava ao telefone, tentando desesperadamente falar com Katherine, enquanto Jennings andava de um lado para outro do quarto.

— Eles podiam ter matado você e não o fizeram — disse Jennings, apavorado. — Era atrás de mim que eles estavam! E investindo contra o meu pescoço!

Thorn levantou o braço, pedindo a Jennings que fizesse silêncio. Havia uma mancha escura de sangue em sua camisa.

— Ouviu o que eu disse, Thorn! Eles estavam investindo contra o meu pescoço!

— É do hospital? — perguntou Thorn, ao telefone. — Exatamente. Ela está no quarto 4A.

— Deus do céu! Se eu não estivesse com a máquina...

— Quer fazer o favor de completar a ligação? É uma emergência.

— Temos que fazer alguma coisa, Thorn! Está me ouvindo?

Thorn virou-se para Jennings, vendo as marcas das tiras de couro no pescoço dele.

— Descubra onde fica a cidade de Meggido — disse ele, baixinho.

— Como vou descobrir... ?

— Não tenho a menor ideia. Vá a uma biblioteca.

— Uma biblioteca! Oh, Cristo!

— Alô? Katherine?

No hospital, Katherine sentou-se na cama, preocupada com o tom de premência na voz do marido. Ela segurou o fone com a mão. A outra estava praticamente imobilizada pelo gesso.

— Você está bem? — perguntou Thorn, com desespero patente em sua voz.

— Estou, sim. E você?

— Também estou. Queria apenas ter certeza...

— Onde você está?

— Em Roma. Num hotel chamado Imperatore.

— O que está acontecendo de errado?

— Nada.

— Você está doente?

— Não. Estava preocupado e...

— Volte logo, Jerry.

— Não posso voltar agora.

— Estou com medo, Jerry.

— Não há nada para ter medo.

No quarto do hotel, Thorn olhou para Jennings, que estava mudando a camisa, preparando-se para sair.

— Jerry? Escute. Estive pensando e acho melhor eu voltar logo para casa.

— Fique onde está, Kathy.

— Estou preocupada com Damien.

— Não vá para casa em hipótese alguma!

— Mas é preciso...

— Faça o que estou dizendo, Kathy! Não saia desse hospital!

Katherine parou de falar, alarmada com o tom de voz do marido. Levou algum tempo para conseguir balbuciar:

— Se está preocupado com a possibilidade de eu fazer alguma coisa, não precisa ficar. Estive conversando com o Dr. Greer e agora estou vendo as coisas com muito mais clareza. Não é Damien quem está causando toda essa confusão mas eu mesma.

— Katherine...

— Fique escutando, Jerry. Estou tomando uma droga chamada Lithium. É para me arrancar da depressão. E funciona, Jerry. Quero ir para casa. E quero que você volte logo.

Ela fez uma pausa. Ao voltar a falar, a voz estava enrolada:

— E quero que tudo volte a ser como antes.

— Quem lhe deu a droga? — indagou Thorn.

— Foi o Dr. Greer.

— Fique no hospital, Katherine. Não saia daí, enquanto eu não for buscá-la.

— Mas quero ir para casa, Jerry.

— Pelo amor de Deus...

— Eu estou bem!

— Não, não está!

— Não se preocupe comigo, Jerry.

— Katherine!

— Eu vou para casa de qualquer maneira, Jerry.

— Não vá! Eu voltarei imediatamente.

— Quando?

— Pela manhã.

— E se houver alguma coisa errada lá em casa? Tenho telefonado e...

— Há algo realmente errado em nossa casa, Katherine.

Ela sentiu um calafrio de pavor.

— E o que está errado, Jerry?

— Não posso dizer pelo telefone.

— Mas o que está acontecendo? O que está errado em nossa casa?

— Fique esperando por mim aí. Não saia desse hospital, em hipótese alguma. Estarei aí pela manhã e explicarei tudo.

— Por favor, Jerry, não faça isso comigo...

— O problema não é seu, Katherine. Não há nada de errado com você.

— O que está querendo dizer?

No quarto do hotel Jennings olhou para Thorn, sacudindo a cabeça, gravemente.

— Jerry?

— Ele não é nosso filho, Katherine. Damien é filho de outros.

— Mas como?

— Não vá para casa, Katherine. Em hipótese alguma. Fique esperando por mim aí mesmo.

Ele desligou. Katherine continuou sentada na cama do hospital, aturdida, imóvel, até que o fone começou a zumbir em seu ouvido. Lentamente, repôs o fone no gancho, olhando para as sombras que bailavam nas paredes, projetadas por uma árvore bem em frente à janela de seu quarto, no sexto andar, agitada gentilmente pela brisa que soprava. Ela estava assustada, é verdade, mas o pânico havia desaparecido. A droga estava surtindo efeito. Podia pensar com lucidez. Tornando a levantar o fone, ligou para casa. Ninguém atendeu. Ela virou-se então para o aparelho de intercomunicação que ficava por cima da cabeceira, apertando o botão.

— Pois não, senhora?

— Tenho que sair do hospital. Há alguém com quem eu deva falar?

— Tem que receber alta de seu médico para poder sair.

— Pode encontrá-lo para mim, por favor?

— Tentarei.

A mulher desligou e Katherine continuou sentada, em silêncio, esperando. Uma enfermeira levou-lhe a comida, mas ela não tinha o menor apetite. Havia um pratinho de geleia na bandeja. De repente, descobriu que estava tocando na geleia. Era um contato frio e calmante e ela amassou a geleia entre os dedos.

A centenas de quilômetros de distância, no cemitério de Cerveteri, tudo estava silencioso, o céu nublado, a quietude interrompida apenas pelo som quase inaudível de escavar. Nas duas tumbas profanadas, dois cães escavavam a terra, as patas se movendo mecanicamente a reencher as criptas. A terra caía suavemente sobre os esqueletos da chagal e da criança. Mais além, estava o corpo estripado de outro cão, pendurado numa cerca de ferro, tendo ao lado um cão solitário, com a cabeça levantada, a emitir um uivo baixo e lamentoso. O uivo se espalhou pelo cemitério, aumentando lentamente de intensidade. Outros cães se

puseram a uivar também e logo o ar estava repleto com o coro dissonante da morte.

No hospital, Katherine tornou a apertar o botão do aparelho de intercomunicação. Sua voz estava agora um tanto áspera, de impaciência.

— Alô?

— Pois não?

— Eu pedi que localizasse meu médico.

— Lamento, mas ainda não consegui. Ele deve estar na sala de operações.

Katherine ficou irritada.

— Pode mandar alguém vir me ajudar, por favor?

— Tentarei arrumar alguém o mais depressa possível.

— Não demore, por favor.

— Farei todo o possível.

Katherine esforçou-se por sair da cama, cambaleando até o armário, onde encontrou suas roupas. O vestido era sem botões, fácil de pôr. Mas a camisola tinha botões até o pescoço. Katherine viu-se no espelho, procurando imaginar como poderia tirá-la, com o gesso a estorvá-la. Era uma camisola púrpura, que parecia ridícula numa mulher com o braço engessado. Katherine tentou desabotoá-la e sua frustração aumentava por não consegui-lo. Mas depois de muito esforço, os botões de cima subitamente saltaram do lugar. Katherine tentou levantar a camisola por cima da cabeça, mas viu-se presa num emaranhado de nevoeiro púrpura.

No cemitério, os uivos de raiva eram cada vez mais intensos. No hospital, Katherine tentava desesperadamente arrancar a camisola, embaraçando-a cada vez mais, apertada em torno da cabeça e do pescoço. Sentiu um instante de pânico e começou a ofegar. Foi nesse momento que a porta do quarto se abriu. Ela relaxou, sabendo que a ajuda finalmente chegara.

O Cimitero di Sant'Angelo ressoava com os uivos, cuja intensidade continuava a aumentar.

— Quem está aí? — indagou Katherine, tentando divisar a pessoa que entrara no quarto.

Mas não houve resposta. Ela virou-se rapidamente, esquadrinhando o quarto, através do tecido fino da camisola.

— Há alguém aqui?

E, de repente, ela teve um sobressalto e ficou paralisada.

Era Mrs. Baylock, com o rosto branco de pó-de-arroz, a boca contraída num sorriso, os lábios com um excesso de batom. Sem conseguir falar, Katherine ficou observando a mulher passar por ela e ir abrir a janela, olhando para a rua lá embaixo.

— Pode ajudar-me, por favor? — suplicou Katherine.

— Não consigo tirar a camisola.

Mrs. Baylock limitou-se a sorrir. Katherine estava se sentindo mal, com a visão do rosto dela. Só depois de algum tempo é que Mrs. Baylock finalmente falou:

— É um lindo dia, Katherine... um lindo dia para voar.

E ela se adiantou rapidamente, segurando a camisola.

— Por favor... — suplicou Katherine.

Os olhos das duas se encontraram por um momento.

— Você está tão bonita, Katherine... Dê-me um beijo.

Ela se inclinou para a frente e Katherine recuou bruscamente. A mulher empurrou-a violentamente na direção da janela.

Na entrada de emergência do hospital, uma ambulância freou bruscamente, a sirena gemendo, a luz vermelha da capota girando. Lá no alto, numa janela do sexto andar, o vulto de uma mulher, envolta numa camisola púrpura, iniciou o vôo da morte. O corpo girou no ar, durante a longa descida, o peso do gesso invertendo a posição da queda. Ninguém viu nada, até o momento em que o corpo bateu no teto da ambulância, ricocheteando para o lado, num

derradeiro vôo, antes de finalmente repousar, morto, na rampa da entrada de emergência.

Havia silêncio agora em Cerveteri. As tumbas profanadas estavam cobertas e os cães desapareceram silenciosamente por entre as moitas.

Thorn tinha adormecido, num sono irrequieto de exaustão. Foi despertado pela campainha do telefone. Já estava escuro agora e Jennings tinha saído.

— Alô? — murmurou Thorn ao telefone, a voz pastosa, mal acordado.

Era o Dr. Becker. O seu tom de voz prenunciava notícias terríveis.

— Fico satisfeito em poder encontrá-lo, Mr. Thorn. O nome do hotel estava escrito na mesinha de cabeceira de Katherine, mas tive dificuldades em localizar...

— O que aconteceu, doutor?

— Lamento ter que dizer uma coisa dessas pelo te- fone...

— O que aconteceu?

— Katherine pulou da janela de seu quarto, aqui no hospital.

— Mas... como...

— Ela morreu, Mr. Thorn. Fizemos todo o possível.

Thorn sentiu um nó se formar em sua garganta. Não conseguia falar.

— Não sabemos exatamente como aconteceu, Mr. Thorn. Ela tinha pedido para deixar o hospital. Poucos minutos depois, fomos encontrá-la na rampa da entrada de emergência. Tinha caído do sexto andar.

— E... e...

— Ela teve morte instantânea. O crânio ficou esmagado com o impacto.

Thorn começou a gemer, apertando o fone contra o peito.

— Mr. Thorn?

Mas o médico recebeu como resposta apenas o ruído de desligar. Na escuridão do quarto do hotel, Thorn chorou, seus soluços ecoando pelo corredor lá fora. Um porteiro noturno foi correndo até o quarto e bateu na porta. Mas agora reinava silêncio lá dentro e assim permaneceu por muitas horas.

Jennings voltou à meia-noite, os ombros magros encurvados pelo cansaço. Encontrou Thorn estendido na cama.

— Thorn?

— O que é?

— Fui até a biblioteca, depois ao Automóvel Clube e finalmente liguei para a Real Sociedade Geográfica.

Thorn não disse nada. Jennings foi sentar-se no outro lado da cama. Reparou que a mancha de sangue na camisa de Thorn havia aumentado. A região por baixo da axila estava escura e úmida.

— E descobri alguma coisa sobre a cidade de Meggido.

O nome é tirado da palavra "Armagedon". O fim do mundo.

— E onde fica? — indagou Thorn, o rosto impassível.

— Infelizmente, a cerca de quinze metros abaixo da superfície. Perto de Jerusalém. Estão sendo realizadas escavações lá neste momento, pela equipe de uma universidade americana.

Thorn não respondeu. Jennings foi para a sua própria cama e estendeu-se, exausto.

— Quero ir até lá... — sussurrou Thorn.

Jennings assentiu, deixando escapar um longo suspiro.

— Se ao menos conseguisse recordar o nome do velho...

— Bugenhagen.

Jennings fitou-o, ainda sem conseguir divisar os olhos do companheiro.

— Bugenhagen?

— Isso mesmo. E também me lembrei de todo o poema.

O rosto de Jennings estava visivelmente confuso.

— O nome do homem que você deveria procurar é Bugenhagen?

— Exatamente.

— Bugenhagen foi um exorcista do século XVII. Estava mencionado num daqueles livros que trouxemos.

— Foi esse o nome que Tassone me deu — confirmou Thorn, o rosto ainda impassível. — Lembrei-me de tudo o que ele disse.

— Aleluia!

— “Quando os judeus voltarem a Sião... e um cometa . aparecer no céu... e o Santo Império Romano se levantar... então todos nós iremos morrer.”

Jennings ficou escutando, atentamente, na escuridão. Finalmente, alertado pelo tom impassível de Thorn, compreendeu que alguma coisa acontecera.

— “Do mar eterno ele vai se levantar... com exércitos em cada praia... virando cada homem contra seu irmão ... até que o homem não mais exista...”

Thorn calou-se. Jennings ficou esperando até que o barulho da sirena de um carro da polícia se desvanecesse na distância.

— Aconteceu alguma coisa, Thorn?

— Katherine morreu — respondeu Thorn, sem demonstrar qualquer emoção. — E eu quero que a criança morra também.

Eles ficaram escutando os ruídos da rua lá fora. E ainda estavam acordados de madrugada, quando a rua finalmente ficou silenciosa. Às oito horas da manhã, Jennings ligou para o escritório da El-Al, reservando duas passagens no vôo de meio-dia para Israel.

Em todas as suas viagens, Thorn nunca estivera em Israel. Todos os seus conhecimentos da terra provinham das notícias de guerra que lera nos jornais e da recente pesquisa da Bíblia. Ficou impressionado com o progresso do país, concebido no tempo dos faraós, mas nascido na era do asfalto e do concreto. A cidade parecia uma massa de gesso plantada no meio de um deserto árido. O mesmo céu que contemplara o êxodo, no dorso de camelos, estava agora pontilhado de prédios altos. Por toda parte, ouvia-se o ruído de construções. Guindastes gigantescos, mais parecendo elefantes mecânicos, erguiam as suas cargas de material de construção, sempre para cima, cada vez mais para cima. A cidade parecia determinada a se espalhar por todas as direções possíveis. Britadeiras arrebentavam as calçadas e ruas, já obsoletas depois de uns poucos anos. Havia cartazes por toda parte, oferecendo excursões pela Terra Santa. A polícia também parecia onipresente, revistando as bagagens de todos os viajantes, à procura de sabotadores em potencial.

Thorn e Jennings ficaram algum tempo detidos no aeroporto, pois os ferimentos em seus rostos haviam levantado suspeitas. Thorn usou o seu passaporte civil, passando como um simples funcionário do governo americano. No vôo anterior, para Roma, onde as medidas de segurança não eram tão rigorosas, o jato particular resolvera o problema deles.

Ali, porém, a chave para o anonimato era viajar e parecer como todas as demais pessoas.

Foram de táxi para um hotel da cadeia Hilton. Compraram roupas mais leves numa loja que havia no próprio hotel. Fazia muito calor na cidade, os raios de sol se refletindo no concreto. A transpiração de Thorn encharcou as ataduras, renovando a dor de seu ferimento na axila. A pele em torno do ferimento estava muito branca e a hemorragia continuava. Jennings observou o seu estado enquanto mudava de roupa e sugeriu que fosse procurar um médico. Thorn se recusou. Tudo o que ele queria era encontrar o homem chamado Bugenhagen.

Já estava escuro quando eles terminaram de se aprontar. Ficaram passeando pelas ruas da cidade, passando o tempo, até chegar o momento em que a busca pudesse começar. Thorn sentia-se fraco e suava profusamente. Pararam num café ao ar livre. Thorn pediu chá, na esperança de assim recuperar um pouco de suas forças. Os dois quase não tinham mais o que se falar. Jennings estava nervoso, inquieto com o silêncio sombrio do companheiro. Contemplando distraidamente o movimento na rua, ele avistou duas mulheres que estavam paradas ali perto, observando-os.

— Sabe o que estamos precisando, Thorn? Encontrar um meio de afastar nossos pensamentos de todos os acontecimentos recentes.

Thorn seguiu o olhar de Jennings, avistando as duas mulheres, que estavam agora se aproximando da mesa.

— Eu fico com a que tem verrugas — disse Jennings.

Thorn lançou um olhar de repugnância para Jennings.

O fotógrafo levantou-se e, polidamente, convidou as mulheres a se sentarem.

— Falam inglês? — perguntou Jennings, assim que elas se acomodaram.

Elas se limitaram a sorrir, uma indicação de que não falavam.

— Melhor assim — comentou Jennings para Thorn. — Poderemos ir direto ao ponto.

A expressão de Thorn era de repulsa.

— Ficarei esperando por você no hotel, Jennings.

— Por que não espera para ver o que o cardápio tem a nos oferecer?

— Não estou com fome.

— Pode ser algo muito saboroso — disse Jennings, sorrindo.

Thorn compreendeu a que ele estava se referindo, levantou-se rapidamente e afastou-se.

— Não se preocupem com ele — disse Jennings para as mulheres. — É um antissemita.

Chegando à rua, Thorn olhou para trás. Jennings já estava pousando as mãos nas mulheres. Ele virou-se e saiu andando pela noite.

Vagueou a esmo pela cidade, sentindo-se dilacerado pelo sofrimento. A dor latejava intensamente debaixo do seu braço. Os ruídos noturnos eram-lhe estranhos. Sentiu que, se a morte o levasse subitamente, não seria mal recebida. Passou por uma boate e o porteiro segurou-lhe o braço, tentando persuadi-lo a entrar. Mas Thorn continuou em frente, sem nada ouvir, sem nada sentir, vendo as luzes das ruas através dos olhos embaçados. A distância, viu diversas pessoas saindo de uma sinagoga. Ao se aproximar, verificou que as portas da sinagoga estavam abertas e entrou também. A estrela de Davi pairava num altar, iluminada. Por baixo, protegidos por vidros, estavam pergaminhos bíblicos. Thorn aproximou-se, até ficar diante dos pergaminhos, isolado, no silêncio profundo.

— Posso ajudá-lo? — indagou alguém, imerso nas sombras.

Thorn virou-se e deparou com um rabino idoso, emergindo das sombras. Estava vestido de preto e caminhava meio encurvado, com o pequeno chapéu grudado em sua cabeça, desafiando a lei da gravidade.

— É a mais velha Tora de Israel — disse o rabino, apontando para os pergaminhos. — Foi desenterrada das praias do mar Vermelho.

Thorn olhou para o homem. Os olhos dele estavam enevoados por cataratas, mas podia-se divisar uma expressão de orgulho.

— O solo de Israel está repleto de história — murmurou o rabino. — É uma pena que tenhamos de caminhar sobre ele.

Ele virou-se para Thorn e sorriu.

— Está aqui de visita?

— Estou.

— E o que o trouxe até aqui?

— Vim procurar uma pessoa.

— Foi por esse motivo que eu também vim para cá. Estava procurando por minha irmã. Mas não a encontrei.

O homem sorriu e acrescentou:

— Talvez estejamos caminhando também sobre ela.

Houve um momento de silêncio. Depois, o rabino estendeu a mão e acendeu uma luz.

— Já ouviu falar num homem chamado Bugenhagen?

— indagou Thorn abruptamente.

— Ele é polonês?

— Não sei.

— Vive em Israel?

— Creio que sim.

— E o que ele faz?

Thorn sentiu-se meio absurdo e sacudiu a cabeça.

— Não sei.

— O nome é familiar...

Os dois ficaram em silêncio por um momento. O rabino estava com uma expressão concentrada, como que à beira de recordar-se.

— Sabe o que é um exorcista? — perguntou Thorn.

— Um exorcista? — repetiu o velho, sorrindo. — Um exorcista do Demônio?

— Isso mesmo.

O rabino riu, sacudindo a mão para Thorn.

— Por que está rindo?

— Não existe tal coisa.

— Não?

— Não, o Demônio não existe.

Ele afastou-se pela escuridão, rindo, como se tivesse acabado de ouvir uma piada. Thorn tornou a olhar para os pergaminhos e depois saiu da sinagoga.

Jennings voltou ao hotel no início da manhã seguinte e poupou a Thorn qualquer comentário sobre as suas façanhas da noite anterior. O único gesto de confirmação ocorreu no momento em que ele urinou com a porta do banheiro aberta. Urinou nas mãos, esfregando depois a urina nos órgãos genitais. Surpreendendo a expressão de Thorn, a observar o ritual estranho e repulsivo, Jennings explicou:

— Ensinaram-me na **RAF**. É tão bom quanto penicilina.

Thorn fechou a porta e ficou esperando, impacientemente, que Jennings se vestisse. Sentia-se repugnado por estar na companhia de um homem assim. Mas sentia mais medo ainda de ficar sozinho.

— Vamos indo — disse Jennings, pegando a sua sacola com o equipamento fotográfico, assim que acabou de se vestir. — Comprei passagens para visitarmos as escavações, ao vir para cá.

Viajaram num miniônibus, com dez outros passageiros, atravessando a Cidade Velha de Jerusalém. Pararam no Muro das Lamentações, onde os turistas saltaram e, sofregamente, tiraram inúmeras fotos. O mercantilismo era grotesco até ali. Vendedores se deslocavam por entre a multidão de judeus a se lamentarem, apregoando seus produtos aos brados, de cachorros-quentes a réplicas em plástico do Cristo na cruz. Jennings comprou dois crucifixos, pendurando um no pescoço e oferecendo o outro a Thorn.

— Pendure também no pescoço, Thorn. Acho que vai precisar.

Mas Thorn recusou, irritado com o comportamento de Jennings, que dava a impressão de estar fazendo um alegre passeio.

A viagem pelo deserto não foi tão divertida. O guia discorreu sobre os recentes combates entre judeus e árabes, apontando para as colinas de Golan, onde se tinham travado algumas das batalhas mais encarniçadas. Passaram pela aldeia de Daa-Lot, onde um grupo de escolares judeus tinha sido massacrado por terroristas árabes. O guia falou então de outro grupo de terroristas. Tinham sido capturados e mortos, os corpos pisoteados até se transformarem em massas informes e sangrentas, por outras crianças judias, como vingança.

— Agora já sabemos por que tantas lamentações — comentou Jennings.

Thorn recusou-se a responder e eles fizeram o resto do percurso em silêncio.

Quando finalmente chegaram ao local das escavações arqueológicas, os turistas estavam cansados, sentindo muito calor, queixando-se, enquanto o guia apontava para a área cercada por cordas, procurando explicar o trabalho que estava sendo efetuado ali. Por baixo deles, estavam as fontes do Rei Salomão, um intrincado sistema de valas e canais, que provavelmente tinha se estendido até Jerusalém, a quase cem quilômetros de distância. Em algum lugar por ali ficavam as ruínas de uma antiga cidade, que alguns acreditavam ser o próprio berço da Bíblia. Já se haviam recuperado alguns pergaminhos, cuidadosamente preservados dentro de vasos, relatando histórias muito parecidas com as que constavam do Antigo Testamento. As escavações constituíam um projeto ambicioso, pois ninguém sabia exatamente onde a cidade ficava. Não se usavam escavadeiras mecânicas. O trabalho era desenvolvido pouco a pouco, apenas com pás e picaretas.

Enquanto o guia falava, Jennings e Thorn foram procurar alguns estudantes de arqueologia que participavam das escavações. Mas não conseguiram obter muitas informações. Eles não conheciam o nome Bugenhagen e tudo o que sabiam sobre a cidade de Meggido era que há muitos séculos atrás ocorrera um violento terremoto, fazendo-a afundar. Talvez tivesse havido uma inundação, pois eles

tinham encontrado conchas por ali, longe de qualquer massa de água conhecida.

Thorn e Jennings voltaram para o hotel. Mais tarde, saíram a percorrer os mercados, perguntando a todos se conheciam um homem chamado Bugenhagen. Ninguém conhecia, mas eles insistiram. Thorn estava começando a ficar desesperado e suas forças iam se desvanecendo. Jennings é que se encarregou da maior parte do trabalho, visitando lojas e fábricas, verificando em catálogos, chegando mesmo a procurar a polícia.

— Talvez ele tenha mudado de nome — sugeriu Jennings, suspirando, ao se sentarem num banco de praça, na manhã do segundo dia. — Talvez se chame agora Jorge Bugen. Ou Jim Hagen. Ou Izzy Hagenberg.

No dia seguinte, eles se mudaram para um pequeno hotel de Jerusalém, recomeçando a percorrer os mercados e outros lugares públicos, procurando alguém que já tivesse ouvido falar naquele nome estrangeiro. Mas nada conseguiram descobrir. E ficaram com a impressão de que poderiam continuar a procurar eternamente que nunca descobririam.

— Acho melhor desistirmos — comentou Jennings, contemplando a cidade, da varanda do quarto do hotel.

Estava bastante quente e Thorn estava estendido na cama, o corpo encharcado de suor.

— Se existe um Bugenhagen por aqui, não temos a menor possibilidade de encontrá-lo. E por tudo o que sabemos, ele nem mesmo deve existir.

Jennings voltou para dentro do quarto e pegou um cigarro.

— Afinal, não podemos esquecer que aquele padre passava a metade do tempo sob os efeitos de morfina. E estamos aceitando as palavras dele como uma verdade absoluta. Ainda bem que não o mandou procurar o tal homem na Lua.

Ele sentou-se na cama, olhando para Thorn.

— Não sei, não, Thorn. Antes, tudo fazia sentido. Mas agora, parece um incrível absurdo.

Thorn sacudiu a cabeça, sentando-se na cama, com um esforço visível. Estava sem qualquer atadura e Jennings estremeceu ao ver o ferimento.

— Seu ferimento está com um aspecto horrível, Thorn.

— Não tenho nada.

— Parece infeccionado.

— Não tenho nada, Jennings.

— Por que não me deixa ir procurar um médico?

— Concentre-se apenas em procurar o velho. Ele é a única pessoa que desejo encontrar.

Jennings já ia responder, mas foi interrompido por uma batida na porta. Foi abrir, deparando com um mendigo. Era um árabe, baixo, muito velho, nu da cintura para cima. O sorriso ansioso deixava à mostra um dente de ouro, enquanto ele sacudia a cabeça vigorosamente, numa cortesia exagerada.

— O que deseja? — perguntou Jennings.

— Estão procurando pelo velho?

Jennings e Thorn se entreolharam rapidamente.

— Que velho? — indagou Jennings, cautelosamente.

— Disseram no mercado que estão procurando pelo velho.

— Estamos realmente à procura de alguém — admitiu Jennings.

— Levo vocês até lá.

Thorn levantou-se, com alguma dificuldade, olhando para Jennings.

— Depressa, depressa — insistiu o árabe. — Ele disse para vocês irem imediatamente.

Eles seguiram a pé, percorrendo ruas secundárias de Jerusalém, apressadamente, em silêncio, o pequeno árabe mostrando o

caminho. Era surpreendentemente ágil, com a idade que aparentava. Thorn e Jennings tinham que se esforçar ao máximo para acompanhá-lo. Quase o perderam de vista ao atravessarem a multidão que se comprimia num mercado. Emergiram do outro lado, no alto de uma muralha. O árabe estava achando graça da fadiga deles. Mantinha sempre uma dianteira de trinta metros, esgueirando-se por entre vielas estreitas e arcadas, sempre sorrindo. Ele parou de repente e Jennings e Thorn alcançaram-no, ofegantes. Aparentemente, tinham chegado ao final da jornada. Mas estavam diante de um muro de tijolos. Thorn e Jennings recearam ter sido atraídos a uma armadilha.

— Lá embaixo — disse o árabe, levantando a grade de um bueiro e fazendo sinal para que eles entrassem.

— Mas que negócio é esse? — protestou Jennings.

— Depressa, depressa — insistiu o árabe, sempre sorrindo.

Thorn e Jennings trocaram um olhar apreensivo e depois entraram no bueiro. O árabe seguiu-os, fechando a grade. Era um bueiro grande e estava imerso na escuridão. O árabe acendeu uma tocha, que estava pendurada na parede, passando à frente deles. À luz difusa, puderam divisar uma escada tosca, feita de pedras. Começaram a descer. A água das chuvas criara uma camada de limo ali embaixo, cheirando mal e tornando o caminho escorregadio e perigoso. Eles escorregaram diversas vezes, durante a descida. Mas, assim que chegaram a um caminho plano, o árabe surpreendeu-os, começando a correr. Os dois saíram correndo também, mas não conseguiam manter o equilíbrio direito no chão escorregadio. O árabe foi ficando cada vez mais longe, a tocha apenas um ponto de luz a distância. Estavam agora na escuridão. O túnel era estreito e baixo, quase não havia espaço para passarem. Parecia um imenso canal de escoamento das águas ou um fosso de irrigação. Jennings compreendeu que deviam estar viajando pelo sistema de irrigação antigo que lhes fora descrito no local das escavações arqueológicas, no deserto. Eles continuaram em frente, às cegas, na mais completa escuridão, os passos ecoando à frente e

atrás. A tocha tinha desaparecido inteiramente. Diminuíram as passadas, compreendendo que estavam sozinhos ali, inteiramente desorientados. Não podiam ver um ao outro, mas sentiam a proximidade mútua, pelo ruído das respirações ofegantes.

— Jennings.. .

— Estou aqui.

— Não consigo ver nada.

— Aquele miserável...

— Espere por mim.

— Não tenho alternativa, Thorn. Temos diante de nós uma parede sólida.

Thorn adiantou-se e tocou Jennings, sentindo em seguida a parede na frente deles. Era um beco sem saída. O árabe havia desaparecido.

— De uma coisa tenho certeza, Thorn. Ele não passou por nós, voltando.

Jennings acendeu um fósforo, iluminando uma pequena área ao redor deles. Era como uma tumba. O teto de pedra dava a impressão de que ia comprimi-los. As fendas estavam úmidas e baratas corriam por toda parte.

— Será que estamos num esgoto? — perguntou Thorn.

— É bastante úmido aqui embaixo. Por que diabo será assim?

O fósforo se apagou e eles ficaram novamente na escuridão.

— O deserto é extremamente árido. De onde estará vindo essa água?

— Deve haver uma fonte subterrânea...

— Ou um reservatório. Eu não ficaria surpreso se estivéssemos perto daquele sistema de irrigação subterrâneo. Eles descobriram conchas lá no deserto. É bem possível que tenha existido por aqui uma grande massa de água, antes do tal terremoto.

Thorn ficou calado, a respiração ainda ofegante.

— Vamos indo, Jennings.

— E como pretende passar por esse muro?

— Vamos voltar e sair daqui.

Eles começaram a voltar, tateando, as mãos deslizando pelas paredes de pedra úmidas. O progresso era lento. Na escuridão, cada metro parecia um quilômetro. De repente, a mão de Jennings caiu num espaço vazio.

— Thorn...

Ele segurou o braço de Thorn e puxou-o para junto de si. Ao lado deles havia outro corredor, formando um ângulo reto com aquele que tinham percorrido. No escuro, tinham antes passado direto, sem percebê-lo.

— Há uma luz lá no fundo — sussurrou Thorn.

— Provavelmente é o nosso pequeno Gandhi.

Eles seguiram pelo segundo corredor, avançando lentamente. Não era mais um canal de escoamento de águas, mas uma caverna, o caminho irregular, com rochas aflorando bruscamente. Foram tateando, gradativamente divisando o que havia à frente. Não era a claridade de uma única tocha, mas toda uma câmara iluminada. E lá estavam dois homens, esperando e observando o avanço deles. Um era o mendigo árabe, a tocha apagada na mão. O outro era um homem idoso, de calça curta cáqui e camisa de mangas curtas, parecendo-se com os arqueólogos que eles tinham encontrado no local das escavações, no deserto lá em cima. O rosto era solene e enrugado, a camisa estava grudada no corpo pelo suor. Por trás dele, podia-se ver uma mesa de madeira, com pilhas de papéis e pergaminhos.

Jennings e Thorn subiram pelo caminho em aclave, espremendo-se por entre algumas rochas, para entrarem na câmara. E ali pararam, confusos, semicerrando os olhos diante da súbita claridade. A câmara estava iluminada por dezenas de lampiões

acesos. Nas sombras das paredes, viam-se os contornos vagos de prédios e escadarias de pedra, escavadas diretamente na rocha. O chão era de terra compacta. Mas, em alguns lugares, que sofreram a ação prolongada das goteiras de estalactites, podiam-se ver os formatos de pedras de calçamento, de ruas antigas.

— Duzentas dracmas — disse o árabe, estendendo a mão.

— Podem pagá-lo? — perguntou o homem de calça cáqui.

Thorn e Jennings fitaram-no. O homem deu de ombros, como se pedisse desculpas.

— Você é ...?

Jennings parou a frase, no meio, diante de um aceno brusco do homem, logo insistindo:

— Você é Bugenhagen?

— Sou.

Jennings estava com uma expressão desconfiada.

— Bugenhagen foi um exorcista do século XVII.

— Isso foi há nove gerações atrás.

— Mas você ...

— Sou o último — disse o homem, rispidamente. — E o menos importante.

Ele foi para trás da mesa e sentou-se, com visível esforço. A luz do lampião sobre a mesa mostrou uma pele tão pálida que era quase transparente. O rosto estava contraído, numa expressão amargurada, como se ele não visse a menor satisfação no que tinha de ser feito.

— Que lugar é este? — perguntou Thorn.

— Estamos em Jezreel, na cidade de Meggido. Minha fortaleza e minha prisão. O lugar em que a cristandade começou.

— Sua prisão?

— Geograficamente, este lugar é o berço da cristandade. Enquanto eu permanecer aqui dentro, nada poderá fazer-me mal.

Ele fez uma pausa observando as reações dos dois homens. Estavam apreensivos, visivelmente desconfiados.

— Poderiam fazer a gentileza de pagar ao meu mensageiro?

Thorn meteu a mão no bolso e tirou algumas notas. O árabe pegou o dinheiro e imediatamente desapareceu, deixando os três imóveis, em silêncio. A imensa câmara estava fria e úmida. Thorn e Jennings tremiam um pouco, olhando ao redor.

— Nesta praça em que estamos agora — disse Bugenhagen — outrora marcharam exércitos romanos. E velhos sentados em bancos de pedra espalharam os rumores do nascimento de Cristo. As histórias foram registradas naquele prédio e depois compiladas em livros que conhecemos como a Bíblia.

Os olhos de Jennings se fixaram numa caverna maior e mais escura, atrás do velho. Bugenhagen seguiu o olhar dele e explicou:

— Toda a cidade ainda existe. São trinta e cinco quilômetros, de norte a sul. A maior parte ainda é transitável, exceto nos lugares em que ocorreram desmoronamentos recentes. Eles continuam escavando lá fora, provocando desmoronamentos. Quando finalmente chegarem aqui, estará tudo reduzido a escombros.

Ele fez uma pausa, pensativo, uma expressão de tristeza.

— Mas o homem é assim mesmo ... Acha que tudo que deve ser visto tem de estar bem visível ...

Thorn e Jennings ficaram calados, procurando digerir tudo o que estavam vendo e ouvindo.

— O pequeno padre ... — disse Bugenhagen. — Ele já morreu?

Thorn virou-se para ele, com um sobressalto, ao recordar-se de Tassone.

— Já — disse ele.

— Então, sente-se, Mr. Thorn. É melhor começarmos logo a trabalhar.

Thorn estava relutante e permaneceu onde estava. O velho olhou para Jennings e disse:

— Peço que nos dê licença. O problema tem que ser tratado a sós com Mr. Thorn.

— Estou metido nisso junto com ele! — protestou Jennings.

— Lamento dizer-lhe que não pode participar.

— Mas fui eu quem o trouxe até aqui!

— Tenho certeza de que Mr. Thorn lhe é grato por isso.

— Thorn ...?

— Faça o que ele está dizendo, Jennings.

Jennings ficou rígido, sentindo-se ofendido com a sua exclusão da conversa.

— E para onde diabo eu vou agora?

— Pegue um dos lampiões e dê uma volta pela cidade — sugeriu Bugenhagen.

Relutantemente, Jennings acabou obedecendo. Lançou um olhar furioso para Thorn e depois pegou um dos lampiões pendurados na parede, afastando-se.

Houve um longo silêncio, constrangedor. O velho levantou-se da cadeira e ficou esperando até que o barulho dos passos de Jennings se desvanecesse na distância.

— Confia nele, Mr. Thorn?

— Confio.

— Não confie em ninguém.

Ele virou-se e remexeu em algumas prateleiras escavadas na rocha, pegando um embrulho de pano.

— E por que eu deveria confiar em você? — perguntou Thorn.

Em resposta, o velho voltou para a mesa e abriu o embrulho, deixando à mostra sete estiletos, que rebrilhavam à luz dos lampiões. Os cabos eram de marfim, todos esculpidos com a imagem de Cristo na cruz.

— Confie apenas nisto — disse Bugenhagen. — Só estes estiletos poderão salvá-lo.

Nas cavernas mais além, o ar estava parado. Jennings ia avançando, meio agachado, para não bater no teto baixo e irregular de rocha, olhando espantado para o círculo de luz projetado pelo lampião que tinha na mão. Por toda parte, havia objetos encravados nas paredes de rochas, esqueletos pela metade, degraus que outrora margeavam a antiga rua. Ele seguiu em frente, aprofundando-se cada vez mais no túnel estreito.

Na primeira câmara, a claridade diminuía. Os olhos de Thorn estavam cheios de medo, enquanto ele olhava para a mesa. Os sete estiletos estavam cravados na madeira, formando o sinal da cruz.

— Tem que ser feito em terreno santificado — disse o velho Bugenhagen. — Numa igreja. O sangue deve ser derramado sobre o altar de Deus.

As palavras eram pontuadas por silêncio, enquanto o velho examinava atentamente o rosto de Thorn, para certificar-se de que ele estava compreendendo.

— Cada estilete deve ser enterrado até o cabo, até os pés da imagem de Cristo. E devem ser cravados deste jeito, formando o sinal da cruz.

A mão encarquilhada do velho agarrou o estilete que estava no meio e arrancou-o, com alguma dificuldade.

— O primeiro estilete é o mais importante. Extingue a vida física e forma o centro da cruz. Os estiletos seguintes extinguem a vida espiritual e devem ser cravados de dentro para fora, assim ...

Ele fez uma pausa, avaliando a expressão de Thorn.

Não deve se deixar dominar pela compaixão, Mr. Thorn. Não é uma criança humana.

Thorn esforçou-se por recuperar a voz. Quando finalmente o conseguiu, soou-lhe estranha, áspera e irregular, refletindo a sua angústia:

E se houver algum engano? E se ele não for ...

Não cometa nenhum engano.

— Tem que haver alguma prova ...

Ele tem uma marca de nascença. Uma sequencia de 6.

Thorn respirou fundo.

Ele não tem nenhuma marca!

A Bíblia diz que todos os apóstolos de Satã têm essa marca.

Ele não tem marca nenhuma!

Está na Bíblia: “Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é o número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis”.

Tenho certeza de que ele não tem marca nenhuma.

Mas tem que ter!

Dei banho nele pessoalmente. E examinei cada pedacinho de seu corpo.

— Se não é visível no corpo, então irá encontrá-la por baixo dos cabelos. Ele não nasceu com muito cabelo?

Thorn recordou a primeira vez que vira o menino. Ficara impressionado com a quantidade de cabelos.

Remova os cabelos — instruiu Bugenhagen. — Encontrará a marca escondida por baixo.

Thorn fechou os olhos e baixou a cabeça, enterrando-a nas mãos.

A partir do instante em que começar, não mais hesite.

Thorn sacudiu a cabeça, incapaz de aceitar a missão.

Está duvidando de mim? — indagou Bugenhagen.

Não sei mais em que acreditar ...

O velho recostou-se na cadeira, estudando-o calmamente.

Seu filho por nascer foi morto, conforme tinha sido previsto.  
Sua esposa está morta ...

Mas ele é um menino!

Precisa de mais provas?

Preciso!

— Pois então espere mais um pouco. Só faça depois que estiver absolutamente convencido de que é o que precisa ser feito. Ou então fará tudo errado. Se estiver inseguro, eles o vencerão.

— Eles?

— Disse que havia uma mulher, que serve de babá para o menino.

— Mrs. Baylock ...

O velho sacudiu a cabeça, reconhecendo o nome.

— O verdadeiro nome dela é B'aalock. Ela é totalmente devotada a Satã e morrerá antes de permitir-lhe que cumpra sua missão.

Eles ficaram em silêncio. Soaram passos na caverna atrás. Jennings emergiu da escuridão, com uma expressão aturdida.

— Milhares de esqueletos ... — sussurrou ele.

— Sete mil, para ser exato — informou Bugenhagen.

— O que aconteceu?

— Meggido era Armageddon. O fim do mundo.

Jennings aproximou-se, visivelmente abalado com o que vira.

— Está querendo dizer ... que Armageddon já ocorreu?

— Claro que sim. E tornará a ocorrer muitas vezes.

Ele pegou os estiletos e arrumou-os cuidadosamente, embrulhando-os no pano e entregando a Thorn. Este quis recusar, mas Bugenhagen colocou o embrulho em suas mãos. Thorn levantou.

— Tenho vivido por muito tempo — murmurou Bugenhagen, a voz trêmula. — E agora rezo para não ter vivido todo esse tempo em vão.

Thorn virou-se e seguiu Jennings para a escuridão por onde tinham vindo. Avançou em silêncio olhando para trás uma única vez para ver a câmara distante. Mas ela havia desaparecido. Os lampiões tinham sido apagados e a câmara se fundira com a escuridão.

Percorreram calados as ruas de Jerusalém. Thorn agarrava firmemente o embrulho. Sua disposição era sombria e caminhava como um autômato, alheio ao que acontecia ao redor, os olhos fixados à frente. Jennings tentou interrogá-lo, mas Thorn se recusou a dizer qualquer coisa. Ao percorrerm a calçada estreita de uma rua em obras, o fotógrafo teve quase que correr, para conseguir acompanhar Thorn. E gritou de repente, mais alto que o barulho ensurdecedor das britadeiras:

— Só quero saber o que ele disse! Afinal, tenho ou não o direito de saber?

Mas Thorn continuou em frente, calado, obstinadamente, acelerando o passo, como se tentasse distanciar-se de Jennings.

— Thorn! Eu quero saber o que ele disse!

Jennings correu, segurando o braço de Thorn.

— Essa não, Thorn! Eu não sou um simples curioso! Fui eu que o encontrei!

Thorn estacou bruscamente, lançando um olhar furioso para Jennings.

— Exatamente! Foi você, não é mesmo? Você é quem tem descoberto todas essas coisas!

— O que está querendo dizer?

— Você é quem tem insistido nisso tudo. Você é quem tem posto ideias na minha cabeça ...

— Ei, vamos com calma ...

— Foi você quem tirou aquelas fotografias ...

— Espere aí...

— Foi você quem me trouxe até aqui!

— Mas o que está havendo com você, Thorn?

— E eu nem mesmo sei quem é você!

Ele desvencilhou-se da mão de Jennings e virou-se. O fotógrafo tornou a segurá-lo.

— Vai esperar um minuto e ouvir tudo o que tenho a dizer.

— Já escutei o bastante.

— Estou tentando ajudá-lo, Thorn ...

— Já chega!

Eles se fitaram em silêncio por um momento. Thorn estava tremendo de raiva.

— E pensar que eu estava realmente dando ouvidos a todas essas coisas! E acreditando!

— Thorn ...

— Pelo que sei, aquele velho não passa de um faquir que vende facas.

— Mas do que está falando, Thorn?

Thorn levantou o embrulho, com as mãos trêmulas.

— Isto aqui são facas! Armas mortais! E ele quer que eu o apunhale! Quer que eu assassine aquela criança!

— Ele não é uma criança.

— É, sim!

— Pelo amor de Deus, Thorn! Que mais provas você .. .

— Que espécie de homem está pensando que eu sou?

— Acalme-se, Thorn.

— Não! Não vou fazer o que ele está querendo! Não quero me envolver! Assassinar uma criança? Que espécie de homem estão pensando que eu sou?

Numa explosão de raiva, ele virou-se bruscamente e arremessou o pacote com os estiletos para longe. Foi bater numa parede e caiu à entrada de uma viela. Jennings fitou os olhos furiosos de Thorn e murmurou:

— Talvez você não queira fazer, mas eu farei.

Ele virou-se para se afastar, mas Thorn deteve-o.

— Jennings ...

— O que é?

— Nunca mais quero vê-lo. A partir deste momento, eu me desligo de toda essa história.

Com os lábios contraídos, Jennings encaminhou-se rapidamente para a viela, procurando o embrulho com os estiletos. O chão estava coberto de entulho, o ar ressoava com o estrondo das britadeiras e de outras máquinas. Jennings avistou o pequeno embrulho junto a uma lata de lixo. Avançando rapidamente, ele inclinou-se. Não viu o braço do imenso guindaste oscilar por cima de sua cabeça, parando apenas o tempo suficiente para deixar escapar o imenso painel de vidro que suspendia no ar. O vidro desceu velozmente, com a determinação de uma guilhotina, acertando em Jennings logo acima do colarinho, decapitando-o, antes de bater no chão e se fragmentar em mil pedaços.

Thorn ouviu o impacto e depois os gritos, enquanto pessoas corriam de todas as direções para a viela em que Jennings desaparecera. Seguindo-as, Thorn abriu caminho entre a multidão, até o corpo estendido no chão. Estava decapitado, o sangue esguichando em jorros fracos, como se o coração ainda estivesse

batendo. Uma mulher, numa varanda lá em cima, apontou para baixo e soltou um grito horrorizado. A cabeça fora cair numa lata de lixo e olhava para o céu.

Fazendo um tremendo esforço para se mover, Thorn adiantou-se, pegando o embrulho dos estiletos em meio ao entulho, um pouco além da mão sem vida de Jennings. Com os olhos vidrados, ele saiu da viela, voltando para o hotel.

## Capítulo doze

O vôo de volta a Londres demorou oito horas. Thorn permaneceu o tempo todo sentado, em silêncio, aturdido, a mente se recusando a funcionar. As chamas que haviam outrora ateado o pensamento — especulação, imaginação, dúvida — estavam agora extintas. Já não havia medo, nem sofrimento; a confusão cessara por completo. Ficara apenas a certeza inabalável do que tinha de ser feito.

No aeroporto de Londres, o embrulho com as facas foi devolvido pela aeromoça. Ela guardara o embrulho, de acordo com as precauções contra sequestros, até que o vôo terminasse. Comentou que as facas eram lindas e perguntou a Thorn onde as comprara. Ele respondeu com monossílabos e afastou-se, entrando no prédio do terminal, quase deserto. Já passava de meia-noite e o aeroporto estava fechado. Aquele tinha sido o último vôo, por causa das precárias condições de visibilidade nas pistas de aterrissagem. A cidade estava imersa no *fog*. Os motoristas de táxi se recusaram a levá-lo a Pereford. Era desconcertante voltar a Londres daquela maneira, sem ninguém para esperá-lo, sem ninguém para levá-lo para casa. Thorn ficou angustiado com a recordação de como era antes. Horton estava sempre à sua espera, dando notícias sobre o tempo. E Katherine estava sempre à sua espera em casa, com um sorriso de boas-vindas.

Agora, parado no ar frio da noite, esperando que uma limusine de um serviço de aluguel de carros particulares fosse buscá-lo, Thorn sentiu-se invadido por uma terrível sensação de solidão, enregelado até os ossos.

Quando a limusine finalmente chegou, eles partiram em velocidade reduzida. A impossibilidade de ver alguma coisa, através do nevoeiro espesso, criava a sensação de que não estavam se

movendo. Era como se o carro estivesse simplesmente pairando no espaço. Isso ajudou Thorn a resistir à tentação de pensar no que teria de enfrentar. O passado acabara, o futuro era imprevisível. Havia apenas aquele momento, durando uma eternidade, até que finalmente Pereford apareceu.

A casa estava também imersa no nevoeiro, que turbilhonou em torno do carro, no momento em que parou, depositando Thorn e a bagagem diante da porta. A casa estava silenciosa e toda apagada. Depois que o carro partiu, Thorn continuou parado diante da casa por vários minutos, contemplando-a em silêncio, pensando nas pessoas amadas que ali tinham vivido. Não havia uma única luz acesa no interior da casa, não se ouvia o menor ruído. A mente de Thorn viu-se torturada por imagens fugazes de acontecimentos que ali haviam ocorrido. Viu Katherine nos jardins, brincando com o menino, viu Chessa rindo, a contemplar a cena. Viu a varanda cheia de pessoas e ouviu as risadas, viu o estacionamento repleto de carros, pertencentes às pessoas mais importantes da comunidade britânica. Misericordiosamente, as visões se desvaneceram e ele ficou consciente apenas das batidas do próprio coração, da sensação do sangue a correr-lhe pelas veias.

Reunindo toda a sua coragem, avançou para a porta e inseriu a chave na fechadura, as mãos entorpecidas pelo frio. Ouviu um ruído às suas costas. Era o barulho de algo em movimento, correndo velozmente pela floresta de Pereford, em sua direção. A respiração de Thorn se acelerou e ele tratou de abrir a porta rapidamente, fechando-a assim que entrou. Tinha a sensação de estar sendo perseguido. Mas ao espiar pelo vidro da porta fechada só viu lá fora o nevoeiro denso. O pavor momentâneo era fruto de sua fantasia. Ele sabia que não podia permitir que isso acontecesse novamente.

Trancando a porta, ficou parado por um momento na escuridão, sintonizando os ouvidos para os sons da casa. O sistema de calefação estava funcionando, ressoando pelos tubos de alumínio. O relógio de pé estava batendo, assinalando os segundos que passavam. Thorn atravessou lentamente a sala e foi até a cozinha, abrindo a porta que dava para a garagem. Os dois carros estavam

estacionados ali, lado a lado, a camioneta de Katherine e seu Mercedes. Ele foi até o Mercedes, abriu a porta e girou a chave de ignição. O tanque estava com um quarto de sua capacidade. Dava para chegar a Londres. Deixando a porta do carro aberta e as chaves na ignição, encaminhou-se para a porta da cozinha, parando para apertar o botão que levantava automaticamente as portas da garagem. O nevoeiro turbilhonou por um momento. Thorn julgou ouvir novamente um ruído. Entrando na cozinha, fechou a porta e ficou escutando. Mas não havia nada. Sua mente estava lhe pregando peças.

Acendendo a luz, correu os olhos ao redor. Estava tudo exatamente como deixara. Era como se as empregadas tivessem se retirado para dormir, deixando tudo em seu lugar. Havia até uma panela de cereais no forno, pronta para ser servida pela manhã. Aquilo deixou Thorn abalado. Estava tudo tão normal, tão incompatível com o que ele sabia ser verdade!

Aproximando-se da pia, Thorn tirou o embrulho do bolso interno do casaco e abriu-o. Todas as sete facas ali estavam, parecendo terem sido recentemente afiadas, as lâminas refletindo partes do rosto dele, enquanto levantava uma a uma, para examiná-las. Viu os próprios olhos, vidrados e resolutos. Mas percebeu também, nas imagens refletidas nas lâminas, algumas gotas de suor. Uma sensação de fraqueza invadiu-o, tornando as suas pernas bambas. Ele procurou recuperar-se. Tornou a embrulhar as facas, com as mãos trêmulas, guardando-as debaixo do casaco.

Passou para a copa e subiu uma escada de madeira estreita, abaixando a cabeça para não bater na lâmpada nua que a iluminava, suspensa do teto por um fio. Era a escada dos criados e Thorn só a usara uma única vez, quando brincava de esconder com Damien. Recordou-se de, na ocasião, ter pensado em tomar alguma providência com aquele fio, que estava desencapado, receando que um dia Damien pudesse subir em alguma coisa e tocá-lo. Era apenas um dos muitos perigos naquela casa velha e obsoleta. Havia janelas nos andares superiores que se abriam com muita

facilidade, propiciando quedas abruptas. Alguns balcões eram inseguros, as grades estavam em mau estado.

Thorn tinha a sensação de que estava vivendo um sonho, que a qualquer momento iria despertar ao lado de Katherine e contar a terrível fantasia que surgira em sua mente. Ela demonstraria preocupação e o tranquilizaria com seu contato. O menino entraria no quarto, o rosto fresco e rosado, recém acordado.

Ele chegou ao patamar do segundo andar e percorreu o corredor às escuras. A confusão que o atormentara, pouco antes da morte de Jennings, voltou a invadi-lo. Rezou para entrar no quarto de Damien e descobrir que estava vazio, verificar que a casa estava escura e silenciosa porque Mrs. Baylock saíra com o menino. Mas ouviu o barulho da respiração de ambos e seu coração disparou, de angústia e desespero. Os dois estavam em casa, dormindo. Os roncos da mulher eram pontuados pela respiração mais leve e tranquila do menino. Thorn sempre sentira que ali, naquele corredor, suas vidas de alguma forma se misturavam e entrelaçavam, enquanto dormiam. A respiração deles se encontrava e se fundia na escuridão, criando uma união que não conheciam quando estavam despertos. Thorn encostou-se na parede, escutando. Depois, entrou silenciosamente em seu próprio quarto e acendeu a luz.

A cama estava feita, como se o esperassem. Ele sentou-se, os olhos pousando na fotografia emoldurada dele e de Katherine. Como pareciam jovens, tão cheios de promessas! Thorn estendeu-se na cama e sentiu as lágrimas escorrendo dos cantos dos olhos. Tinham chegado sem aviso e ele não resistiu, deixando que fluíssem livremente. Lá embaixo, um relógio bateu duas horas. Thorn levantou e foi para o banheiro, acendendo a luz. E recuou, horrorizado. O banheiro estava numa confusão total, com os potes de maquiagem quebrados por toda parte, como se alguma comemoração macabra tivesse ocorrido ali. Potes de pó-de-arroz e cremes faciais estavam quebrados pelo chão, os ladrilhos estavam riscados de batom, o vaso estava entupido de escovas e rolos para os cabelos, como se alguém tivesse tentado afundá-los com a

descarga. A cena dava a impressão de uma ira maligna. Embora Thorn não pudesse compreender por quê, não teve a menor dúvida de que era dirigida contra Katherine. Aquilo fora feito por um adulto. Os potes tinham sido quebrados com grande força, os riscos de batom nos ladrilhos eram compridos. Era a obra de um lunático. Um lunático cheio de ódio. Thorn estava atordoado. Olhou para a sua imagem, num espelho quebrado. Viu seu rosto endurecer subitamente. Abaixou-se e abriu uma gaveta. O que procurava não estava ali. Abriu um armário e vasculhou-o, até encontrar o que estava querendo. Era um barbeador elétrico. Thorn ligou-o, experimentando, sentindo o pequeno aparelho vibrar em sua mão. Ao desligar, julgou ter ouvido um barulho. Era um rangido no assoalho lá de cima. Ele ficou parado, em silêncio, mal respirando, até que o barulho cessou. E não tornou a surgir.

O suor se acumulara no lábio superior de Thorn e ele removeu-o com a mão trêmula. Saiu do banheiro e atravessou o quarto, parando à entrada do corredor às escuras. Quando ele avançou, o assoalho rangeu sob seus pés. O quarto do menino ficava depois do quarto de Mrs. Baylock. Ao passar pela porta dela, Thorn parou. Estava ligeiramente entreaberta e ele podia ver lá dentro. Ela estava deitada de costas, com um braço pendendo para fora da cama, as unhas pintadas, com um verniz vermelho berrante. O rosto estava pintado também, da mesma forma como ele já vira antes, com muito pó-de-arroz e um excesso de batom, como uma prostituta. E, desta vez, ela acrescentara também ruge e sombra nos olhos. Estava imóvel e roncando, o imenso estômago subindo e descendo, projetando uma sombra no chão.

Com os dedos trêmulos, Thorn fechou a porta, forçando-se em seguida a continuar, até a porta ao final do corredor. Estava também ligeiramente entreaberta. Ele empurrou-a e entrou no quarto, fechando a porta em seguida. Ficou imóvel, encostado na porta, olhando para o filho. O menino estava adormecido, o rosto sereno e inocente. Thorn desviou os olhos, não se atrevendo a fitá-lo novamente. Retesou os músculos e prendeu o fôlego. Avançou então, apertando o barbeador com toda a força. Parando ao lado do

menino, ele ligou o barbeador. Zumbiu ruidosamente, o barulho se espalhando pelo quarto. O menino continuou a dormir, alheio a tudo. Thorn inclinou-se, os braços tremendo. Estendeu o barbeador que zumbia e encostou-o na pele do menino. Os cabelos caíram no mesmo instante e Thorn estremeceu, ao ver a desfiguração. O couro cabeludo muito branco parecia uma cicatriz terrível entre os cabelos pretos, abundantes e lustrosos. Ele baixou o barbeador novamente e abriu uma trilha atrás na cabeça, os cabelos flutuando, não se atrevendo a fitá-lo novamente. Retesou os músculos e começava a se remexer. Ofegando de desespero, Thorn passou a agir mais depressa. E mais cabelos caíram, enquanto as pálpebras do menino tremiam e a cabeça se mexia, procurando desviar-se. Damien estava acordando agora, ainda tonto de sono, tentando levantar a cabeça. Thorn sentiu-se invadido pelo pânico e empurrou a cabeça do menino contra o travesseiro, com toda a força. Damien, aterrorizado, tentou desvencilhar-se. Mas Thorn apertou a cabeça com mais força, gemendo pelo esforço e de repulsa enquanto continuava a empurrar o barbeador, arrancando mais e mais cabelos. Damien estava agora se debatendo e se contorcendo. O barbeador ia arrancando os cabelos ao acaso. Os gritos abafados de terror do menino foram se tornando cada vez mais desesperados, enquanto Thorn se esforçava em mantê-lo deitado. O couro cabeludo estava ficando quase todo exposto e Thorn soluçava sem parar. O corpo pequeno do menino esperneava e se debatia, no esforço de aspirar mais ar. Subitamente, os olhos de Thorn se arregalaram. Com mais firmeza agora, ele aplicou o barbeador num ponto determinado, atrás, na cabeça do menino. Era ali que estava. A marca de nascença. Parecia uma crosta de ferida. O barbeador passara por cima e fizera sangrar, mas dava para se ver claramente o que estava marcado no couro cabeludo. Eram 6. Três deles, formando uma espécie de trevo, com as pontas curvas e se tocando no centro. Thorn recuou e o menino se levantou bruscamente, ofegante, aspirando o ar sofregamente, a olhar para o pai, aterrorizado. As mãozinhas tatearam a cabeça raspada e desceram cheias de sangue. Damien olhou para elas e desatou a gritar de medo. Estendeu os braços para o pai, gritando e

chorando. Thorn estava paralisado pelo medo impotente e desesperado nos olhos do menino. Mas não se sentia capaz de consolá-lo. Em vez disso, começou a soluçar, enquanto as mãozinhas ensanguentadas de Damien se estendiam em sua direção, o menino suplicando por ajuda.

— Damien ... — soluçou Thorn.

Foi neste momento que a porta atrás dele se abriu violentamente. Thorn virou-se, deparando com o vulto imenso de Mrs. Baylock atravessando o ar, os lábios muito vermelhos escancarados num grito sobrenatural de raiva. Thorn virou-se para pegar o menino, mas a mulher veio cair em cima dele, derrubando-o no chão. Damien soltou um grito de terror e correu da cama. Thorn rolou por baixo da mulher, agarrando as mãos dela, que se comprimiam contra seus olhos e garganta. Bateu nela. Mas Mrs. Baylock era pesada demais para que ele conseguisse desvencilhar-se. As mãos grandes dela foram lhe apertando a garganta, até que seus olhos começaram a ficar esbugalhados. Desesperado, Thorn empurrou o rosto dela. Os dentes da mulher se cravaram em sua mão. Um abajur caiu de uma mesinha ao lado. Thorn pegou-o e bateu com toda a força na cabeça da mulher. O abajur espatifou-se com o impacto, deixando-a atordoada. Ela estremeceu, o corpo pendendo para o lado. Thorn golpeou-a novamente, com a base quebrada do abajur, sentindo o crânio ceder, enquanto o sangue escorria sobre o pó-de-arroz nas faces e no queixo dela. Mas ela continuava a agarrá-lo. Thorn golpeou uma terceira vez, antes que ela caísse para o lado. Levantou-se, a cambalear, indo encostar-se na parede, ao lado do menino, parado ali, com os olhos vidrados, numa expressão aterrorizada. Thorn segurou-o e arremessou-se pela porta. E saiu correndo, esbarrando nas paredes do corredor, na direção da escada dos fundos. Bateu a porta assim que passou. Damien agarrou a maçaneta, sem querer largar. Thorn puxou-o com toda a força. As mãos do menino lhe arranhavam o rosto, enquanto os dois desciam pela escada aos tropeções. No meio da escada, o menino agarrou a lâmpada que ali estava dependurada. Thorn tentou desvencilhá-lo. Subitamente, ambos foram sacudidos por

uma descarga elétrica, que os derrubou, fazendo-os rolar até o fundo da escada.

No chão da copa, Thorn ficou de quatro, atordoado, tentando recuperar o controle. Descobrindo o menino caído a seu lado, inconsciente, ele tentou levantá-lo, mas não conseguiu. Recuou bruscamente, ao ouvir a porta da cozinha se abrir, virando-se, ainda tonto. Era Mrs. Baylock, cambaleando, o sangue a escorrer profusamente da cabeça. Thorn tentou ficar de pé, mas a mulher agarrou-o pelo casaco, sacudindo-o, enquanto ele desesperadamente tentava segurar-se nas maçanetas das gavetas, que se abriam e caíam e o conteúdo se espalhava no chão. Thorn terminou caindo de todo no chão, com a mulher por cima dele, as mãos ensanguentadas voltando a apertar-lhe a garganta. O rosto dela estava agora rosado, da mistura de pó-de-arroz e sangue. Os dentes rangiam, enquanto ela rosnava. Thorn estava impotente, sufocando, fitando aqueles olhos desvairados. E o rosto dela foi se aproximando, até que os lábios dela se colaram contra os dele. O chão em torno deles estava coalhado de objetos derramados das gavetas. As mãos de Thorn se estenderam desesperadamente e acabaram encontrando um par de garfos. Ele apertou-os com força, um em cada mão. Num único movimento, os dois garfos se ergueram subitamente e golpearam a cabeça da mulher, enterrando-se fundo nas têmporas. Ela soltou um grito horrível e afastou-se para trás. Thorn se levantou, a muito custo. A mulher também ficou de pé, cambaleando pela copa, tentando em vão arrancar os garfos espetados em sua cabeça.

Atravessando rapidamente a copa, Thorn pegou o menino ainda inconsciente e cambaleou na direção da porta da garagem, saindo por ela. Avançou para a porta aberta do carro. Já estava quase chegando quando ouviu um súbito rosnado às suas costas. Virou a cabeça e viu uma mancha de pêlo preto voando sobre o ar e vindo bater em seu ombro. Ele caiu de lado, no interior do carro. Era o cão, mordendo-lhe o braço e puxando-o, tentando tirá-lo do carro. O menino fora cair no banco ao lado dele. Com a mão boa, Thorn pegou a porta do carro e começou a batê-la com toda a força no

focinho do cachorro, até que o sangue começou a esguichar. O cão uivou de dor e largou-o. Rapidamente, Thorn bateu a porta do carro.

Dentro do carro, Thorn procurava freneticamente as chaves, enquanto lá fora o cão, desvairado, saltava em cima do capô, arremessando-se com tremenda força contra o para-brisa. O vidro estremecia a cada impacto. As mãos trêmulas de Thorn finalmente encontraram as chaves, mas elas escapuliram e caíram no chão. Thorn tateou desesperadamente à procura delas, enquanto o menino começava a gemer e o cão continuava a se arremessar contra o para-brisa, agora já rachado. Encontrando as chaves, Thorn inseriu uma na ignição. Ao levantar novamente a cabeça e olhar pelo para-brisa, ficou paralisado de horror. Era a mulher novamente, ainda viva, saindo da cozinha a cambalear, com as suas últimas forças, erguendo lentamente uma marreta, à medida que se aproximava do carro. Thorn virou a chave na ignição. Mas no instante em que o carro pegou, o malho desceu violentamente, abrindo um buraco grande no para-brisa. O cão imediatamente enfiou a cabeça pela abertura. A boca estava aberta, uma baba escorria pelos cantos. Thorn inclinou-se para trás, enquanto a cabeça do animal ia se aproximando cada vez mais. Ele estava preso no assento, os dentes do cão se fechando a poucos centímetros de seu rosto. Enfiou a mão dentro do casaco e pegou um dos estiletes. Tirando-o, levantou-o e enfiou-o com toda a força entre os olhos muito juntos do animal. O estilete entrou até o cabo. O cão escancarou a boca, emitindo um rugido de dor, mais parecido com o grito de um leopardo que com o de um cachorro. O animal recuou bruscamente, escorregando de cima do capô, rolando pelo chão, com as patas dianteiras tentando arrancar o estilete cravado em sua testa. Seu grito de agonia pareceu sacudir a garagem. Thorn engatou o carro e saiu em marcha à ré. Mrs. Baylock foi seguindo o carro, ao lado da janela, cambaleando, a suplicar, o rosto transformado numa massa rosada informe:

— Meu menino ... meu menino ...

Thorn passou por ela e parou por um instante, mudando a marcha novamente e arrancando para a frente. A mulher correu para o caminho mais adiante, erguendo os braços, numa última tentativa de bloquear a fuga. Thorn acelerou, jogando pedrinhas para os lados, seguindo diretamente para cima da mulher. Poderia ter-se desviado para não atropelá-la. Mas não o fez. Rangendo os dentes, ele calçou o acelerador. O rosto desesperado foi iluminado pelos faróis por um instante, antes de o carro atingi-la, o para-choque dianteiro amassando, enquanto ela era arremessada a distância. Quase no fim do caminho, Thorn parou por um instante, dando uma olhada no espelho retrovisor. Viu o corpo da mulher, uma massa de carne sem vida, grotescamente caído no chão, sobre o cascalho. No gramado, estava caído o corpo do cão, convulsionando-se silenciosamente, iluminado pelo luar.

Thorn tornou a arrancar e entrou na estrada a toda velocidade, indo bater num muro, com a traseira. Mas ele controlou o carro e seguiu em frente. A seu lado, o menino continuava inconsciente. Ele pisou no acelerador até o fundo, indo em direção a Londres. A madrugada estava despontando e o nevoeiro começava a se dissipar. O carro de Thorn ocupava a estrada vazia como um jato numa pista de decolagem. Estava praticamente voando. A linha no meio da estrada era o marco que Thorn seguia, em velocidade sempre crescente.

O menino estava voltando a si, começando a se mexer e gemer de dor. Thorn concentrava sua atenção na estrada, tentando excluir até mesmo a consciência da presença de Damien.

— Ele não é uma criança humana! — gritou Thorn, por entre os dentes cerrados. — Ele não é uma criança humana!

E continuou em frente, com o menino gemendo a seu lado, mas ainda sem conseguir recuperar totalmente os sentidos.

Thorn entrou em velocidade excessiva no desvio, derrapando bruscamente e quase saindo para fora da rampa. O movimento brusco lançou Damien no chão do carro. Eles estavam seguindo na direção da Igreja de Todos os Santos. Thorn já podia divisar as

torres altas à sua frente. Damien, tendo acordado ao ser lançado no chão do carro, estava agora olhando para ele, com uma expressão de inocência nos olhos.

— Não olhe para mim ... — balbuciou Thorn.

— Está doendo ...

— Não olhe para mim!

O menino obedeceu, baixando os olhos para o chão. Os pneus do carro rangeram, ao entrarem a toda velocidade numa curva, aproximando-se cada vez mais da igreja. Thorn olhou para cima e descobriu que o céu tinha subitamente escurecido. Era como se fosse noite novamente, um manto de escuridão baixando inexoravelmente, com incrível violência, enquanto relâmpagos riscavam o céu e os raios começavam a cair ao redor.

— Papai ... — choramingou Damien.

— Não fale!

— Estou doente ...

E ele começou a vomitar. Thorn pôs-se a gritar, para abafar os gemidos de dor do menino. A chuva desabou, com tremenda violência. O vento arremessava detritos contra o para-brisa. Thorn freou o carro abruptamente diante da igreja e abriu a porta. Agarrando Damien pela gola do pijama, puxou-o sobre o assento. Mas o menino começou a espernear e a gritar. Os pés acertaram no estômago de Thorn, empurrando-o para trás, a cambalear pela rua. Thorn recuperou o equilíbrio e voltou, agarrando um pé e puxando o menino para fora do carro. Mas Damien conseguiu desvencilhar-se e começou a correr. Thorn correu atrás dele, agarrando-o pelo pijama e derrubando-o com toda a força no chão. Por cima deles, o céu explodia em trovoadas. Um raio caiu bem perto do carro. Damien contorceu-se na calçada molhada e conseguiu novamente escapular das mãos de Thorn. Ele pulou em cima do menino, prendendo-o sob seu corpo. Depois, agarrando-o pelo peito, levantou-se, arrastando-o na direção da igreja. O menino debatia-se freneticamente, gritando sem parar.

Do outro lado da rua, uma janela se abriu e um homem gritou. Mas Thorn continuou em frente, sem se virar, sob a chuva intensa, o rosto contorcido numa máscara de terror, cambaleando na direção dos degraus imensos da escadaria da igreja. Um vento uivante começou a soprar acertando em cheio no rosto de Thorn, como se procurasse empurrá-lo para trás. Ele se inclinou e lutou para avançar, passo a passo, com esforço ingente. O menino se debatia em seus braços e mordeu-lhe o pescoço. Thorn soltou um grito de dor, lutando para continuar em frente. Por cima das trovoadas, soou o gemido de uma sirena da polícia. Da janela do outro lado da rua, uma voz de homem gritou desesperadamente para que Thorn largasse o menino. Mas ele não estava ouvindo e avançou sem parar, enquanto o vento uivava ao seu redor e o menino dilacerava a carne de seu rosto. Um dedo se enfiou em seu olho e Thorn caiu de joelhos, apertando o menino com toda a força. Levantou-se novamente, a cambalear, arrastando o menino para frente. Os raios começaram a cair no asfalto e foram se aproximando deles, mas pararam bruscamente. Thorn estava agora no primeiro degrau da igreja, puxando com todas as suas forças o menino, que se debatia e gritava. Mas não ia conseguir. Suas forças estavam se desvanecendo, enquanto as do menino aumentavam. As unhas de Damien rasgaram a carne em torno dos olhos de Thorn, os joelhos golpearam o estômago dele. Thorn ofegou, esforçando-se ao máximo para manter o menino preso. Com uma força sobre-humana empurrou o menino para o chão, mantendo-o ali com uma das mãos, enquanto a outra entrava por baixo do casaco, procurando os estiletes. Com um grito terrível, Damien conseguiu desferir um pontapé no embrulho dos estiletes, espalhando-os pelos degraus. Thorn pegou um deles, ao mesmo tempo em que tentava manter o menino no lugar. A sirene da polícia atingiu o auge e cessou bruscamente, enquanto a criança berrava. Thorn ergueu o estilete acima da cabeça.

— Pare! — gritou uma voz da rua.

Dois policiais saltaram do carro e começaram a correr sob a chuva, um deles sacou o revólver. Thorn olhou para o guarda e

depois para o menino. E, com um grito súbito de raiva, abaixou a faca com toda a força. O grito do menino soou ao mesmo tempo que o estampido de um tiro.

Por um momento, o tempo pareceu parar. Os policiais estavam imóveis, Thorn estava sentado no degrau da igreja, os músculos retesados, o corpo do menino estendido à frente dele. As portas da igreja abriram-se neste momento e um padre surgiu, olhando para a cena, o quadro imóvel além da cortina transparente de chuva.

## *Capítulo treze*

A notícia da tragédia espalhou-se rapidamente por Londres e foi transmitida pelas agências noticiosas para o resto do mundo. A história era confusa, os detalhes conflitantes. Durante quarenta e oito horas, os repórteres apinharam a sala de espera do Hospital Municipal, interrogando todos os médicos, numa tentativa de descobrir exatamente o que acontecera e como. Na manhã do segundo dia, um grupo de porta-vozes do hospital entrou na sala, esperando que as câmaras de televisão começassem a funcionar, antes de fazer sua declaração. A comunicação final foi feita por um médico sul-africano, que tinha vindo de avião do Hospital Groote Schuur, da Cidade do Cabo, para efetuar uma cirurgia altamente especializada.

— Tenho o pesar de comunicar ... que a morte ocorreu às oito e trinta desta manhã. Todos os esforços foram envidados para salvar a vida do paciente, mas o ferimento era de tal monta que o dano foi irreparável.

Um gemido de pesar se ergueu do meio dos repórteres reunidos e o médico ficou esperando até que houvesse silêncio novamente.

— Não haverá mais comunicados à imprensa, pelo menos por enquanto. O serviço religioso será realizado na Igreja de Todos os Santos, onde ocorreu o trágico incidente ... o corpo será em seguida transladado para os Estados Unidos, onde será enterrado.

Na cidade de Nova York, a fila de limusines estava à espera no Aeroporto Internacional John F. Kennedy. Os dois caixões foram colocados no mesmo carro funerário, que os transportou para o cemitério, por uma estrada apinhada. Motociclistas iam abrindo caminho. Havia uma imensa multidão reunida no cemitério, no momento em que o cortejo chegou. Os curiosos e enlutados foram

mantidos a distância por guardas de segurança, enquanto o grupo de autoridades seguia para duas covas abertas, acompanhando os caixões. Um padre de batina branca oficiou a missa, sob uma bandeira americana. O toque de silêncio soou, enquanto os caixões eram lentamente baixados para as covas, antes de começarem os discursos fúnebres.

— Estamos aqui reunidos neste dia — começou o padre — para chorar a morte de dois dos nossos irmãos, que levam consigo uma parte de nós, ao partirem daqui para a eternidade. E vamos lamentar não apenas por eles, que partem agora para o repouso derradeiro, mas também por nós, que tanto sentiremos a falta deles. Não importa o quão curta possa ser uma vida, é uma vida completa. E por isso devemos ser gratos pelo pouco tempo que eles passaram entre nós.

A multidão estava silenciosa. Algumas pessoas choravam, outras protegiam os olhos, com as mãos, do sol intenso.

— Estamos dizendo adeus ao filho de um grande homem ... nascido na riqueza e na segurança ... desfrutando de todos os benefícios terrenos a que um ser humano pode aspirar. Mas, neste caso, vamos descobrir que as benesses terrenas não são suficientes.

Do lado de fora dos portões do cemitério, repórteres a tudo observavam e fotografavam, através de teleobjetivas. Um pequeno grupo estava um pouco distanciado dos demais, comentando a confusão das informações sobre os acontecimentos que tinham levado todos até ali.

— Que caso mais esquisito, hem?

— O que há de esquisito? Não é a primeira vez que pessoas são assassinadas nas ruas.

— O que me diz do cara que os viu lutando nos degraus da igreja e chamou a polícia?

— Ele estava bêbado. Fizeram um exame de álcool no sangue dele e verificaram que tinha mais álcool do que sangue.

— Não sei, não — disse um terceiro. — O negócio também me parece um tanto estranho. O que eles estavam fazendo na igreja àquela hora?

— A esposa dele tinha morrido. Talvez tivessem ido até lá para rezar.

— E que espécie de maluco ia cometer um assassinato nos degraus de uma igreja?

— O mundo está cheio de malucos de todos os tipos.

— Tenho as minhas dúvidas — insistiu o primeiro. — A impressão que se tem é de que estão abafando a verdadeira história.

— Não seria a primeira vez.

— Nem a última.

Dentro do cemitério, os dois caixões chegaram ao fundo das tumbas. O padre ergueu os braços para o céu. Entre os presentes à cerimônia, havia um casal um pouco distanciado dos demais, cercado por policiais à paisana, cujos olhos esquadrihavam furtivamente a multidão. O homem tinha uma aparência distinta e imponente, a mulher estava com um véu preto, segurando a mão de um menino de quatro anos, cujo braço estava aninhado numa tipoia.

— E no momento em que encomendamos Jeremy e Katherine Thorn para o repouso final — disse o padre —, devemos concentrar nossa atenção no filho deles, Damien, o único sobrevivente dessa família outrora grande, que agora se prepara para ingressar em outra família. Que ele possa crescer com o amor que lhe darão, que venha a assumir o legado do pai e se transforme num grande líder da humanidade.

Damien estava observando os dois caixões serem baixados, apertando a mão da mulher a seu lado.

— E, finalmente, Damien Thorn — disse o padre, erguendo os braços para o céu —, possa Deus conceder-lhe suas bênçãos e suas

graças ... que Cristo lhe conceda o amor eterno.

De um céu sem nuvens, veio o rumor distante de trovoadas. Lentamente, a multidão começou a se dispersar. O casal cercado pelos policiais à paisana esperou até que todas as demais pessoas se retirassem. Depois, aproximou-se das sepulturas. O menino ajoelhou-se diante deles, numa prece. As pessoas se viraram e ficaram observando, muitas chorando abertamente. O menino finalmente se levantou e, com seus novos pais, afastou-se lentamente. Os policiais à paisana formaram um círculo em torno deles, escoltando-os até a limusine presidencial.

Quatro motocicletas da polícia escoltaram a limusine por entre a multidão de repórteres, que tiraram diversas fotografias do rosto do menino, que se virou e ficou olhando pela janela de trás do carro que se afastava. Todas as fotografias apresentariam um defeito, uma falha na emulsão do filme, criando uma espécie de neblina que pairava sobre o carro.